

**UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO  
SUL – UNIJUÍ  
DHE - DEPARTAMENTO DE HUMANIDADES E EDUCAÇÃO  
CURSO DE PSICOLOGIA**

**LAÍS CRISTINE JUNG**

**A PERSONAGEM FEMININA NOS CONTOS INFANTIS AO LONGO DA HISTÓRIA**

**SANTA ROSA/RS**

**2020**

LAÍS CRISTINE JUNG

**A PERSONAGEM FEMININA NOS CONTOS INFANTIS AO LONGO DA HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, como requisito parcial à obtenção do título de psicóloga.

Orientadora: Ms. Betina Beltrame

SANTA ROSA/RS

2020

UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO  
SUL – UNIJUÍ – CAMPUS SANTA ROSA/RS  
DHE - DEPARTAMENTO DE HUMANIDADES E EDUCAÇÃO  
CURSO DE PSICOLOGIA

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de  
Curso:

**A PERSONAGEM FEMININA NOS CONTOS INFANTIS AO LONGO DA HISTÓRIA**

Elaborado por:

LAÍS CRISTINE JUNG

Como requisito parcial para a obtenção do título de psicóloga

Comissão Examinadora: Dr. Taís Cervi

---

Orientadora: Ms. Betina Beltrame

---

Santa Rosa, 16 de Dezembro de 2020.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço à minha família, pelo incentivo e amor dedicados durante esse percurso de formação. A vocês toda minha admiração e amor.

Ao meu namorado Giovanni, por sempre estar ao meu lado, acreditando e apoiando esse percurso.

As minhas colegas de faculdade, Joice, Karine, Suzana e Valeska, que desde o início compartilharam comigo os trabalhos acadêmicos, os estudos, as risadas e as angústias. Obrigada pela amizade e apoio durante esses anos de faculdade. Os dias percorridos na Unijuí se tornaram melhores na companhia de vocês.

À minha orientadora Ms. Betina Beltrame, por acompanhar minha trajetória acadêmica desde o Estágio Básico e compartilhar comigo esse encanto pelas histórias infantis.

À Dr. Taís Cervi, é uma felicidade compartilhar contigo este momento da minha formação, obrigada por aceitar o convite.

A todos os professores do curso, que se propuseram a transmitir a Psicologia durante os anos de graduação. Sou grata por todo conhecimento compartilhado.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma estiveram presentes nessa caminhada e acreditaram nessa conquista. Muito Obrigada!

*“A psicanálise sente-se à vontade no terreno das narrativas, afinal, trocando em miúdos, uma vida é uma história, e o que contamos dela é sempre algum tipo de ficção.”*

*(CORSO; CORSO, 2006, p.21)*

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso apresenta reflexões acerca da personagem feminina nas histórias infantis. Discorre-se primeiramente acerca dos contos, descrevendo sua trajetória desde a tradição oral até os contos infantis clássicos e conhecidos. As mudanças ocorridas nos contos refletem os momentos socioculturais pelos quais o mundo perpassou nos últimos séculos, modificando significativamente o papel social da mulher. Com base nisso, analisou-se as mudanças ocorridas relacionadas às personagens femininas nos contos infantis ao longo de sua história, até chegarem nas produções cinematográficas dos Estúdios Disney. A construção teórica da temática como base os autores Bruno Bettelheim, Diana Corso e Mário Corso, que explicitam os conceitos acerca das histórias infantis em relação com a psicanálise. Através desse trabalho, pode-se perceber as mudanças que ocorreram com as personagens femininas, considerando que estas tiveram transformações em sua trajetória dentro dos contos, marcadas pela evolução social e pelo contexto de lutas para o reconhecimento da importância do papel da mulher na sociedade.

**Palavras-chave:** Contos. Personagem Feminina. Psicanálise. Princesa.

## ABSTRACT

The following Final Paper presents reflections about the female character in children's tales. It first discusses the tales, describing their trajectory from oral tradition to classic and well-known children's tales. The changes that have taken place in the stories reflect the socio-cultural moments that the world has gone through in recent centuries, significantly changing the social role of women. Based on this, an analysis was made of the changes related to female characters in children's stories throughout history, until they reached the film productions of Disney Studios. Thus, based on the collected material, we analyzed the changes related to female characters in children's stories throughout history, until they reached the film productions of Disney Studios. The theoretical construction of the theme was based on the authors Bruno Bettelheim and Diana Corso and Mário Corso, who explain the concepts about children's tales in relation to psychoanalysis. Through this work, it is possible to perceive the changes happening with female characters, considering that they have had transformations in their trajectory within the tales, marked by social evolution and the context of struggles for the recognition of the importance of the role of women in society.

**Keyword:** Tales. Female Character. Psychoanalysis. Princess.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>1. ERA UMA VEZ... OS CONTOS INFANTIS</b> .....	10
<b>2. AS MULHERES MODIFICARAM SUA HISTÓRIA</b> .....	17
2.1 EM UM PASSADO NÃO TÃO DISTANTE, SONHOU-SE COM IGUALDADE...	21
<b>3. AS PRINCESAS PRECISAM DE UM FELIZES PARA SEMPRE?</b> .....	24
3.1 CONTOS CLÁSSICOS .....	25
3.2 ESTÚDIOS DISNEY .....	30
<b>3.2.1 Princesas Clássicas</b> .....	31
<b>3.2.2 Princesas Rebeldes/Modernas</b> .....	32
<b>3.2.3 Princesas Contemporâneas</b> .....	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	38
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	41
<b>ANEXOS</b> .....	45
ANEXO A - O mito de Eros e Psique .....	45
ANEXO B - Bela Adormecida do Bosque – Charles Perrault (1697) .....	49
ANEXO C - Cinderela – Charles Perrault (1697) .....	49
ANEXO E - Branca de Neve – Irmãos Grimm (1812) .....	57
ANEXO F - Cinderela – Irmãos Grimm (1812) .....	65
ANEXO G - Rapunzel – Irmãos Grimm (1812) .....	71
ANEXO H - A pequena Sereia - Hans Christian Andersen (1837) .....	75
ANEXO I - A Bela e a Fera – Madame de Beaumont (1756) .....	94



## INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso versa sobre as histórias infantis e sua trajetória de modificações e reconstruções ao longo do tempo, evidenciando as modificações da personagem feminina nesse contexto. Nesta direção, faz-se necessário pesquisar e compreender as contribuições das histórias infantis como uma forma de acesso às crianças, uma vez que os contos permitem o lúdico e as identificações psíquicas com os personagens. Por isso, supõe-se ser importante abordar as modificações que os papéis femininos nos contos sofreram ao longo dos tempos.

Nos primórdios dos contos, as princesas são submissas aos príncipes, suas histórias se desenrolam em contextos que ressaltam a fragilidade e a dependência femininas, e que são findados com “felizes para sempre”, quando o jovem amado as salva dos perigos. Tanto o enredo, quanto o desfecho, condizem com o pensamento da época. Contudo, atualmente, tem-se uma geração que quebra esses conceitos e demonstra que nem todas as princesas precisam de um príncipe para ter uma história com final feliz. Nessa direção, o papel da mulher na sociedade, que passou e continua passando por constantes modificações no campo histórico e cultural, será um tema explorado neste trabalho.

O interesse por essa temática surge a partir da execução da proposta elaborada para o Estágio Básico, do curso de Psicologia da UNIJUÍ, intitulado: *Oficina Terapêutica de Contos*, que oportunizou o primeiro contato com os contos infantis enquanto estudo da Psicologia. Dessa forma, busca-se compreender quais as mudanças ocorridas na personagem mulher nos contos infantis ao longo da história. Além de, verificar historicamente quais mudanças ocorreram para que isso acontecesse, discutindo as diferenças entre princesas clássicas e contemporâneas, que também se desdobram em personagens de filmes infantis, como nas produções cinematográficas dos Estúdios Disney.

Para tanto, será realizada uma revisão bibliográfica, considerando que: “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (GIL, 2002, p. 44). Os principais autores que nortearão a discussão serão: Diana Corso e Mário Corso (2006) e Bruno Bettelheim (1997 e 2018), entre outros.

O trabalho está estruturado em três capítulos, sendo que o primeiro abordará a perspectiva dos contos clássicos, a partir de autores anteriores ao século XX, tais como: Andersen (1805-1875), Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), Perrault (1628-1703), Madame de Beaumont (1711-1780), entre outros. O segundo capítulo, contextualiza historicamente as modificações ocorridas enquanto sociedade, para compreender como estas, se replicam nas questões atuais dos contos e nas personagens femininas. Já o terceiro e último capítulo, abordará em especial das princesas dos Estúdios Disney, classificadas em Clássicas, Rebeldes/Modernas e Contemporâneas, relacionando-as com as questões abordadas nos dois primeiros capítulos deste estudo. Na sequência seguem as considerações finais, as referências bibliográficas e os anexos, que contém os contos citados ao longo das discussões.

## 1. ERA UMA VEZ...OS CONTOS INFANTIS

Este capítulo apresentará as histórias infantis conhecidas hoje. Essas histórias passaram por modificações e se transformaram a partir dos mitos e dos contos populares, eternizados há séculos pela sociedade. Os mitos encontram-se na história da humanidade, como *Psiquê* (vide anexo A), que é a base de diversos outros contos de fadas. Conforme Bettelheim (2018), os mitos possuem as respostas para as questões mundanas de forma explícita, já os contos de fadas são sugestivos, suas mensagens nunca são completamente claras. Visto isso, os contos de fadas deixam a criança decidir a partir de sua fantasia, como aplicar a história em sua vida. Além de que, “Uma criança confia no que o conto de fadas diz porque a visão de mundo aí apresentada está de acordo com a sua.” (BETTELHEIM, 2018, p. 67).

Os contos infantis encontram-se presentes na vida de boa parte das crianças desde muito cedo, mas a maioria dessas histórias, em sua origem, não foram escritas para o público infantil. Ariès (1978) aponta que a criança era vista como um adulto em miniatura até por volta do século XIX, o que o leva a pensar que a infância não era considerada como algo representativo, não havendo espaço para ela nesse mundo. Os contos antes dessa época não eram escritos para os pequenos, mas para os adultos que precisavam lidar com o sofrimento causado pelo contexto histórico de miséria da época.

As histórias que hoje são conhecidas datam do século XIX e conforme Kehl (2006), nasceram juntamente com a criação da família nuclear e da invenção da infância. Consequência desses dois fatos, foi a retirada gradativa das crianças do mundo laboral. Os ideais iluministas juntamente com os novos códigos civis passaram a tratar os pequenos como sujeitos com direitos e proteções legais. Exemplo disso na atualidade é que há no Brasil o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o qual é um conjunto de normas que visam a proteção integral das crianças e adolescentes. Conforme o ECA, na Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990, o direito a liberdade da criança compreende brincar, praticar esportes, divertir-se, de expressão, opinião, culto religioso, além de participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação.

As narrativas, antes tradicionalmente adultas, começaram a ser infantilizadas e amenizadas, a partir do surgimento do conceito de infância, onde essas histórias passam a ser direcionadas para os pequenos, transformando-se nos atuais contos de fadas criando um mundo próprio para as crianças. Nos primórdios, essas histórias

eram escritas para entreter os adultos, possuíam trechos com cunho sexual e retratavam a realidade social daquele momento. Bettelheim (2018) aponta que os contos de fadas, ao longo dos séculos, tornaram-se mais refinados, passando a transmitir significados manifestos e latentes, passando a conversar simultaneamente com a mente infantil da criança e a sofisticada do adulto.

O conceito de infância nem sempre existiu, conforme Ariès (1978). A infância começou a ser pensada, e só então, princesas, príncipes, fadas, reinos e vilões começam a fazer parte do cotidiano das crianças. Algumas dessas histórias perpassam gerações sofrendo modificações e censuras no texto original. Todavia, de acordo com Corso e Corso (2006), os contos de fadas clássicos fazem parte da atual educação esperada das crianças, a qual perpassa por escolas de qualidade e um desenvolvimento saudável. Visto isso, é impensável que se cresça sem entrar em contato com histórias como: *Chapeuzinho Vermelho*, *João e Maria* ou *A Bela Adormecida*, entre tantas outras.

Silva, Garcia e Silva (2013), salientam a importância do contato com essas histórias desde a educação infantil até as crianças maiores, não como uma atividade esporádica, mas como algo que deve estar presente na vida desses sujeitos. A leitura deve ser juntamente com as outras atividades, algo lúdico para as crianças. A arte de contar e ouvir histórias proporciona à criança a possibilidade de fazer diversas leituras do mundo que a cerca, podendo criar e imaginar situações que a faça estabelecer relações diferentes consigo mesma, e com o mundo ao seu redor.

O adulto que conta a história, de acordo com Baccaro *et. al.* (2019), permite que a criança desenvolva e aprimore seu vocabulário, conseguindo se expressar melhor. Quando a criança escuta, inicia-se um processo de aprendizagem, englobando processos como o gosto pela leitura, capacidade de concentração, desenvolvimento da oralidade, além de contribuir para que essa, se torne uma futura leitora. Além disso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC - 2020) brasileira, ainda destaca que é a partir da familiaridade com a literatura e suas ilustrações, que a criança começa a desenvolver as primeiras garatujas e rabiscos, que irão consequentemente transformar-se em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicando uma breve compreensão da escrita como sistema de representação da língua.

Na perspectiva de Bettelheim (2018), ao longo da maior parte da história da humanidade, a vida intelectual de uma criança tem experiências mediadas pela

família, e além disso, nas histórias míticas, religiosas e de contos de fadas. Esse tipo de literatura “alimenta” a imaginação e a fantasia nos primeiros anos de vida. As histórias respondem a questões importantes de sua vida, sendo também um importante agente de socialização. As questões de ordem mítica e religiosa oferecem o material necessário para que as crianças elaborem seus conceitos de origem e propósito de mundo, além dos ideais sociais que lhes servem de modelo.

Na visão de Cosme (2016), a forma e o contexto no qual as histórias infantis estão inseridas representam também o momento histórico em que foram escritas. A submissão das princesas é encontrada em contos de fadas clássicos, como: *A Bela Adormecida*, em suas duas versões, a escrita por Perrault (1697) e pelos Irmãos Grimm (1812), diferente do momento histórico e social vivido hoje. A exemplo disso, há as produções Disney, como *Moana* (2016) e *Valente* (2012), que não possuem na história um príncipe.

Os contos de fadas possuem uma característica peculiar que encanta as crianças: eles falam de todos, seus personagens são genéricos, por vezes nem possuindo um nome em específico. Além dos nomes, os títulos também não especificam onde ocorrem as narrativas. Em sua maioria os personagens são apenas citados como: “princesa”, “príncipe”, “rei”, “rainha” e o local como: “castelo”, “bosque” e “reino”, o que permite que a criança use a sua imaginação e se identifique com a história. (COSME, 2016).

Cada criança pode constituir um valor diferente para os contos de fadas, dependendo de sua idade, cultura e aspectos históricos que permeiam sua infância. No entendimento de Bettelheim (1997, p. 11): “O valor do conto de fadas para a criança é destruído se alguém lhe detalha seu significado”. Estes possuem diversos níveis de significado, e cada criança saberá quais deles são importantes naquele momento da sua vida. Essas descobertas permitem que a história seja algo que a criança cria para si própria, e não que lhe é dada de forma pronta, dando voz a sua subjetividade.

As histórias infantis modernas, para Bettelheim (2018), evitam problemas existenciais, não tocam em assuntos que causam desconforto ou movimentação subjetiva, como não citar a morte e o envelhecimento. Isso, para o autor, desmerece a riqueza psicológica já presente nas crianças. Os contos de fadas permitem às crianças encontrarem suas angústias de forma inconsciente. Corso e Corso (2006), exemplificam que “o conto de fadas atua no sentido de ordenar melhor o caos interior

da criança, de longe as narrativas modernas as preparam mais para os desafios da vida.” (CORSO; CORSO, 2006, p. 174). Bettelheim (2018), demonstra que os contos de fadas conseguem falar sobre graves pressões inconscientes, sem menosprezar o que a criança está sentindo, oferecendo ainda exemplos de soluções temporárias e permanentes para questões de urgente angústia.

Diferente dos contos, algumas histórias modernas evitam falar sobre problemas existenciais, mesmo que sejam questões importantes para todos os sujeitos. Bettelheim (2018, p. 15) destaca que “a criança necessita muito particularmente que lhe sejam dadas sugestões em forma simbólica sobre o modo como ela pode lidar com essas questões e amadurecer em segurança”. Com isso, boa parte das histórias sequer mencionam os limites da existência humana, como forma de “proteger” as crianças. Em contraste a isso, os contos de fadas justamente falam sobre esses aspectos.

Bettelheim (2018), chama a atenção para o fato de que os contos de fadas não sugerem especificamente o que o sujeito que o lê deve fazer, tudo isso é simbólico. Normalmente a história não tem relação com a realidade vivida pelo sujeito, mas muito a ver com suas questões interiores. “O conto de fadas é terapêutico porque o paciente encontra suas próprias soluções, por meio da contemplação daquilo que a história parece sugerir acerca de si e de seus conflitos.” (BETTELHEIM, 2018, p. 36). É justamente a natureza “irreal” desses contos que torna evidente o fato de que sua importância não está nas informações consideradas úteis sobre o mundo exterior, mas os processos interiores despertados no indivíduo.

Nesta perspectiva, Bettelheim (2018), ainda enfatiza que os contos direcionam a criança para a descoberta de sua identidade e vocação. Essas histórias transmitem que mesmo com as mais diversas adversidades uma vida boa e compensadora está ao alcance dos sujeitos, mas somente se a criança não se intimidar com as lutas necessárias para se adquirir a verdadeira identidade.

Bettelheim (2018), comenta sobre a teoria de Jean Piaget, que exemplifica sobre o pensamento animista, que acompanha a criança até a puberdade. Conforme Vigotski ([1918] 2000), Piaget foi pioneiro ao procurar revelar a originalidade qualitativa do pensamento das crianças, mostrando nele os aspectos positivos, diferente do que era pensado pela psicologia tradicional até o momento, que caracterizava o pensamento infantil de forma negativa, enumerando suas lacunas e deficiências. Para Bettelheim (2018), o pensamento animista seria a forma como a

criança vê o mundo, que acredita ter vida até nos objetos e seres inanimados, como o sol (por transmitir luz) e a pedra (por poder rolar caso esteja em um morro). Com esse raciocínio torna-se normal que objetos e plantas possam falar nas histórias, auxiliar os heróis em suas andanças e até algum personagem humano se transformar em animal ou vice-versa, como ocorre em: *A princesa e o Sapo* e *A Bela e a Fera*. Com isso, torna-se claro o motivo dos contos fazerem mais sentido para as crianças menores, do que para as que já estão ingressando na puberdade.

Na perspectiva dessas transformações de humano-animal, é possível fazer correlações, que apontam para o fato de que isso sempre ocorre com a figura masculina. A personagem feminina nos contos clássicos, é representada de forma submissa e não possui um papel ativo em sua história e nas modificações presentes em sua vida. Portanto, é papel do príncipe passar por modificações grandiosas, e só assim mudar o destino da princesa frágil e indefesa.

É possível compreender a submissão a partir do contexto histórico e social em que essas histórias clássicas foram escritas. A exemplo disso, a primeira versão de *A Bela Adormecida*, um exemplo de princesa submissa e passiva em sua história, foi escrita por Perrault em 1697 e posteriormente pelos Irmãos Grimm em 1812. Mesmo com um grande salto pelos séculos, as duas realidades demonstradas encontram-se em um momento no qual as mulheres não possuíam voz ativa na sociedade.

Para os adultos as questões dos contos de fadas, por vezes, parecem fantasiosas e distantes da realidade. Para Bettelheim (2018), os adultos consideram as soluções dadas pelos contos incorretas, considerando-as informações falsas para as crianças em desenvolvimento. Porém, mesmo que a criança aceite e repita uma resposta dada por um adulto, de forma julgada por ele correta, essa explicação não chega a lhe fazer sentido. As crianças podem até repetir informações, mas as consideram como mentiras que precisam acreditar por terem sido contadas por um adulto. Na infância os conhecimentos são construídos por meio da experiência. Com as informações repassadas pelos adultos como sendo corretas, a criança passa a desconfiar de sua própria experiência e capacidade de descobrir o mundo.

Nesse direcionamento, para Bettelheim (2018), a criança, principalmente quando em período edípico<sup>1</sup> (entre os três e sete anos) passa por um período caótico

---

<sup>1</sup> O período Edípico/Complexo de Édipo. Conforme Moreira (2004), o Complexo de Édipo é uma das problemáticas fundamentais da teoria psicanalítica. Para essa teoria, o momento crucial da constituição do sujeito situa-se no momento edípico. O Édipo é o complexo nuclear das neuroses e também o ponto

quanto a sua relação com o mundo. No entanto, somente se for pensada pela visão do adulto, visto que a criança conhece apenas essa maneira “caótica”, e aceita este como seu modo de ser no mundo. Assim como em todos os momentos do desenvolvimento humano, na infância também há um turbilhão de sentimentos contraditórios. A criança não consegue integrá-los como os adultos, vivendo ambivalências. Essas vivências misturam amor e ódio, desejo e medo. Como não há compreensão de estágios intermediários de intensidade, seus sentimentos são vivenciados de forma extrema.

Nessa perspectiva, Bettelheim (2018) ainda aponta que os contos de fadas retratam o mundo justamente dessa forma, os personagens ou são a ferocidade encarnada ou a benevolência altruísta. Os personagens são unidimensionais, o que permite que a criança compreenda com facilidade suas ações e sentimentos. As histórias auxiliam então, a criança a organizar seus sentimentos e emoções, mesmo que estes, sejam complexos e ambivalentes.

Ao ouvir as histórias de fadas, segundo Bettelheim (2018), a criança cria ordem em seu caos interior. “O conto de fadas sugere não só isolar e separar os aspectos díspares e confusos de sua experiência em pólos opostos, mas também projetá-los em diferentes personagens.” (BETTELHEIM, 2018, p. 108). Isso pode ser exemplificado nos personagens animais, que ou são perigosos e destrutivos como o lobo em *Chapeuzinho Vermelho* ou são bonzinhos como o patinho em *O Patinho Feio*. Esse é o outro ponto com o qual as crianças podem se identificar, e onde há a ambivalência nos personagens, que não precisam ser sempre bons ou sempre ruins, uma vez que o conto permite o posicionamento nos dois extremos, mas também demonstra que este posicionamento pode gerar consequências.

A fantasia presente nos contos de fadas respalda questões futuras do desenvolvimento humano. Bettelheim (2018) alerta que jovens repentinamente buscam a fuga em sonhos induzidos por drogas, seguem algum guru, acreditam na astrologia, envolvem-se com “magia negra”, ou de forma geral tentam fugir de sua realidade em devaneios buscando mudar sua vida para melhor. Tais tentativas, podem ser causadas pela prematuridade em que esses jovens foram pressionados a

---

decisivo da sexualidade humana. “Será a partir do Édipo que o sujeito irá estruturar e organizar o seu vir-a-ser, sobretudo em torno da diferenciação entre os sexos e de seu posicionamento frente à angústia de castração.” (MOREIRA, 2004, p. 219).



encarar a realidade de forma adulta, consequência de sua infância.

Essa realidade da vida adulta por vezes é apresentada às crianças, visto que os responsáveis acham desnecessárias as fantasias presentes nas histórias. “Num conto de fadas, os processos interiores são exteriorizados e se tornam compreensíveis tal como representados pelas personagens da história e por seus incidentes.” (BETTELHEIM, 2018, p. 35). Portanto, mesmo que haja elementos fantasiosos nos contos, isso permite que as crianças entendam o mundo ao seu redor de acordo com o seu desenvolvimento.

Curso e Corso (2006), destacam a relação do adulto com os contos infantis, citando testemunhos que ocorrem durante a análise, na qual é comum pacientes falarem sobre os contos de fadas. Nesses relatos, exemplificam-se o quanto essas histórias modificaram sua visão de mundo, e o quanto essas lembranças criam boas associações durante as sessões. Visto isso, fica claro a partir da ideia dos autores o quanto, mesmo com o término da infância, os contos continuam sendo importantes na constituição do sujeito. Se na clínica infantil os contos podem dizer muito através do brincar, na clínica adulta isso se apresenta a partir das lembranças e a associação livre.

Portanto, os contos sofreram grandes modificações, mas não só eles. A sociedade como um todo, o que justamente resultou na evolução dos contos de fadas para os que são conhecidos hoje, os contos modernos. A personagem mulher também se modificou, questão essa que será melhor contemplada nos próximos capítulos, onde as princesas primeiramente submissas, atualmente lutam pelos seus ideais e não precisam necessariamente de um príncipe em suas histórias. Essas modificações na personagem mulher acompanham o contexto histórico em que as narrativas foram escritas. Tema esse, que será discutido no próximo capítulo.

## 2. AS MULHERES MODIFICARAM SUA HISTÓRIA

Da mesma forma que os contos, o papel feminino em sociedade também esteve em constante modificação ao longo dos séculos. Atualmente a mulher possui um papel social importante, porém nem sempre foi assim. O crescimento da participação feminina perpassou por lutas, greves, movimento feminista e debates que ainda transcorrem atualmente e estão em progressiva evolução. Questões essas, que serão aprofundadas neste capítulo.

Historicamente o papel da mulher tem se modificado e gerado transformações na sociedade. Para Farah (2004), no presente século há um maior incentivo da participação feminina no âmbito das ciências, em especial nas exatas, onde ainda há uma hegemonia masculina. Além disso, percebe-se uma valorização de pesquisas que enfoquem nas questões da mulher, gênero e feminismo.

A Organização das Nações Unidas (ONU), em sua Agenda 2030, elenca 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que são uma “ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade.” (ONU, 2015, *online*). A igualdade de gênero consta como uma das prioridades dessa ação, tendo como um de seus objetivos, o número 5, que é “alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas”, e busca gerar debates em um nível mundial sobre os assuntos relacionados as mulheres, que ainda sofrem discriminação e consequências pelo seu gênero.

O ponto 5.b dessa lista de objetivos, diz respeito à “aumentar o uso de tecnologias de base, em particular as tecnologias de informação e comunicação, para promover o empoderamento das mulheres.” (ONU, 2015, *online*). Este pode ser aplicado a partir dos contos infantis, como uma forma de, principalmente, atingir as meninas objetivamente e com um conteúdo que lhe chame a atenção. Com isso, percebe-se a relevância que os contos têm na vida das crianças e o quanto as personagens podem criar ressignificações.

Mundialmente ainda não há uma igualdade de gênero entre homens e mulheres nos mais diferentes campos, como oportunidade de trabalho, salários, etc. Todeschi (2012), contextualiza o quanto a história, entendida como componente curricular nas escolas, deixa a desejar ao representar o papel que a mulher teve nas conquistas mundiais. Conforme o autor, desde a antiguidade a desigualdade de gênero vem

sendo construída como algo natural, legitimando as diferenças entre homens e mulheres.

Além disso, o corpo feminino é contado a partir de uma visão masculina, para Todeschi (2012), isso constrói um discurso de “natureza feminina”, focando unicamente na mulher como mãe e reprodutora. Não só o corpo, toda a questão histórica feminina mais antiga é relatada por homens, de acordo com Perrot (2005).

A mulher era vista essencialmente como procriadora, Duby (1990) ao caracterizar o século XII, salienta que desde criança, as meninas eram criadas para isso. Ao completarem a idade da razão (sete anos) elas eram separadas dos meninos, sendo direcionadas para um compartimento fechado, onde aprendiam a se tornarem moças, preparadas para exercerem o papel de mãe. Já os meninos “eram direcionados ao compartimento aberto, onde permaneceriam por pouco tempo, uma vez que logo eram levados ao exterior para tomarem posse de tudo o que pudessem, inclusive das esposas.” (DUBY, 1990, p. 83). Nesse mesmo período histórico, as mulheres eram consideradas perigosas, o que, para Cosme (2016), evidencia que independentemente da idade, elas estavam destinadas a tarefas pacíficas, para se manterem ocupadas, pois a ociosidade era considerada um risco para o feminino.

Para Cosme (2016), por volta do século XIV, as mulheres continuavam sendo vistas como indivíduos que precisavam da proteção masculina. Era função do marido tomar conta dos negócios da família e cabia-lhe formar sua esposa no ofício de ser mulher, já que, devido ao seu caráter e corpo frágil não poderia ter cargos importantes.

Posteriormente, no século XVII, ainda pouco havia mudado para as mulheres em relação ao contexto social. Segundo Castan (2009), a resignação, a submissão e a sujeição, continuam sendo virtudes de uma mulher neste século. Isso pode ser percebido nos contos de Perrault, publicados no final dos anos 1600, que ficaram conhecidos como *Contos da mamãe gansa* e contavam com oito histórias, entre elas *A Bela Adormecida* (vide anexo B) e *Cinderela* (vide anexo C), nos quais as princesas justamente possuíam essas “qualidades” citadas. A exemplo no conto de *Cinderela*, escrito por Perrault em 1667, destacam-se suas qualidades: “O marido também tinha uma filha, mas esta era doce e boa como a sua mãe, que fora a melhor pessoa do mundo.”

Outra marcação importante é a noção de esfera pública e privada. Para Cosme (2016), a mulher era o símbolo primeiro da esfera privada, devendo ser confinada e protegida devido a sua fragilidade, já o homem era parte da esfera pública. “A partir

de 1794, até o decorrer de todo o século XIX, essa demarcação entre o domínio público e o domínio privado, a política e a família, o homem e a mulher, ficou cada vez mais acentuada.” (COSME, 2016, p. 89).

Perrot (1991 *apud* Cosme, 2016), aponta que embora a Revolução Francesa (1789-1799) tenha tentado subverter a esfera entre o público e o privado, tentando construir um novo modelo de homem e remodelando o cotidiano da época, os costumes da época foram mais resistentes que as leis. Portanto, é possível pensar que o papel feminino também teve dificuldades de ser modificado.

Nos contos dos Irmãos Grimm, primeiramente publicados no fim do século XVIII, é presente a divisão entre o espaço público e privado. Cosme (2016), a exemplo da história da Branca de Neve, escrita pelos irmãos, a jovem está totalmente inserida na esfera do privado, quanto o príncipe e os anões na esfera pública. A personagem feminina possui aspectos frágeis e precisa da proteção masculina, representando o clássico perfil feminino do início do século XIX. “Branca de Neve passou a cuidar da casa para os anões. (...) Ao cair da noite, voltavam e encontravam um gostoso jantar prontinho, à espera deles.” (GRIMM; GRIMM, [1812] 2020 b, *online*). Nesse trecho, se exemplifica que os anões estavam na esfera pública por poderem sair para trabalhar e ao voltarem, encontravam a casa arrumada por Branca de Neve, que estava na esfera privada.

Para contextualizar as conquistas das mulheres e a sociedade evoluísse para o que é conhecido hoje, Perrot (2005) destaca que um marco para a inserção das mulheres na sociedade foi o grande número de indústrias criadas no século 19, o qual necessitou retirar as antes donas de casa e inseri-las no mercado de trabalho. Para a época era algo bastante lucrativo, pois era “emprego flutuante, sem qualificação, suas remunerações são inferiores a cerca da metade das remunerações dos homens.” (PERROT, 2005, p. 156).

As mulheres ao serem inseridas nas fábricas também se encontraram insatisfeitas com a forma de trabalho a que eram submetidas. Perrot (2005), exemplifica que as greves ocorridas e coordenadas por mulheres se chocam com a incompreensão de uma sociedade para qual a feminilidade<sup>2</sup> já é dificilmente

---

<sup>2</sup>A feminilidade da era moderna foi construída a partir de uma posição masculina, em determinado contexto histórico. A autora aborda a partir de Freud, que “a feminilidade inscreve-se como sendo a origem e o fundamento do sexual, a sua condição de possibilidade, de onde poderia advir o ser homem e o ser mulher.” (ALMEIDA, 2012, p. 39).

compatível com a situação operária, sendo ainda menos com a situação grevista. Consequentemente, mesmo quando as pautas das operárias chegavam a ser discutidas, logo em seguida eram esquecidas, já que, não havia uma preocupação geral com a emancipação feminina.

Conforme Cosme (2016), durante o século XIX, passa-se a acreditar que até a esfera doméstica é uma função muito importante para ser deixada sobre o domínio das frágeis mulheres. A autoridade do pai cresce ainda mais no meio familiar, interferindo nas decisões pedagógicas no que se refere aos filhos. As famílias voltam a ser mais numerosas devido às crenças católicas.

No século XIX, ainda para o mesmo autor, continua prevalecendo o poder absoluto do homem no lar e a incapacidade da mulher/mãe. Além de que, há uma baixa na natalidade no fim deste século, tendo as mulheres como culpadas desse marco. Novamente o conto *Branca de Neve* exprime bem esse período, “já que traz a figura feminina (rainha) desejando ter filhos, e depois a protagonista indefesa, realizando as tarefas domésticas e sendo salva pela figura masculina.” (COSME, 2016, p. 90). O trecho do conto exemplifica esse contexto, no qual um dos anões lhe dá as condições para poder permanecer em sua casa, “Se cozinhar, arrumar as camas, lavar, costurar, tricotar e manter tudo limpo e organizado, pode ficar conosco, e nós vamos dar-lhe tudo que precisa.” (GRIMM; GRIMM, [1812] 2020 b, *online*).

Embora lentas, as conquistas das mulheres passam a emergir enquanto sociedade. Para Perrot (1991 *apud* Cosme 2016) o índice de alfabetização feminina aumenta e muitas mães começam a alfabetizar os próprios filhos. Além disso, são apreciadoras dos folhetins, música e dança, iniciando timidamente os primeiros anúncios voltados a esse público.

Ademais, as jovens ainda eram instruídas exclusivamente para servir o bem de seu lar e posteriormente o matrimônio, dois âmbitos que a permitiriam estar protegida. De acordo com Perrot (1991 *apud* Cosme 2016), esses aspectos dialogam com a idealização da mulher também presente na história da Branca de Neve, que ficou protegida em um castelo durante toda sua vida e ao sair dele, só é salva ao encontrar a figura masculina.

Para que boa parte das mudanças no papel da mulher em sociedade fosse modificado, o surgimento do movimento feminista foi crucial. Questões levantadas no início do feminismo são debatidas até hoje, no século XXI e serão brevemente discutidas na sequência.

## 2.1 EM UM PASSADO NÃO TÃO DISTANTE, SONHOU-SE COM IGUALDADE...

O feminismo faz parte da construção do conceito de mulher existente no século XXI, a partir dessas transformações a sociedade também pôde ser modificada e conseqüentemente a literatura, em especial a infantil. Um breve histórico do que foi a luta feminista faz-se necessário para que possam ser entendidas as modificações que esse movimento trouxe ao mundo nas últimas décadas.

Na visão de Perrot (2005), o feminismo desde sua origem é tomado de palavras e vontade de representação das mulheres, em virtude de que, a questão principal das mulheres é que sua palavra nunca teve importância na esfera pública, sempre pertenceu somente ao âmbito privado. Siqueira e Bussinger (2020), pactuam com a autora, ao ressaltarem a luta das mulheres para serem inseridas no espaço público.

Garcia (2011) pontua que todas as vezes que mulheres de forma individual ou coletiva criticam algo injusto, que se sucedeu a partir de sua condição de gênero, ao reivindicarem seus direitos, que estão diante de uma ação feminista. “Além de ser uma teoria política e uma prática social, o feminismo é muito mais. O discurso, a reflexão e a prática feminista carregam também uma ética e uma forma de estar no mundo.” (GARCIA, 2011, p. 13). Siqueira e Bussinger (2020), apresentam o feminismo como aquele que irá questionar o papel atribuído à mulher em sociedade, historicamente inferior ao homem e limitada a um espaço privado. Pinto (2003), já ressaltava que desde a Revolução Francesa, no século XVIII, é possível identificar grupos de mulheres que lutavam por seus direitos à cidadania, buscando reconhecimento além de seus cargos como esposas e mães. Já na segunda metade do século XIX e no início do século XX, pode-se perceber uma maior organização de lutas e manifestações lideradas por mulheres que na busca pelo seu direito de votar e ser votadas. “O movimento sufragista<sup>3</sup> se espalhou pela Europa e pelos Estados Unidos, construindo a primeira vaga de feminismo organizado do mundo.” (PINTO, 2003, p. 13). Para Siqueira e Bussinger (2020), esse movimento é o destaque da primeira onda do feminismo, sendo predominantemente formado por mulheres brancas e de classe média.

A segunda onda do movimento feminista se caracteriza por um feminismo que

---

<sup>3</sup> “O movimento sufragista foi um amplo movimento ocorrido em vários países democráticos do mundo, entre o fim do século XIX e o início do século XX, para organizar a luta das mulheres pelo direito ao sufrágio (voto)”. (PORFÍRIO, 2020, *online*).

aparece pela primeira vez como um movimento social de âmbito internacional. Conforme Garcia (2011), nesse momento, as mulheres lutaram pela liberdade de pensamento, pela abolição da escravidão, da prostituição e pela paz. Para Siqueira e Bussinger (2020), essa onda está também focada nos direitos reprodutivos e na sexualidade.

De acordo com Garcia (2011), o período entre guerras foi de declínio dos movimentos feministas, visto que, muitas das suas demandas já haviam sido conquistadas, como o voto em alguns países. A taxa de natalidade diminuiu durante o início do século XX e nos países industrializados a culpa recaiu sobre o feminismo, já que, as mulheres conquistavam cada vez mais sua independência. “Acusavam as feministas de destruir os cimentos da nação e da família. O fato é que deram o feminismo como morto.” (GARCIA, 2011, p. 79).

Simone de Beauvoir fez o feminismo reacender no século XX, no período pós guerras. Garcia (2011), explica que Simone não se considerava feminista até escrever seu livro *O Segundo Sexo*, onde após discutir com outras mulheres, se questionou acerca de o que significava realmente ser mulher. Essa obra coloca novamente o feminismo de pé, sendo o mais completo estudo sobre a condição feminina escrito até aquele momento.

Quando essa obra foi lançada, o feminismo estava desarticulado, posto que as questões do sufrágio já haviam sido conquistadas. “Por essa razão muitas teóricas não sabem onde colocar essa obra, se como arremate do sufrágio ou como pioneira da terceira onda.” (GARCIA, 2011, p. 80).

O livro de Simone de Beauvoir traz questões que reverberam e são abordadas pelo feminismo até hoje, mas sem a intenção na época, de ser escrito de forma militante. Garcia (2011) retrata que a autora reflete sobre como a mulher historicamente sempre foi a “outra” em relação aos homens, dado que o homem sempre é o centro, nunca o “outro”. “A autora utiliza a categoria de outra para descrever qual é a posição da mulher em um mundo masculino em que os homens são os detentores do poder e os criadores da cultura.” (GARCIA, 2011, p. 81). Questão universal e presente em todas as culturas. Portanto, a obra de Simone de Beauvoir foi importante para o século XX.

*O segundo sexo* será o alicerce do feminismo dos anos 50 e se converteu no livro mais lido pela nova geração de feministas, constituída pelas filhas, já universitárias, das mulheres que obtiveram depois da Segunda Guerra

Mundial o direito ao voto e à educação. Serão estas mulheres que protagonizarão a terceira onda do feminismo. (GARCIA, 2011, p.82).

Siqueira e Bussinger (2020), enfatizam que a terceira onda do feminismo muda o foco central, que antes era limitado às mulheres, e nesse momento se direcionada para as chamadas “relações de gênero”. Foram inseridas principalmente nas universidades questões relativas à masculinidade, homossexuais, transexuais, bissexuais, assexuados<sup>4</sup>, etc. A teoria feminista passa então a trazer uma perspectiva que engloba todas as minorias que sofrem da mesma opressão sofridas pelas mulheres através do legado patriarcal.

A quarta onda que se inicia no século XXI, para Siqueira e Bussinger (2020), está diretamente ligada à questão das redes sociais. Porém, não há ainda uma consolidação teórica sobre esse momento, dado que é algo ainda recente e em construção.

Para que as mulheres conquistassem seus direitos foram necessárias movimentações ao longo da história. Mesmo que ainda existam questões a serem conquistadas, como a igualdade de gênero, muito já se alcançou por meio da luta feminina. A partir disto, no próximo capítulo será discutido como as personagens femininas foram sendo reestruturadas e modificadas nos contos infantis, com base no contexto histórico apresentado.

---

<sup>4</sup> De acordo com o Dicionário Michaelis (2015):

Homossexual: Diz-se de relacionamento sexual entre indivíduos do mesmo sexo.

Transexuais: Que ou aquele que se submeteu a tratamento com hormônios (estrogênio ou testosterona) e procedimento cirúrgico, a fim de adquirir características do sexo oposto.

Bissexual: Que ou aquele que mantém relações sexuais tanto com homens quanto com mulheres, bi.

Assexuado: Que aparentemente não apresenta desejo sexual ou não tem vida sexual.



### 3. AS PRINCESAS PRECISAM DE UM FELIZES PARA SEMPRE?

Os contos infantis passaram por diversas reedições no transcorrer dos séculos, e também, imbuídas pelo pensamento social acerca do que é ser mulher e do papel social feminino, houve uma reestruturação das personagens femininas que fazem parte destas histórias. As histórias infantis acompanham o momento histórico a qual elas pertencem. O presente capítulo destaca alguns contos clássicos e as animações infantis dos Estúdios Disney para melhor compreensão e elucidação das temáticas aqui discutidas.

Para Mendes (2000), a mulher desempenha um dos principais papéis nos contos populares, como princesa, camponesa, bruxa ou fada, que por sua vez, representam a mulher divina ou humana. Além disso, o papel do narrador também está ligado à figura feminina.

Conforme a autora, tudo começou com a história *Psiquê*, de Apuleio, escritor latino que data do século II D.C., porém não se sabe ao certo a quanto tempo a história existe. Esse é o único escrito na literatura da época, mesmo que sua tradição oral deva ser muito mais antiga. A autora destaca que os principais temas desse mito estão nos contos de fadas mais conhecidos. A disputa pelo poder feminino, sobrevive nos contos de *Cinderela*, *Branca de Neve* e *A Bela Adormecida*. A beleza é símbolo de poder e desperta o ciúme da bruxa, madrasta, sogra que são herdeiras do papel de Vênus ou Afrodite, uma mãe terrível. O casamento com o monstro ou falso monstro, permanece ainda em *O Rei Sapo* e *A Bela e a Fera*. A inveja das irmãs em *Cinderela*, e o sono da morte está em *Branca de Neve* e em *A Bela Adormecida*.

Os primeiros registros de histórias direcionadas para as crianças são de Charles Perrault (1628-1703), escritor e advogado francês. Machado (2010), destaca que Perrault registrou em livro contos de sua infância e que também agradavam seus filhos, produzindo uma obra que teria um grande apelo popular. Histórias que antes eram tidas como vulgares, foram inseridas em uma nova cultura literária, com o intuito de civilizar e educar crianças. *As Histórias ou Contos do Tempo passado, com moralidades* ou *Contos da Mamãe Gansa*, como seria conhecido posteriormente, foram publicados em 1697 e incluíam contos como: *Cinderela*, *O Gato de Botas*, *Chapeuzinho Vermelho* e *O pequeno Polegar*, por exemplo.

Além de Perrault, nos clássicos infantis também se encontram Os Irmãos Grimm. Segundo Machado (2010), Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-

1859), juntos dedicaram-se a recolher contos populares de regiões de língua alemã. Publicado em dois volumes, em 1812 e 1815, a coletânea *Contos da Infância e do Lar*, contava com lendas, fábulas, anedotas e os conhecidos contos de fadas como, *A Bela Adormecida* (vide anexo D), *Branca de Neve* (vide anexo E), *Chapeuzinho Vermelho*, *Rapunzel* e *João e Maria*. O projeto dos irmãos ao publicar os volumes era de apenas preservar de forma impressa a tradição oral da região. Entretanto, o público alvo foi se modificando, e já em 1825 em uma versão mais compacta, os escritos já eram voltados ao público infantil e possuíam um cunho educativo.

### 3.1 CONTOS CLÁSSICOS

Nos primórdios dos contos infantis encontra-se, Cinderela. Para Bettelheim (2018), sua origem possivelmente é na China, por volta do século IX d.C., mas foi eternizada posteriormente por Perrault. O conto como é atualmente conhecido vivencia as agonias e esperanças sobre a rivalidade fraterna, como também a respeito da vitória da heroína sobre suas irmãs más, como se apresenta nesse trecho: “assim que se casaram, a madrasta mostrou logo que era muito má. Não podia suportar as boas qualidades da rapariguinha, pois, ao lado dela, as suas filhas pareciam ainda mais antipáticas.” (PERRAULT, [1697] 2020 a, *online*).

Além de Perrault, *Cinderela* foi posteriormente reescrito pelos Irmãos Grimm (vide anexo F), que o modificaram, em diversos aspectos. De acordo com Bettelheim (2018), a Cinderela de Perrault é mais açucarada e de uma bondade monótona, não tendo nenhuma iniciativa (essa é a versão replicada pelos estúdios Disney). Elencando algumas das diferenças entre as duas versões, na de Perrault é Cinderela que escolhe dormir nas cinzas ao lado da lareira, já na versão dos Irmãos Grimm ela é obrigada por sua madrasta a isso. Além disso, na versão de Perrault, no dia do baile, a jovem auxilia com prazer suas irmãs a vestirem-se, enquanto que na versão dos Irmãos Grimm ela é mandada pelas irmãs e realiza os serviços chorando.

Esse conto, para Mendes (2000), demonstra as marcas deixadas por Vênus e Psiquê nas personagens femininas, entre princesas, bruxas e fadas. Nenhum outro conto justapõe de modo tão claro a mãe boa e a mãe má. Logo no início do conto se destaca essa ambivalência, a partir do seguinte trecho: “Era uma vez um fidalgo que casara em segundas núpcias com a mulher mais arrogante e orgulhosa (...) O marido

também tinha uma filha, mas esta era doce e boa como a sua mãe, que fora a melhor pessoa do mundo.” (PERRAULT, [1697] 2020 a, *online*).

Antes do baile, Cinderela não era nada além de uma pobre órfã nas mãos de suas irmãs invejosas e da madrasta cruel. No entendimento de Mendes (2000), essa situação é desesperadora e causada pela ausência da mãe, tendo como a fada madrinha (Perrault) e um pássaro (Irmãos Grimm) quem a salva momentos antes do baile. Para Corso e Corso (2006), esse símbolo da fada madrinha/pássaro tem o dom de restituir algo que Cinderela já teve, quando era objeto do olhar materno apaixonado do qual os bebês se nutrem. Independente de qual símbolo seja usado na história, é a mãe que lhe dá as condições de ir ao baile e encontrar o príncipe que lhe fará feliz, e conseqüentemente lhe pedirá em matrimônio.

Essa felicidade matrimonial está presente no contexto histórico da época em que os contos foram escritos, tendo como a mãe um exemplo a ser seguido, a mãe é o modelo de mulher e esposa para a filha. Nesse período, as mulheres prioritariamente eram direcionadas para o casamento e a construção de uma família, encontrando assim sua felicidade. Isso se aplica ainda ao final clássico dos contos de fadas, quando após o casamento do príncipe e da princesa há o “felizes para sempre”.

A Cinderela de Perrault é passiva, e nada faz para que seu futuro seja modificado. Mendes (2000) destaca que a jovem espera que um poder mágico e divino apareça para mudar seu destino. Cinderela é o modelo de comportamento feminino propagado na época. A exemplo do conto *Psiquê*, Vênus, a madrasta fez todo possível para que Cinderela não se realizasse como mulher, ela aguarda pacientemente, como Psiquê, que a intercessão do príncipe a livrasse de sua madrasta e irmãs. Então com o casamento, se efetiva a felicidade. “Em Cinderela permanecem vivos os ideais da sociedade patriarcal: a criança e a mulher devem ser submissas, o poder deve ser divino e masculino.” (MENDES, 2000, p.45).

Os contos de Perrault possuem uma predominância de papéis femininos. Conforme Mendes (2000), as mulheres são personagem-título em quatro de oito histórias, sendo elas, *A Bela Adormecida*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Cinderela* e *Pele de Asno*, além de terem papel de destaque em mais duas das obras por ele publicadas. As histórias escritas por Perrault demonstram os castigos que a sociedade patriarcal determinou para as mulheres. Além de mostrar os modelos de família da burguesia, com um modelo ideal de comportamento para as crianças e as mulheres, serem submissos, conformados e frágeis.

O conto *A Bela Adormecida*, também foi primeiramente escrito por Perrault e posteriormente pelos Irmãos Grimm, e nessa história também encontram-se algumas diferenças entre os autores. Mendes (2000), destaca que no conto de Perrault de 1697, a história não termina quando a princesa é despertada com um beijo de amor. Esse beijo de amor sequer existe nessa primeira versão e só será incluído mais de um século depois com os Irmãos Grimm: “Lá estava ela deitada, tão bela que ele não conseguiu desviar os olhos. Inclinou-se e beijou-a. Quando a tocou com os lábios, Bela Adormecida abriu os olhos, olhando para ele amavelmente.” (GRIMM; GRIMM, [1812] 2020 a, *online*). O conto foi escrito em 1812, sendo posteriormente imortalizado com o feliz para sempre da Disney. A versão mais difundida no Brasil é dos Irmãos Grimm, que termina com o casamento da princesa com o príncipe que a despertou.

A história da *Bela Adormecida* retrata principalmente o período da puberdade. Para Bettelheim (1997) o espaço de tempo em que a jovem fica adormecida representa a passividade encontrada no desenvolvimento adolescente. É necessário um período passivo para que o sujeito posteriormente possa estar ativo em suas atitudes frente ao mundo e seu futuro. Ainda conforme o autor, esse conto permite que o sujeito que o lê não tema os perigos da passividade. Atualmente, muitos jovens e seus pais temem um crescimento tranquilo, em que nada parece acontecer, devido a uma crença comum de que só fazer o que pode ser visto atinge objetivos. Esse conto: “mostra que um longo período de repouso, de contemplação, de concentração no eu, pode levar e com frequência leva a mais alta realização.” (BETTELHEIM, 1997, p. 88).

Nessa história encontram-se elementos importantes que atualmente são facilmente questionados, mas não eram na época em que foram escritos. Como na versão mais conhecida dos Irmãos Grimm, a moça é acordada com um beijo de amor após uma centena de anos adormecida. No século XXI, com as construções sobre feminismo, o beijo sem consentimento é considerado uma forma de abuso frente ao outro. Conforme o Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT) é considerado delito grave: ações como beijos forçados, ‘mão boba’ e puxar cabelo, julgados como agressões sexuais. (GOVERNO ESTADUAL DE BRASÍLIA, 2014).

*Branca de Neve*, outro conto clássico, escrito pelos Irmãos Grimm, em 1812, conforme Bettelheim (2018), inicia com a rainha costurando em um dia de inverno, enquanto nevava, em frente a uma janela cuja moldura era de ébano negro. Enquanto costurava espetou o dedo na agulha e três gotas de sangue caíram na neve, então

ela desejou: “Quem me dera ter uma filha branca como a neve, rosada como o sangue e de cabelos negros como a madeira da moldura da janela.” (GRIMM; GRIMM, [1812] 2020 b, *online*). Pouco depois nasce uma menina com essas mesmas características e a rainha morre. Passado um ano, o rei se casa novamente.

Nesse conto estão presentes elementos comuns das histórias clássicas. Bettelheim (2018), destaca dados como o reino, a princesa e posteriormente o salvamento pelo príncipe. A madrasta só passa a ser má, quando a jovem começa a amadurecer, e se sente enciumada por sua beleza e ameaçada. Outro elemento relevante para nossa reflexão, é que os contos trazem muito poucos relatos sobre a vida cotidiana da jovem, antes de ela ser expulsa de casa pela madrasta, caracterizando a passividade das princesas.

A rainha envia uma maçã envenenada para que a jovem morra, ao mordê-la cai em um sono profundo e os anões acreditam que ela esteja morta. Branca de Neve é salva de seu destino ao encontrar o príncipe que a leva para seu castelo e faz com que ela desengasgue da maçã envenenada, acordando-a. É somente com as reformulações mais recentes e sucintas da história, e com a versão construída para a produção cinematográfica dos Estúdios Disney, que o beijo de amor a salva, semelhante à história da Bela Adormecida. Esse é considerado o sono de morte, existente primeiramente no mito de Psique.

*Rapunzel* (vide anexo G) é um conto menos clássico dentre os já citados, visto que, só recentemente recebeu o prestígio dos Estúdios Disney com a animação *Enrolados* (2010). Escrito pelos Irmãos Grimm, para Corso e Corso (2006), o conto destaca a relação com a mãe possessiva, uma simbiose entre ela e sua filha e a dificuldade em ver a jovem crescer. Ainda segundo os autores, *Rapunzel* reúne pontos muito comuns também em outras histórias, como: o filho prometido a contragosto a algum mágico/bruxa em troca de favores, o aprisionamento do filho/filha pelos pais (para mantê-los longe de seu amor) e o surgimento de alguém que salve da clausura, do sono ou do feitiço.

*Rapunzel* contém um pouco de eco da versão bíblica de Adão e Eva e sua expulsão do paraíso. Segundo Corso e Corso (2006), no paraíso bíblico uma vez que se é burlada a lei sobre o fruto proibido, a maçã, sendo expulsos do paraíso, nesse conto acontece o mesmo aos pais biológicos após roubarem os raponços. Além disso, novamente é a mulher que incita o homem a quebrar as regras. Isso não se caracteriza como uma reedição do mito, mas são elementos que se relacionam, principalmente a

partir do desejo, da transgressão e o castigo como pagamento.

Há uma grande diferença entre a história mais conhecida, e a original escrita pelos Irmãos Grimm em 1812. Nas versões mais compactas e difundidas a questão da gravidez e do nascimento dos gêmeos não se apresenta. De certa forma se possibilita a ingenuidade para o conto, prevalecendo só o amor entre Rapunzel e seu príncipe, não o ato sexual.

*A Pequena Sereia* (vide anexo H), como é conhecida atualmente, se difere muito do clássico escrito por Andersen. Hans Christian Andersen (1805-1875), segundo Machado (2010), foi um escritor dinamarquês famoso por seus *Contos* (1835-1872), considerados verdadeiras obras-primas para a literatura infantil. Andersen escreveu mais de 150 histórias, entre elas: *A roupa nova do imperador*, *O patinho feio*, *A pequena vendedora de fósforos* e *A pequena sereia*.

De acordo com Corso e Corso (2006), na história original Ariel não fica com o príncipe no desfecho da narrativa, visto que trocou sua voz pela fisionomia humana a jovem não consegue se comunicar com seu amado, que sequer a reconhece. O príncipe a trata como uma grande amiga e irmã, e Ariel presencia o casamento dele com outra jovem. Ariel não morre e sim, se transforma em uma estrela, que seria o que acontece com sereias virtuosas, uma espécie de anjo da guarda, que era o que ela representava para o príncipe.

Uma autora menos conhecida, Jeanne-Marie Leprince de Beaumont (1711-1780), que segundo Machado (2010), era uma escritora francesa, ex-governanta e mãe de muitos filhos, lançou entre 1750 e 1775, diversas histórias, contos de fadas e anedotas. Nesse meio encontra-se seu mais conhecido conto, *A Bela e a Fera* (vide anexo I), em uma versão mais enxuta (e mais conhecida), do que a original publicada em 1740 por Madame de Villeneuve.

Na perspectiva de Corso e Corso (2006), a arquitetura dessa história é relativamente simples. Por necessidade o pai promete sua filha a uma terrível Fera. O marido prometido é assustador e possui aparência animalesca, mas é rico. Ao chegar no castelo Bela se surpreende com uma incrível educação da fera, quando sua única perspectiva era de que seria devorada.

A Fera insistentemente no conto original tenta desposar Bela, porém devido a sua aparência, a jovem diz não poder aceitar o pedido. Ao ver a Fera à míngua de desgosto por Bela não ter cumprido suas promessas, a jovem se toma por um profundo amor, que quebra o encanto transformando a Fera novamente em um

príncipe. A história ainda possui um tom de moralidade, visto que a inteligência e a bondade foram mais importantes que a beleza. “Eu julgava ser apenas amizade, mas a dor que sinto me revelou que não posso viver longe de você.” (BEAUMONT, [1756] 2020, *online*). Para Corso e Corso (2006) o conto certamente é uma alusão aos casamentos arranjados, que triunfavam com o amor romântico: “A Fera desaparecera e à sua frente ela não via senão um príncipe, mais formoso que o deus do Amor, que lhe agradecia por ter desfeito o feitiço.” (BEAUMONT, [1756] 2020, *online*).

### 3.2 ESTÚDIOS DISNEY

Conforme o Canal Tech (2020), a The Walt Disney Company foi fundada em 1923, sendo pioneira no mercado de animação e cresceu ao longo das décadas. Seu personagem mais famoso é Mickey Mouse, que foi criado em 1928 e que também estrelou o primeiro filme sonoro da companhia. A companhia valoriza a criatividade, os sonhos, a imaginação e que a magia não se perca.

Nos Estúdios Disney, as primeiras princesas a serem retratadas no meio cinematográfico, de acordo com Aguiar e Barros (2015), demonstravam uma visão totalmente estereotipada do que é ser mulher. As princesas precisavam ser passivas, doces, abarcando com a responsabilidade de serem belas e sempre jovens. Para os autores, as princesas podem ser classificadas como clássicas, rebeldes e contemporâneas.

É possível visualizar que as animações Disney não foram criadas fielmente a partir dos contos clássicos. A realidade das animações é por vezes mais romantizada e incrementa aspectos maiores de magia e musicalidade em seus longas. As animações são propriamente direcionadas ao público infantil, o que nem sempre ocorria com os contos clássicos.

Na visão de Aguiar e Barros (2015), as princesas clássicas reúnem esse modelo ideal e estereotipado de feminilidade. Visto que, além de causarem entretenimento, essas produções representavam a realidade e o ideal buscado pela sociedade no momento em que as animações foram produzidas.

### 3.2.1 Princesas Clássicas

O primeiro longa-metragem da história do cinema foi *Branca de Neve*, em 1937, em um período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial. Conforme Aguiar e Barros (2015), a história evidencia representar a mulher de uma forma ideal para a sociedade patriarcal da época. Branca de Neve, possui os atributos físicos e morais idealizados, demonstra prazer pelos afazeres domésticos e por cuidar dos sete anões. A jovem era: dona de casa, mãe e não possuía qualquer desejo em ingressar no mercado de trabalho. Já o príncipe idealizava o papel masculino da época, provedor do lar e protetor da família, que poderia levar a jovem para uma vida no castelo, mas onde possivelmente continuaria com as tarefas domésticas.

A animação de *Cinderela*, lançada nos anos 50, não se difere muito da visão de mulher presente em *Branca de Neve*. Aguiar e Barros (2015), retratam que a diferença crucial é de que em *Branca de Neve*, a jovem possui prazer nos afazeres domésticos, já Cinderela os tem como uma imposição da madrasta e sonha com os bailes e seu príncipe que irá libertá-la do sofrimento através do amor. O contexto histórico da época se distingue entre a mulher dona de casa que busca uma mudança de vida, e o não o prazer pelos afazeres domésticos. Os autores ainda destacam que *Cinderela* foi lançado no período da Segunda Guerra, quando justamente pelos homens estarem fora de casa, as mulheres precisaram ser inseridas no mercado de trabalho.

Já *A Bela Adormecida* é lançado em 1959, sendo considerada a última princesa clássica dos Estúdios Disney. Para Aguiar e Barros (2015), no filme os afazeres domésticos não são realizados pela jovem e sim pelas fadas. O enredo ainda revela como questão problema, o casamento arranjado pelas famílias.

A *Bela Adormecida*, no filme é chamada de Aurora. De acordo com Aguiar e Barros (2015), a princesa e o príncipe Felipe são prometidos um ao outro, porém ao se apaixonarem não sabem disso, o que lhes produz indignação por saberem que possuem um outro pretendente indicado pelos familiares. Todavia, Aurora tolera e aceita as questões impostas por seus pais, demonstrando respeito aos valores presentes na época, só depois descobre que seu amado Felipe, também era seu pretendente.



### 3.2.2 Princesas Rebeldes/Modernas

Na classificação de Aguiar e Barros (2015), a próxima geração de princesas seriam as rebeldes. Zumaêta (2016), fala das mesmas personagens, mas as denomina modernas. A partir da década de 70, as mulheres passaram a buscar ainda mais seus direitos, e já eram permeadas pelos movimentos feministas no mundo todo. Na década de 90, já havia uma desvinculação da figura masculina, onde a mulher era detentora de autonomia e liberdade para tomar suas próprias decisões, tendo um papel de destaque social, pessoal e profissional, demonstrando uma clara mudança na sociedade.

Dessa forma, os Estúdios Disney acompanharam essas modificações. Na visão de Aguiar e Barros (2015), essas novas personagens são independentes, questionadoras e determinadas, buscando as diferenças étnicas, que na época eram tendência visto a globalização. Portanto, nesse período encontram-se as produções protagonizadas por: Ariel, Bela, Jasmine, Pocahontas e Mulan. Zumaêta (2016) destaca que Jasmine (árabe), Pocahontas (nativa-americana) e Mulan (asiática), são justamente o exemplo dessa globalização, a qual busca por outras etnias, sendo as primeiras princesas não-europeias. As princesas dessa geração: “não esperam o príncipe encantado de ‘braços cruzados’; elas orientam o próprio destino e assumem o papel de salvação e resgate dos seus amados para viverem sua história de amor”. (AGUIAR; BARROS, 2015, p. 8). Contudo, na visão de Zumaêta (2016), mesmo que haja uma maior independência dessas princesas, seus finais felizes continuam vinculados ao matrimônio.

*A Pequena Sereia* é lançado em 1989. De acordo com Aguiar e Barros (2015), Ariel é uma sereia alegre que se rebela contra o pai e se aproxima dos humanos. Ao desobedecer a seu pai ela se apaixona por um humano e idealiza transformar-se em mulher para viver essa história de amor. Conforme Corso e Corso (2006), destaca que o final da animação Disney é muito diferente do conto original. Nessa produção o final permite que Ariel se case com o príncipe humano e há a união entre os povos, questão idealizada neste período de globalização.

Já a produção de *A Bela e a Fera* foi lançada em 1991. Corso e Corso (2006), a retratam como uma versão simplificada da original. Na versão Disney, a família de Bela se resume a ela e seu pai. Além de que, na animação foi criado um rival para a fera, um jovem extremamente belo, porém “feito por dentro”.

Bettelheim (2018), destaca que é o afeto e a devoção da heroína que transforma o animal em homem. Só após amá-lo verdadeiramente ele será desencantado. Bela só se junta a Fera por amor ao seu pai, para salvá-la. Porém, ao amadurecer irá deslocar seu objeto principal de amor para seu futuro marido.

Nessa década, a questão da liberdade das mulheres, sua maior inserção na sociedade e a luta por seus direitos permitem que as produções cinematográficas sigam também por esse caminho. Para Corso e Corso (2006), nesse longa-metragem há uma ambivalência masculina clara, onde os opostos retratados pela Fera e o jovem bonito, demonstram que nesse momento o homem deveria demonstrar o amor e não buscar uma mulher para servi-lo. “A Fera é capaz de compreender os interesses intelectuais da jovem; o outro é um brutamontes, disposto a casar-se para fazer dela uma doméstica a seu serviço”. (CORSO; CORSO, 2006, p. 136).

Na mesma linha de pensamento Aguiar e Barros (2015), salientam que Bela buscava alguém que compreendesse seus anseios e aspirações, não que a tornasse submissa e uma dona de casa. A Fera lhe presenteia com uma biblioteca, sendo que a leitura era uma de suas paixões. Ao conhecer a Fera, Bela se empenha em transformá-lo em alguém amável e acaba se apaixonando por ele apesar da aparência. “O enredo revela que o amor pode transformar pessoas e o que realmente importa é o caráter, e não a aparência, pois o feitiço é quebrado e a Fera volta a ser o príncipe que Bela lia em seus livros.” (AGUIAR; BARROS, 2015, p. 9).

O longa-metragem *Aladdin* é lançado em 1992, a princesa Jasmine é a primeira princesa não europeia da Disney. Segundo Aguiar e Barros (2015), esta é uma princesa com personalidade forte que se rebela contra as leis de sua cultura. Ela se apaixonou por Aladdin, que possui uma posição social inferior à dela, outro ponto no qual essa história é pioneira, é o fato de que a princesa possui mais *status* que o futuro marido. A jovem se opõe ao casamento arranjado imposto por seu pai e a cultura em que está inserida, além de cogitar deixar de ser princesa para poder ficar com seu amor. O final da história, como o esperado, é feliz. O pai de Jasmine aceita o casamento com Aladdin e a princesa pode ficar com sua riqueza e *status*.

Pocahontas surge logo em seguida, que protagoniza o filme que leva seu nome e foi lançado em 1995. Conforme Aguiar e Barros (2015), a jovem é uma indígena americana e prometida em casamento para um guerreiro de sua tribo, porém se apaixonou por um colonizador europeu. Pocahontas consegue mudar as ideias que o colonizador John Smith tinha acerca dos indígenas. Mesmo com todas as diferenças

entre os indígenas e os colonizadores a jovem consegue evitar uma guerra entre os povos, por meio do diálogo e de suas demonstrações de amor para Smith. Pocahontas se livra do casamento arranjado e a tribo permite que ela fique com seu amado.

*Aladdin e Pocahontas* são dois exemplos da união entre povos e etnias, que eram uma pauta clássica nos anos 90, com o início da globalização. Jasmine se uniu a Aladdin quebrando as questões que envolviam as classes sociais, unindo o plebeu e a princesa. Já Pocahontas, permitiu que os então inimigos indígenas e colonizadores se unissem e entendessem seu amor.

Mulan é outra protagonista do filme, o qual leva seu nome e foi lançado em 1998. Aguiar e Barros (2015), destacam que o filme se passa na China e a jovem precisava seguir os costumes de sua família ao conseguir um bom marido e honrar sua família, sendo calma, reservada, graciosa, educada e delicada. No contexto em que o filme é apresentado, as mulheres se dedicavam aos trabalhos domésticos e a maternidade, assumindo o papel de cuidar da casa enquanto os homens iam para a guerra. Porém, Mulan não se encaixava nesse padrão feminino de sua cultura. Não deseja se casar, não gostava das maquiagens que faziam parte das suas tradições, tem um espírito livre e só aceita as questões impostas para agradar sua família.

“Mulan é humilhada pelo Conselheiro Imperial, que afirma que ela nunca será digna de nada, por ser mulher, ressaltando que deve ‘dobrar a língua’ na presença de homens.” (AGUIAR; BARROS, 2015, p. 10). Mulan, é a primeira princesa a se impor contra as desigualdades de gênero. No decorrer da história, ainda conforme Aguiar e Barros (2015), a jovem desconstrói preconceitos por ser mulher e por seu desempenho ser melhor do que os dos homens de seu batalhão, chegando a salvar a vida de seu capitão.

O filme, na visão de Aguiar e Barros (2015), se torna uma crítica à repressão e a diminuição da figura feminina. Mulan se torna a primeira princesa desse período que se opõe às tradições de sua época para proteger e honrar sua família, e não há ligação com o amor por um príncipe, mesmo que no final ocorra seu casamento.

### **3.2.3 Princesas Contemporâneas**

Para Zumaêta (2016), essa nova era de princesas surgiu com o novo milênio. O maior marco que as representa é a dissociação do matrimônio como requisito obrigatório para o “felizes para sempre”. Para esse autor, as princesas que fazem

parte dessa classificação seriam Tiana de *A princesa e o Sapo* (2009), Rapunzel em *Enrolados* (2010) e Merida em *Valente* (2012). Nessa mesma visão, Aguiar e Barros (2015), ainda acrescentam Frozen lançado em 2013. Moana foi lançado em 2016, visto que os autores já mencionados datam de antes desse ano, para teorizar esse longa será tomado como referência, Bohm, Marangoni e Ramos (2020).

“São princesas (e rainhas) completamente independentes, cujas ações influenciam diretamente o rumo da narrativa – e, quando precisam ser salvas, em alguns casos o são por outras mulheres.” (ZUMAËTA, 2016, p. 21). Ainda segundo a autora, as mudanças nas histórias são revolucionárias. Essas princesas surgem para suprir demandas de uma sociedade na qual as mulheres conquistaram inúmeros direitos e possibilidades, tais como: o voto, independência financeira, ingresso no mercado de trabalho e empoderamento<sup>5</sup>.

Contudo, para Aguiar e Barros (2015), apesar de todas as conquistas já alcançadas pelas mulheres, é inegável que a igualdade de direitos ainda é algo distante. O ideal igualitário na prática, por muitas vezes torna-se um acúmulo de funções e não a igualdade propriamente dita. Mas esses autores não negam a autonomia, liberdade financeira e social já adquirida pelas mulheres, tendência seguida pelos Estúdios Disney.

*A Princesa e o Sapo* é o primeiro filme dessa nova era de princesas, onde Aguiar e Barros (2015), destacam que Tiana é a primeira princesa afro-americana, que trabalha e é independente. E que, não espera por um príncipe encantado, lutando sozinha pelo seu sonho que é ter seu próprio restaurante.

Segundo Lopes (2015), Tiana encontra um príncipe, que foi transformado em sapo e está desesperado para retornar a sua forma humana, um beijo faz com que o encanto se quebre. Juntos eles irão construir os sonhos de Tiana. Embora a jovem se case com um príncipe, esse não é o cerne da história, somente um complemento.

Já em *Enrolados*, lançado em 2010, é protagonizado por Rapunzel. Para Lopes (2015), Rapunzel é cheia de vida e curiosidade, possui um cabelo mágico e vive presa em uma torre, onde passa seus dias envolvida por arte, livros e sua imaginação.

---

<sup>5</sup>O termo empoderamento segue as ideias de Joice Berth (2020). Segundo a autora empoderamento seria dar poder, porém de uma forma articulada aos indivíduos e grupos que estejam em um processo de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si próprio e de sua história.

Aguiar e Barros (2015) apontam que essa princesa é a mais divertida das novas princesas. As tarefas que ela realizava, como a culinária e a pintura, não eram algo imposto ou desagradável, mas consequência de seu tempo livre.

Ainda na perspectiva de Aguiar e Barros (2015), a figura feminina nesse longa está diretamente ligada à independência e autonomia, que justifica a sua felicidade não estar atrelada a um príncipe encantado, mas a sua liberdade e vontade de sair da torre. A figura do príncipe é bastante peculiar nessa história, uma vez que suas características não se parecem com nada com os estereótipos já existentes, Flynn Rider era um ladrão. Outra condição que vai na contramão dos demais contos, é que Rapunzel é quem salva a vida de Flynn.

*Valente* é o próximo longa-metragem a ser lançado, em 2012. Aguiar e Barros (2015), trazem a concepção de que Merida, a protagonista do filme, foge dos padrões de princesa, seu cabelo é desarrumado, rebelde, impetuosa, utiliza arco-e-flecha e é desastrada. Possui um grande apreço pela liberdade, e repulsa pelo casamento arranjado, desafiando as regras de sua época e competindo pelo direito de decidir com quem casar, pois acredita que deve poder decidir seu futuro.

Aguiar e Barros (2015), enfatizam que Merida foi educada para seguir os passos de sua mãe e ser uma rainha. Contudo, prefere rir alto, falar de boca cheia, acorda tarde, não é cautelosa nem paciente. A princesa consegue seu direito de não se casar e termina sem nenhum príncipe. Nessa história: “o papel de independência e liberdade assumido pela mulher a faz desejar, cultivar e fortalecer os laços familiares com os pais, ao invés de pautar sua felicidade e seu bem-estar num relacionamento amoroso.” (AGUIAR; BARROS, 2015, p. 12).

Essa história se relaciona em partes com *Mulan*. Nos dois longas-metragens, o laço familiar é enfatizado e as princesas lutam para que seus direitos de escolha, relacionados com seu futuro, sejam atendidos. O principal diferencial de Merida é que, mesmo ao fim da história, não há um príncipe. Já *Mulan*, encontra o amor, mas de forma independente, não pelo casamento arranjado.

*Frozen*, lançado em 2013, para Aguiar e Barros (2015), também se encaixa nessa era de princesas contemporâneas. O longa-metragem quebra os padrões clássicos de princesas estereotipadas como frágeis e indefesas, e também dos príncipes heroicos. O enredo dessa história pela primeira vez enfoca o amor fraterno e o poder mágico de Elsa, de criar gelo ou transformar em gelo tudo que toca. Outro ponto, é que o poder de Elsa fica claro justamente ao demonstrar sua indignação

quando Anna lhe revela que irá se casar com um príncipe que acabara de conhecer.

“O amor fraterno é expresso quando Elsa foge e Anna sai em busca dela e, nessa saga, conhece Khristoff, que lhe ajuda a encontrar a irmã e mostra que não existe amor à primeira vista.” (AGUIAR; BARROS, 2015, p. 12). Conforme os autores, Anna descobre após se decepcionar com Hans, que príncipes encantados não existem. Ao final do longa Elsa, assume o trono de seu reino, e é a única rainha a não ter um marido ao lado. Esse contexto indica o papel atual da mulher na sociedade, sem a necessidade de uma figura masculina para obter sucesso profissional e pessoal.

A princesa mais recente é Moana, com seu filme lançado em 2016. Bohm, Marangoni e Ramos (2020), enfatizam a relação intergeracional presente principalmente entre Moana e sua avó. Há um enfoque na família e as tradições daquele povo. Moana não é uma princesa comum, ela faz parte de uma aldeia, mora em uma ilha e possui grande curiosidade por sua cultura. A animação ainda enfatiza a força das mulheres: “A avó, portadora do conhecimento, responsável pela transmissão deste às novas gerações, e Moana, jovem determinada, que percebe suas fragilidades, mas não se desencoraja diante dos desafios.” (BOHM; MARANGONI; RAMOS, 2020, p. 76).

Moana ainda se distingue e apresenta a modernidade do século XXI, por ser uma princesa sem príncipe, mesmo no final do filme, quem continua ao seu lado são sua família. Ela consegue, com a ajuda de seus amigos, vencer o medo que seu povo possuía do oceano. Ao retornar a ilha seguirá os passos de seu pai e liderando seu povo, destacando a independência feminina e lugar em papéis importantes de uma sociedade.

Portanto, as histórias e produções cinematográficas voltadas ao público infantil estão em constante modificação. Essas narrativas acompanham as mudanças socioculturais em que a sociedade está inserida, para que haja assim a identificação dos sujeitos que assistem e leem sobre os personagens apresentas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As personagens femininas passaram por diversas mudanças ao longo de sua história. Visto as conquistas do âmbito social, as histórias e produções cinematográficas acompanharam esse avanço. As princesas clássicas ainda possuem o apreço de muitas crianças, mas já dividem seu espaço com as novas princesas, modernas e contemporâneas, que permitem a identificação com a realidade social e cultural desse século.

A interação com os adultos a partir das histórias permite o desenvolvimento infantil, incentiva a leitura e abre portas para a fantasia e o simbólico, além de estimular o vínculo familiar. Não só as crianças, mas os adultos também reverberam sobre as histórias que lhe foram contadas na infância, as revivem em seu cotidiano e em análise, como marcas importantes de seus primeiros anos de vida.

Sendo assim, no primeiro capítulo evidenciou-se a história dos contos, e como esses fazem parte da vida de boa parte da população, desde seu nascimento ou a partir da inserção nas escolas. Os contos clássicos foram o foco deste trabalho. Entretanto, além dos contos clássicos atualmente as crianças possuem acesso a uma infinidade de histórias, o que pode possibilitar ainda mais o acesso a leitura e o desenvolvimento infantil.

Na esfera dos contos clássicos ainda há muito a ser estudado, análises a partir do campo histórico, social e psicanalítico. Cada conto, mesmo que com aspectos semelhantes, possui suas nuances que fazem questão, em especial para o desenvolvimento infantil, público ao qual eles são direcionados atualmente. Além de que, hoje com as produções cinematográficas as mais diversas interrelações são possíveis entre contos e filmes.

O contexto histórico cultural abordado no segundo capítulo apresentou as modificações ocorridas a nível mundial nos últimos séculos, evidenciando as questões femininas. As lutas pelos direitos de expressão, igualdade e de gênero destacam-se nessas modificações, que repercutem ainda na sociedade atual. O feminismo não foi o foco desse capítulo, mas sem ele muitas das conquistas femininas não teriam ocorrido. As ondas do feminismo não são lineares, nem possuem uma ordem cronológica estritamente demarcada. Autores diferem dos anos de início e fim das ondas, dado que elas acontecem em tempos diferentes ao redor do mundo e mesmo após seu “fim”, aspectos das anteriores continuam refletindo nas próximas. Ainda há

muito para se conquistar pelos direitos das mulheres. As sociedades estão em constante transformação, exemplo disso, é a quarta onda do feminismo que ainda está ocorrendo.

O feminismo foi brevemente abordado no segundo capítulo. A luta feminista já pôde conquistar tanto, mas ainda continua a combater as desigualdades, não só das mulheres, mas das mais diversas minorias, em especial as que sofrem pela sua identidade de gênero.

Já no último capítulo, foram unidas as questões dos dois primeiros e relacionadas com as princesas propriamente. A existência dos contos clássicos e as modificações no âmbito histórico e cultural, permitiram que as princesas também se transformassem e acompanhassem a realidade feminina de cada época em que estão inseridas. As princesas contemporâneas retratam o século XXI, no qual as mulheres já conquistaram espaço em sociedade, tem direito ao voto, liberdade para escolher seu futuro. Destaca-se a questão do casamento, tão presente nas princesas clássicas e em algumas modernas. Já nas contemporâneas, quando ocorre, é mais um evento complementar, não essencial para a história.

Enfim, conclui-se que os contos são de suma importância para a subjetivação do sujeito e de seu desenvolvimento. Não desmerecendo as princesas clássicas, visto que suas histórias possuem elementos que influenciam no desenvolvimento psíquico, mas as princesas contemporâneas se apresentam como um novo objeto de identificação, para meninos e meninas que estão sendo inseridos em mundo mais igualitário entre os gêneros. Essas princesas do século XXI são modernas, independentes e correm atrás de seus próprios sonhos, sem a necessidade da figura masculina, tão característica nas primeiras histórias.

Reforça-se assim, que a partir das histórias infantis há a possibilidade do acesso ao psiquismo infantil e identificação com os personagens, sejam eles bons ou ruins, uma vez que a criança decide a partir de seu desenvolvimento qual aspecto da história lhe fará sentido naquele momento. Com isso, o presente Trabalho de Conclusão de Curso permitiu que os contos fossem abordados por um viés que evidenciou o papel das princesas. Para a Psicologia, pensar a subjetivação infantil e identificação com as personagens permite o desenvolvimento da criança. As princesas possivelmente continuarão em constante modificação, visto que, a sociedade também continua evoluindo e mudando seus conceitos.



Com a escrita do presente estudo outras questões de pesquisa surgiam, porém, não foram aprofundadas. A questão do feminismo esteve presente durante o trabalho, porém foi abordado de forma superficial e merece uma maior dedicação. Tratou-se especialmente das princesas, mas não só elas se modificaram, o contexto dos contos, os locais nos quais o enredo ocorre e os demais personagens também se transformaram e possibilitam questionamentos para um futuro estudo. Nessa mesma visão, as princesas são um novo objeto de identificação, mas pode-se indagar acerca do papel de identificação que os outros personagens também proporcionam aos sujeitos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, E. L. C.; BARROS, M. K. **A representação feminina nos contos de fadas das animações de Walt Disney**: a ressignificação do papel social da mulher. Anais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Natal, 2015. Disponível em <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1959-1.pdf>>. Acesso em: 02/04/2020.

ALMEIDA, A. M. M. Feminilidade: caminho de subjetivação. **Estudos Psicanalíticos**. N. 38, p. 29-44. Belo Horizonte, dezembro de 2012. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372012000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372012000200004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 23/11/2020.

ANDERSEN, H. C. (1837). **A pequena Sereia**. Disponível em: <https://www.editorawish.com.br/blogs/contos-de-fadas-originais-completos-e-gratuitos/a-pequena-sereia-hans-christian-andersen-1837>. Acesso em: 19/11/2020.

APULEIO. **O mito de Eros e Psique**. 2020. Disponível em: [http://www.fafich.ufmg.br/~labfil/mito\\_filosofia\\_arquivos/eros\\_psique.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/~labfil/mito_filosofia_arquivos/eros_psique.pdf). Acesso em: 17/11/2020.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BEAUMONT, M. (1756). **A Bela e a Fera**. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/c8xsv>. Acesso em: 19/11/2020.

BERTH, J. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020.

BETTELHEIM, B. **Na terra das fadas**: análise das personagens femininas. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **A psicanálise dos contos de fadas**. 35. ed. Rio de Janeiro/são Paulo: Paz e Terra, 2018.

BACCARO, I. B.; ARRUDA, V. A. B.; TIOSSI, N. M.; DURÃO, T. B.; SILVA, A. T. T.; BARROS, M. S. F.. LER E CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: relato de experiência do pibid pedagogia-uel. In: FERREIRA, G. R. (org.). **Educação**: políticas, estrutura e organização. 8 ed. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019. p. 166-170. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/12181>. Acesso em: 20/10/2020.

BRASIL.. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/91764/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-lei-8069-90>. Acesso em: 23/11/2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e da Cultura. **Base Nacional Comum Curricular**.

2020. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 17/11/2020.

BOHM, V.; MARANGONI, M. C. T.; RAMOS, F. B.. Moana: um olhar para as relações intergeracionais. **Aurora**: revista de arte, mídia e política. V. 13, n. 37, p. 68-82. São Paulo, Fevereiro-Maio de 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/aurora/article/download/39327/pdf>. Acesso em: 18/11/2020.

CASTAN, Y.. Política e vida privada. In: CHARTIER, R. (Org.). **História da Vida Privada 3**: da Renascença ao Século das Luzes. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 27-70.

CORSO, M.; CORSO, D.. **Fadas no divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COSME, A. L. F. **Era uma vez... Branca de Neve a representação feminina no conto clássico e no filme Espelho, espelho meu**. Dissertação. Curso de Mestrado em História da Literatura. FURG. Rio Grande, 2016. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/6269>. Acesso em: 06/10/2020.

DICIONÁRIO MICHAELIS (org.). **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 17/11/2020.

DUBY, G. (org.). **História da Vida Privada 2**: da Europa feudal a renascença. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FARAH, M. F. S.. Gênero e políticas públicas. **Estudos Feministas**. V. 1, n. 12, p. 47-71. Florianópolis, janeiro-abril de 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000100004/7943>. Acesso em: 30/09/2020.

GARCIA, C. C.. **Breve História do Feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/breve-hist%C3%B3ria-do-feminismo-3b965e956065>. Acesso em: 22/10/2020.

GOVERNO ESTADUAL DE BRASÍLIA. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios. **Beijar a força**. Brasília, 2014. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/beijar-a-forca>. Acesso em: 10/11/2020.

GRIMM, J.; GRIMM, W. (1812 a). **A Bela Adormecida**. Disponível em: [https://www.grimmstories.com/pt/grimm\\_contos/a\\_bela\\_adormecida](https://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/a_bela_adormecida). Acesso em: 19/11/2020.

\_\_\_\_\_. (1812 b). **Branca de Neve**. Disponível em: <https://www.editorawish.com.br/blogs/contos-de-fadas-originais-completos-e-gratuitos/branca-de-neve-irmaos-grimm-1812>. Acesso em: 17/11/2020.

\_\_\_\_\_. (1812 c). **Cinderela**. Disponível em:  
<https://www.editorawish.com.br/blogs/contos-de-fadas-originais-completos-e-gratuitos/cinderela-jacob-e-wilhelm-grimm-1812>. Acesso em: 17/11/2020.

\_\_\_\_\_. (1812 d). **Rapunzel**. Disponível em:  
[https://www.grimmstories.com/pt/grimm\\_contos/rapunzel](https://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/rapunzel). Acesso em: 19/11/2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KEHL, M. R.. Prefácio: a criança e seus narradores. *In*: CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-21.

LOPES, K. E. L. S.. **Análise da evolução do estereótipo das Princesas Disney**. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Bacharel em Comunicação Social Com Habilitação em Publicidade e Propaganda. UniCEUB. Brasília, 2015. Disponível em:  
<https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/7620>. Acesso em: 17/11/2020.

MACHADO, A. M. **Contos de Fadas**: de Perrault, Grimm, Andersen & outros. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MENDES, M. B. T.. **Em busca dos Contos perdidos**: o significado das funções femininas nos contos de Perrault. São Paulo: Editora Unesp: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

MOREIRA, J. O.. Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. **Psicologia e estudos**. V. 9, n. 2, p. 219-227. Maringá, Agosto de 2004. Disponível em  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722004000200008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722004000200008&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 05/11/2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Transformando nosso mundo: a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável**. Disponível em  
 <<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>>. Acesso em: 09/04/2020.

PERRAULT, C (1697 a). **A gata Borralheira/Cinderela**. Disponível em:  
<http://www.portal-biblon.com/files/gatab.pdf>. Acesso em: 17/11/2020.

\_\_\_\_\_. (1697 b). **A Bela Adormecida**. Disponível em:  
<https://sweetdreamsed.wordpress.com/contos-2/a-bela-adormecida/#:~:text=Na%20vers%C3%A3o%20do%20franc%C3%AAs%20Charles,dois%20filhos%2C%20Aurora%20e%20Dia..> Acesso em: 18/11/2020.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: Edusc, 2005. Disponível em:  
[https://www.academia.edu/33466946/As\\_mulheres\\_ou\\_os\\_sil%C3%AAsncios\\_da\\_hist%C3%B3ria\\_Michelle\\_Perrot\\_pdf](https://www.academia.edu/33466946/As_mulheres_ou_os_sil%C3%AAsncios_da_hist%C3%B3ria_Michelle_Perrot_pdf). Acesso em: 13/10/2020.

PINTO, C. R. J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. Disponível em:  
<https://democraciadireitoegenero.files.wordpress.com/2016/07/pinto-cc3a9li-regina->

jardim-uma-histc3b3ria-do-feminismo-no-brasil.pdf. Acesso em: 22/10/2020.

PORFÍRIO, F. **Movimento sufragista**. 2020. Disponível em: [https://mundoeducacao.uol.com.br/politica/sufragio-feminino.htm#:~:text=O%20movimento%20sufragista%20foi%20um,direito%20ao%20sufr%C3%A1gio%20\(voto\)](https://mundoeducacao.uol.com.br/politica/sufragio-feminino.htm#:~:text=O%20movimento%20sufragista%20foi%20um,direito%20ao%20sufr%C3%A1gio%20(voto).). Acesso em: 22/10/2020.

SILVA, M. O.; GARCIA, M. M. A. S.; SILVA, R. C.. Contação de histórias infantis: promovendo a imaginação e o lúdico. **Revista Elo: Diálogos em Extensão**. V. 2, n. 1, p. 51-74. Viçosa, junho de 2013. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/13401>. Acesso em: 13/10/2020.

SIQUEIRA, C. B.; BUSSINGUER, Elda Coelho de Azevedo. As ondas do feminismo e seu impacto no mercado de trabalho da mulher. **Revista Thesis Juris – RTJ**. V. 9, n. 1, p. 145-166. São Paulo, janeiro-junho. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/thesisjuris/article/view/14977/8270>. Acesso em: 26/10/2020.

TECH, Canal. **Walt Disney Company**. 2020. Disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/walt-disney/>. Acesso em: 17/11/2020.

TODESCHI, L. A.. **As Mulheres e a História: Uma introdução Teórico Metodológica**. Santa Maria: Ufgd, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/1046/1/as-mulheres-e-a-historia-uma-introducao-teorico-metodologica-losandro-antonio-teseschi.pdf>. Acesso em: 13/10/2020.

VIGOTSKI, L. S. (1918). **A construção do pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/59445409/A\\_construcao\\_do\\_pensamento\\_e\\_da\\_linguagem\\_COMPLETO20190529-126521-11ls27b.pdf?1559172823=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DA\\_Construcao\\_do\\_Pensamento\\_e\\_da\\_Linguagem.pdf&Expires=1604671363&Signature=a2r5rzNvd-bm03Rc83CMb9n7ukaE2xQvJ7dpjUGU1436izdK3L9SOU9ZmYwG1tQox1iiNfvdDhnBXUqqI8OzBEdYmpWDXPgW98cuRAk2hwsGe-coRa4Ln3SGGsqLmz5XJsD6yO-BbxY5JHthBMSr8JUI9-pjSehvf3IZ7leNgVx3Pkna9Glqg95teLI-CHsTziQ-QY-McXrPI4zuzBhTZ0g6PlaflaP8V4SEmjrlqYM49uFlpfVDg-tElItJ0ASaQzT8579SRgfbwbtwbPRU-kccc8Wk48Prq92AcTHLGsfCh8DrMPgqPbqeQxYqWcu-2h7mMkOfjRouRghBbsoJA\\_\\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/59445409/A_construcao_do_pensamento_e_da_linguagem_COMPLETO20190529-126521-11ls27b.pdf?1559172823=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DA_Construcao_do_Pensamento_e_da_Linguagem.pdf&Expires=1604671363&Signature=a2r5rzNvd-bm03Rc83CMb9n7ukaE2xQvJ7dpjUGU1436izdK3L9SOU9ZmYwG1tQox1iiNfvdDhnBXUqqI8OzBEdYmpWDXPgW98cuRAk2hwsGe-coRa4Ln3SGGsqLmz5XJsD6yO-BbxY5JHthBMSr8JUI9-pjSehvf3IZ7leNgVx3Pkna9Glqg95teLI-CHsTziQ-QY-McXrPI4zuzBhTZ0g6PlaflaP8V4SEmjrlqYM49uFlpfVDg-tElItJ0ASaQzT8579SRgfbwbtwbPRU-kccc8Wk48Prq92AcTHLGsfCh8DrMPgqPbqeQxYqWcu-2h7mMkOfjRouRghBbsoJA__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA). Acesso em: 06/11/2020.

ZUMAËTA, L. O. **Representação feminina em contos de fadas: uma análise das personagens de três histórias infantis e suas adaptações**. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Letras Vernáculas. UFBA. Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/21302/1/REPRESENTA%C3%87%C3%83O%20FEMININA%20EM%20CONTOS%20DE%20FADAS.pdf>. Acesso em: 09/04/2020.

## ANEXOS

### ANEXO A - O mito de Eros e Psique

Psique era a mais nova de três filhas de um rei de Mileto e era extremamente bela. Sua beleza era tanta que pessoas de várias regiões iam admirá-la, assombrados, rendendo-lhe homenagens que só eram devidas à própria Afrodite.

Profundamente ofendida e enciumada, Afrodite enviou seu filho, Eros, para fazê-la apaixonar-se pelo homem mais feio e vil de toda a terra. Porém, ao ver sua beleza, Eros apaixonou-se profundamente.

O pai de Psique, suspeitando que, inadvertidamente, havia ofendido os deuses, resolveu consultar o oráculo de Apolo, pois suas outras filhas encontraram maridos e, no entanto, Psique permanecia sozinha. Através desse oráculo, o próprio Eros ordenou ao rei que enviasse sua filha ao topo de uma solitária montanha, onde seria desposada por uma terrível serpente. A jovem aterrorizada foi levada ao pé do monte e abandonada por seu pesarosos parentes e amigos. Conformada com seu destino, Psique foi tomada por um profundo sono, sendo, então, conduzida pela brisa gentil de Zéfiro a um lindo vale.

Quando acordou, caminhou por entre as flores, até chegar a um castelo magnífico. Notou que lá deveria ser a morada de um deus, tal a perfeição que podia ver em cada um dos seus detalhes. Tomando coragem, entrou no deslumbrante palácio, onde todos os seus desejos foram satisfeitos por ajudantes invisíveis, dos quais só podia ouvir a voz.

Chegando a escuridão, foi conduzida pelos criados a um quarto de dormir. Certa de ali encontraria finalmente o seu terrível esposo, começou a tremer quando sentiu que alguém entrara no quarto. No entanto, uma voz maravilhosa a acalmou. Logo em seguida, sentiu mãos humanas acariciarem seu corpo. A esse amante misterioso, ela se entregou. Quando acordou, já havia chegado o dia e seu amante havia desaparecido. Porém essa mesma cena se repetiu por diversas noites.

Enquanto isso, suas irmãs continuavam a sua procura, mas seu esposo misterioso a alertou para não responder aos seus chamados. Psique sentindo-se solitária em seu castelo-prisão, implorava ao seu amante para deixá-la ver suas irmãs. Finalmente, ele aceitou, mas impôs a condição que, não importando o que suas irmãs dissessem, ela nunca tentaria conhecer sua verdadeira identidade.

Quando suas irmãs entraram no castelo e viram aquela abundância de beleza e maravilhas, foram tomadas de inveja. Notando que o esposo de Psique nunca aparecia, perguntaram maliciosamente sobre sua identidade. Embora advertida por seu esposo, Psique viu a dúvida e a curiosidade tomarem conta de seu ser, aguçadas pelos comentários de suas irmãs. Seu esposo alertou-a que suas irmãs estavam tentando fazer com que ela olhasse seu rosto, mas se assim ela fizesse, ela nunca mais o veria novamente. Além disso, ele contou-lhe que ela estava grávida e se ela conseguisse manter o segredo ele seria divino, porém se ela falhasse, ele seria mortal.

Ao receber novamente suas irmãs, Psique contou-lhes que estava grávida, e que sua criança seria de origem divina. Suas irmãs ficaram ainda mais enciumadas com sua situação, pois além de todas aquelas riquezas, ela era a esposa de um lindo deus. Assim, trataram de convencer a jovem a olhar a identidade do esposo, pois se ele estava escondendo seu rosto era porque havia algo de errado com ele. Ele realmente deveria ser uma horrível serpente e não um deus maravilhoso.

Assustada com o que suas irmãs disseram, escondeu uma faca e uma lâmpada próximo a sua cama, decidida a conhecer a identidade de seu marido, e se ele fosse realmente um monstro terrível, matá-lo. Ela havia esquecido dos avisos de seu amante, de não dar ouvidos a suas irmãs. A noite, quando Eros descansava ao seu lado, Psique tomou coragem e aproximou a lâmpada do rosto de seu marido, esperando ver uma horrenda criatura. Para sua surpresa, o que viu porém deixou-a maravilhada. Um jovem de extrema beleza estava repousando com tamanha quietude e doçura que ela pensou em tirar a própria vida por haver dele duvidado. Enfeitiçada por sua beleza, demorou-se admirando o deus alado. Não percebeu que havia inclinado de tal maneira a lâmpada que uma gota de óleo quente caiu sobre o ombro direito de Eros, acordando-o.

Eros olhou-a assustado, e voou pela janela do quarto, dizendo: - "Tola Psique! É assim que retribuis meu amor? Depois de haver desobedecido as ordens de minha mãe e te tornado minha esposa, tu me julgavas um monstro e estavas disposta a cortar minha cabeça? Vai. Volta para junto de tuas irmãs, cujos conselhos pareces preferir aos meus. Não lhe imponho outro castigo, além de deixar-te para sempre. O amor não pode conviver com a suspeita." Quando se recompôs, notou que o lindo castelo a sua volta desaparecera, e que se encontrava bem próxima da casa de seus pais. Psique ficou inconsolável. Tentou suicidar-se atirando-se em um rio próximo,

mas suas águas a trouxeram gentilmente para sua margem. Foi então alertada por Pan para esquecer o que se passou e procurar novamente ganhar o amor de Eros.

Por sua vez, quando suas irmãs souberam do acontecido, fingiram pesar, mas partiram então para o topo da montanha, pensando em conquistar o amor de Eros. Lá chegando, chamaram o vento Zéfiro, para que as sustentasse no ar e as levasse até Eros. Mas, Zéfiro desta vez não as ergueram no céu, e elas caíram no despenhadeiro, morrendo.

Psique, resolvida a reconquistar a confiança de Eros, saiu a sua procura por todos os lugares da terra, dia e noite, até que chegou a um templo no alto de uma montanha. Com esperança de lá encontrar o amado, entrou no templo e viu uma grande bagunça de grãos de trigo e cevada, ancinhos e foices espalhados por todo o recinto. Convencida que não devia negligenciar o culto a nenhuma divindade, pôs-se a arrumar aquela desordem, colocando cada coisa em seu lugar. Deméter, para quem aquele templo era destinado, ficou profundamente grata e disse-lhe:

- "Ó Psique, embora não possa livrá-la da ira de Afrodite, posso ensiná-la a fazê-lo com suas próprias forças: vá ao seu templo e renda a ela as homenagens que ela, como deusa, merece".

Afrodite, ao recebê-la em seu templo, não esconde sua raiva. Afinal, por aquela reles mortal seu filho havia desobedecido suas ordens e agora ele se encontrava em um leito, recuperando-se da ferida por ela causada. Como condição para o seu perdão, a deusa impôs uma série de tarefas que deveria realizar, tarefas tão difíceis que poderiam causar sua morte.

Primeiramente, deveria, antes do anoitecer, separar uma grande quantidade de grãos misturados de 3 trigo, aveia, cevada, feijões e lentilhas. Psique ficou assustada diante de tanto trabalho, porém uma formiga que estava próxima, ficou comovida com a tristeza da jovem e convocou seu exército a isolar cada uma das qualidades de grão.

Como 2ª tarefa, Afrodite ordenou que fosse até as margens de um rio onde ovelhas de lã dourada pastavam e trouxesse um pouco da lã de cada carneiro. Psique estava disposta a cruzar o rio quando ouviu um junco dizer que não atravessasse as águas do rio até que os carneiros se pusessem a descansar sob o sol quente, quando ela poderia aproveitar e cortar sua lã. De outro modo, seria atacada e morta pelos carneiros. Assim feito, Psique esperou até o sol ficar bem alto no horizonte, atravessou o rio e levou a Afrodite uma grande quantidade de lã dourada.



Sua 3ª tarefa seria subir ao topo de uma alta montanha e trazer para Afrodite uma jarra cheia com um pouco da água escura que jorrava de seu cume. Dentre os perigos que Psique enfrentou, estava um dragão que guardava a fonte. Ela foi ajudada nessa tarefa por uma grande águia, que voou baixo próximo a fonte e encheu a jarra com a negra água.

Irada com o sucesso da jovem, Afrodite planejou uma última, porém fatal, tarefa. Psique deveria descer ao mundo inferior e pedir a Perséfone, que lhe desse um pouco de sua própria beleza, que deveria guardar em uma caixa. Desesperada, subiu ao topo de uma elevada torre e quis atirar-se, para assim poder alcançar o mundo subterrâneo. A torre, porém, murmurou instruções de como entrar em uma particular caverna para alcançar o reino de Hades. Ensinou-lhe ainda como driblar os diversos perigos da jornada, como passar pelo cão Cérbero e deu-lhe uma moeda para pagar a Caronte pela travessia do rio Estige, advertindo-a:

"Quando Perséfone lhe der a caixa com sua beleza, toma o cuidado, maior que todas as outras coisas, de não olhar dentro da caixa, pois a beleza dos deuses não cabe a olhos mortais". Seguindo essas palavras, conseguiu chegar até Perséfone, que estava sentada imponente em seu trono e recebeu dela a caixa com o precioso tesouro. Tomada porém pela curiosidade em seu retorno, abriu a caixa para espiar. Ao invés de beleza havia apenas um sono terrível que dela se apossou.

Eros, curado de sua ferida, voou ao socorro de Psique e conseguiu colocar o sono novamente na caixa, salvando-a.

Lembrou-lhe novamente que sua curiosidade havia novamente sido sua grande falta, mas que agora podia apresentar-se à Afrodite e cumprir a tarefa.

Enquanto isso, Eros foi ao encontro de Zeus e implorou a ele que apaziguasse a ira de Afrodite e ratificasse o seu casamento com Psique. Atendendo seu pedido, o grande deus do Olimpo ordenou que Hermes conduzisse a jovem à assembleia dos deuses e a ela foi oferecida uma taça de ambrosia. Então com toda a cerimônia, Eros casou-se com Psique, e no devido tempo nasceu seu filho, chamado Voluptas (Prazer).

## ANEXO B - Bela Adormecida do Bosque – Charles Perrault (1667)

### Resumo da obra:

Na versão do francês Charles Perrault, intitulada de “Bela Adormecida no Bosque” a princesa adormecida (que neste conto não possui nome) é acordada pelo príncipe após cem anos. Eles então se casam e tem dois filhos, Aurora e Dia. Durante um período de dois anos o príncipe mantém o casamento escondido da família, pois teme que a mãe, de ascendência ogra, faça mal a seus filhos, porém após a morte do Rei, o príncipe assume o reino e apresenta a todos sua nova família. Um dia o jovem rei precisa ausentar-se do reino, e neste momento a rainha-mãe aproveita para tentar devorar os netos e a nora. Ela manda que um cozinheiro faça deles um jantar, porém o serviçal se compadece da pureza das crianças e da Bela, então poupa-lhes a vida e os esconde em sua casa com sua esposa, enquanto mata animais e serve em apetitosos pratos para a rainha-ogra. Um dia a rainha-mãe, passeando pelas propriedades do palácio, ouve o choro do pequeno Dia, e descobre toda a farsa elaborada pelo cozinheiro. A Rainha então mandou que colocassem uma tina no pátio do castelo e a enchessem de cobras, víboras, serpentes e sapos, pois ela jogaria dentro a nora, os netos, o cozinheiro e sua esposa, e depois os devoraria. Porém, inesperadamente o Príncipe-Rei retorna de sua viagem e surpreende a mãe. A rainha fica tão furiosa com por ter sido desmascarada diante do filho, que joga-se na tina e morre devorada pelos bichos.

## ANEXO C - Cinderela – Charles Perrault (1697)

Era uma vez um fidalgo que casara em segundas núpcias com a mulher mais arrogante e orgulhosa que alguma vez se viu, mãe de duas filhas como ela e iguais como duas gotas de água. O marido também tinha uma filha, mas esta era doce e boa como a sua mãe, que fora a melhor pessoa do mundo.

Assim que se casaram, a madrasta mostrou logo que era muito má. Não podia suportar as boas qualidades da rapariguinha, pois, ao lado dela, as suas filhas pareciam ainda mais antipáticas. Por isso, começou a obrigá-la a fazer os trabalhos domésticos mais humildes: tratava da cozinha, limpava as escadas, arrumava os quartos da senhora e das suas filhas; dormia no sótão, num colchão de palha, enquanto as irmãs dormiam em quartos bonitos, com espelhos onde se podiam ver

da cabeça aos pés. A pobre menina suportava tudo aquilo com paciência e não se queixava ao pai, porque sabia que ele lhe ralharia.

Quando acabava de limpar a casa, a boa rapariga refugiava-se a um canto da lareira e sentava-se nas cinzas. Por isso chamavam-lhe Gata Borralheira. Esta, porém, com os seus pobres vestidinhos, era cem vezes mais bonita do que as suas meias-irmãs que, no entanto, se vestiam como grandes senhoras.

Um dia o filho do rei organizou um baile e convidou todas as pessoas importantes. As duas irmãs foram convidadas, porque eram pessoas distintas no país. Começaram logo a escolher os vestidos e os penteados mais bonitos, cheias de alegria. A Gata Borralheira, coitada, teve que engomar os saíotes e os punhos dos vestidos das irmãs. Em casa só se falava do modo como iriam vestidas na noite da festa.

- Eu - decidiu a mais velha - vou levar o vestido de veludo vermelho com guarnição de renda da Inglaterra.

- Eu - declarou a mais nova - vou vestir o meu vestido do costume mas com o manto de flores de ouro e o colar de diamantes. Ficaré um fato invulgar!

Chamaram as melhores cabeleireiras que lhes fizeram duas filas de caracóis. Por fim, chamaram a Gata Borralheira, cujo gosto muito apreciavam, para que desse a sua opinião. Ela deu-lhes ótimos conselhos, além de se oferecer para as ajudar a vestir, o que aceitaram imediatamente. Enquanto as vestia e penteava, as meias-irmãs perguntaram:

- Ó Gata Borralheira, gostavas de ir ao baile?

- Ah, meninas, estão a troçar! Essa festa não é para mim!

- Tens razão! Até dava vontade de rir, ver uma Gata Borralheira como tu num baile!

Qualquer outra rapariga no lugar dela teria feito tudo para as vestir mal, mas como era boa, vestiu-as melhor do que ninguém. As meias-irmãs fizeram dieta, não comeram durante dois e ficaram com cinturas de vespa.

Chegou finalmente o grande dia e as irmãs partiram. A Gata Borralheira seguiu-as com os olhos enquanto pôde e, quando desapareceram, desatou a chorar. A madrinha, que tinha vindo visitá-la, quis saber o que se passava.

- Eu queria... eu queria... - a Gata Borralheira chorava de tal maneira que nem conseguia falar. A madrinha, que era uma fada, consolou-a:

- Também querias ir ao baile, não é?

- É isso mesmo - suspirou.

- Bem, prometi a mim própria ajudar-te e vou fazer com que vás ao baile - garantiu a madrinha. - Vai à horta e traz-me uma abóbora.

A Gata Borralheira foi a correr buscar a abóbora mais bonita que conseguiu encontrar. A madrinha esvaziou-a muito bem, até ficar só a casca, bateu-lhe com a varinha mágica e, de um momento para o outro, ela transformou-se numa linda carruagem completamente dourada.

A seguir, foi ver a ratoeira onde encontrou seis ratinhos ainda vivos. Pediu à Gata Borralheira que levantasse o ferro que os prendia e mal cada ratinho saía tocava-lhe com a varinha mágica. Imediatamente ele se transformava num belo cavalo. Assim conseguiu seis cavalos magníficos, cinzentos cor de rato. Mas como não soubesse de que havia de fazer o cocheiro, a Gata Borralheira lembrou:

- Vou ver se na outra ratoeira há algum rato, para fazer o cocheiro.

- Está bem - concordou a madrinha.

- Vai ver.

Daí a pouco regressou com a ratoeira onde havia três grandes ratos. Dos três, a Fada escolheu o que tinha os bigodes mais compridos e, ao tocar-lhe, transformou-o num belo cocheiro com o bigode mais bonito que alguma vez se viu. Depois, a fada mandou:

- Vai ao jardim. Por trás do regador, encontrarás seis lagartos. Trá-los cá.

A Gata Borralheira obedeceu imediatamente. Trouxe os lagartos que a madrinha logo transformou em seis lacaios de librés magníficas. Estes subiram para a parte de trás da carruagem e ficaram lá, bem direitos como se nunca na vida tivessem feito outra coisa.

Por fim, a fada perguntou:

- Aqui tens tudo o que é preciso para ires ao baile. Estás contente?

- Oh sim! Mas como hei-de ir com este vestido tão feio?

Mal a fada lhe tocou com a sua varinha, o pobre vestido transformou-se completamente. A Gata Borralheira tinha agora um vestido de brocado de ouro e prata, todo salpicado de pedras preciosas. Nos pés, um par de maravilhosos sapatinhos de cristal. Assim vestida, subiu para a carruagem.

A madrinha recomendou-lhe então que não voltasse depois da meia-noite, avisando-a de que, se ficasse no baile mais um minuto que fosse, a carruagem transformar-se-ia de novo em abóbora, os cavalos em ratinhos, os lacaios em lagartos

e o vestido voltaria a ter o aspecto esfarrapado que ela conhecia.

A Gata Borracheira prometeu à madrinha que sairia do baile antes da meia-noite e partiu toda satisfeita. O filho do rei, a quem fora anunciada a chegada de uma princesa desconhecida, correu a recebê-la, deu-lhe a sua mão para a ajudar a descer da carruagem e conduziu-a à sala. Fez-se um grande silêncio. Todos pararam de dançar. Os violinos deixaram de tocar. Todos ficaram espantados com a grande beleza da menina. Só se ouvia murmurar:

- Oh! Como é linda!

O próprio rei, embora velho, segredou baixinho à rainha que há muitos anos não via mulher tão bonita e graciosa. Nenhuma dama tirava os olhos dela. Observavam atentamente o penteado e o vestido, para o poderem imitar no dia seguinte, mal descobrissem um tecido tão bonito e modista tão habilidosa. O príncipe concedeu-lhe um lugar de honra e convidou-a para dançar. Ela dançou com tanta elegância que deixou todos maravilhados. Foi servido um magnífico refresco, que ele nem sequer provou, de tal modo estava encantado. Foi então que ela foi para junto das meias-irmãs. Falou-lhes com delicadeza e ofereceu-lhes as laranjas e os limões que o príncipe lhe tinha oferecido, o que as encantou, tanto mais que não a reconheceram.

Enquanto conversavam, a Gata Borracheira ouviu o relógio tocar um quarto para a meia noite. Imediatamente se despediu e partiu, rápida como o vento. Mal chegou a casa, foi ter com a madrinha. Agradeceu-lhe e disse-lhe que gostaria muito de ir à festa do dia seguinte, já que o filho do rei tanto lho tinha pedido.

Enquanto lhe contava os pormenores da festa, as duas irmãs tocaram à porta e a Gata Borracheira foi abrir.

- Vieram tão tarde! - disse ela, esfregando os olhos e espreguiçando-se, como se tivesse acabado de acordar. Mas na verdade não sentia sono nenhum.

- Se tivesses ido ao baile - disse-lhe uma das irmãs - não te terias aborrecido. Estava lá a princesa mais bonita do mundo. Foi muito delicada connosco e ofereceu-nos laranjas e limões.

A Gata Borracheira não cabia em si de contente. Perguntou o nome da princesa, mas as irmãs não sabiam.

Contaram-lhe, porém, que o filho do rei queria muito saber quem ela era e que, para o saber, daria o que quer que fosse. A Gata Borracheira sorriu e disse:

- Então ela devia realmente ser muito bonita! Meu Deus, que sorte a vossa!

Como gostava de a ver! Menina Julieta, empresta-me só por esta vez o seu vestido amarelo, o que usa todos os dias?

- Aquele que eu também quero? - Perguntou Julieta. - Emprestar o meu vestido a uma Gata Borracheira como tu? Só se eu fosse maluca!

A menina já esperava esta resposta e, por isso, ficou contente, pois estaria metida num grande sarilho se a meia-irmã lhe tivesse emprestado o vestido.

Na noite seguinte as duas irmãs foram de novo ao baile. A Gata Borracheira também foi, vestida de forma ainda mais luxuosa do que da primeira vez. O filho do rei não a deixou nem um momento e todo o serão lhe segredou frases apaixonadas e galantes. A menina, que não estava nada aborrecida, esqueceu-se das recomendações da madrinha de tal modo que, quando ouviu a primeira badalada da meia-noite, pensou que ainda fossem onze horas. Mas, ao dar-se conta do que se passava, levantou-se e fugiu, ligeira como um gamo. O príncipe correu atrás dela, mas não a conseguiu apanhar. Ao fugir, a Gata Borracheira perdeu um sapatinho de cristal que ele guardou com o maior carinho.

A Gata Borracheira chegou a casa sem fôlego, sem carruagem, nem lacaios. Trazia o vestido com que costumava andar e, de todo o luxo, apenas lhe restava um dos sapatinhos. Tinha perdido o outro no caminho.

Tentaram saber se os porteiros do palácio real haviam visto sair alguma princesa, mas eles responderam que não saíra ninguém, a não ser uma rapariga tão mal vestida que mais parecia uma camponesa.

Quando as irmãs regressaram do baile, logo a Gata Borracheira lhes perguntou se se tinham divertido e se lá estava também aquela linda senhora. Que sim, mas que fugira no momento em que batia a meia-noite, e tão depressa que deixara cair um dos seus sapatinhos de cristal, o sapatinho mais bonito do mundo. Que o filho do rei o tinha guardado e não fizera outra coisa senão olhar para ele enquanto durou o baile, o que queria dizer que se apaixonara perdidamente pela linda senhora a quem o sapatinho pertencia.

As irmãs diziam a verdade. Com efeito, poucos dias depois, o príncipe mandou proclamar ao som das trombetas que casaria com a menina em cujo pé o sapatinho servisse perfeitamente.

Em primeiro lugar experimentaram as princesas, depois as duquesas e todas as damas da corte, mas em vão. O sapatinho acabou por chegar a casa das duas irmãs, que fizeram o impossível para o calçarem, mas não conseguiram.

A Gata Borralheira, que as observava e que reconheceu o sapatinho, acabou por sugerir:

- Vejamos se me serve a mim!

As irmãs desataram a rir e a fazer pouco dela. O cavalheiro encarregado de experimentar o sapatinho, encantado com a beleza da Gata Borralheira, achou que era justo, uma vez que tinha ordem para que todas as meninas do reino o experimentassem. Deixou-a sentar-se e tentou calçar-lhe o sapatinho. Servia-lhe como uma luva. Grande foi o espanto das irmãs. Porém, maior ficou quando a Gata Borralheira tirou do bolso o outro e o calçou no outro pé.

Nesse momento chegou a madrinha que tocou com a varinha de condão nas roupas da Gata Borralheira, tornando-as mais luxuosas que nunca. Foi então que as irmãs reconheceram nela a linda senhora do baile e, ajoelhando-se aos seus pés, pediram-lhe desculpa pelos maus tratos. A Gata Borralheira mandou-as levantarem-se e abraçou-as. Disse-lhes que lhes perdoava do fundo do coração e pediu-lhes que gostassem sempre dela. Depois, magnificamente vestida, foi levada à presença do príncipe, aos olhos de quem parecia ainda mais bonita, e casaram poucos dias depois.

#### ANEXO D - Bela Adormecida - Irmãos Grimm (1812)

A Bela Adormecida Conto dos Irmãos Grimm Há muito tempo, havia num distante reino, um rei e uma rainha que todos os dias diziam:

"Ah, se nós tivéssemos uma criança!"

Mas nunca conseguiam uma. Uma vez, em que a rainha estava se banhando, um sapo rastejou para fora da água e lhe disse:

"Seu desejo será realizado; antes que se passe um ano você dará à luz uma menina".

A predição do sapo aconteceu. A rainha teve uma menina tão formosa que o rei mal se contendo de felicidade, preparou uma grande festa para o seu batizado.

Ele convidou seus parentes e amigos, mas as fadas seriam as madrinhas da princesa, a fim de obter suas boas graças para a criança. Havia em seu reino treze fadas, mas como o castelo só possuía doze pratos de ouro, uma delas deixou de ser convidada.

A festa foi celebrada com toda a pompa e as fadas presentearam a criança com dotes mágicos: uma com a virtude, outra com a formosura, a terceira com riqueza, e

assim por diante, com tudo que havia de mais desejável no mundo. Onze fadas já haviam falado, quando entrou a fada esquecida.

Zangada, a fada esquecida queria se vingar por não ter sido convidada e, sem cumprimentar ou mesmo olhar para quem quer que seja, exclamou aos brados:

"A princesa se espetará em um fuso, quando completar quinze anos, e morrerá."

Sem dizer mais nada, virou as costas e deixou o salão. Todos estavam assustados com a maldição. A décima segunda fada, que ainda não havia dado o seu presente à princesa, adiantou-se. Não podia anular a maldição, mas abrandou-a. Ela disse:

"A princesa não morrerá, apenas cairá em um sono profundo que durará cem anos."

O rei, desejando salvar sua querida criança do infortúnio, ordenou que todos os fusos do reino fossem queimados. A menina, ao crescer, correspondia a todos os dons ofertados pelas fadas: era bela, educada, gentil e sensata. Todos que a viam encantavam-se com ela.

No dia em que completava quinze anos, a menina estava sozinha no castelo. Andou por todos os cantos, examinou à vontade aposentos e câmaras, e finalmente chegou até uma velha torre, que nunca vira antes. Subiu a estreita escada em espiral e deparou-se com uma pequena porta. Na fechadura havia uma chave enferrujada e, quando ela a girou, a porta se abriu de um só golpe e lá, em um quartinho, estava sentada uma velha com um fuso, fiando diligentemente seu linho.

"Bom dia, velha mãezinha", disse a princesa, "o que você está fazendo aí?"

"Eu estou fiando," disse a velha, balançando a cabeça.

"O que é isto, que pula tão alegremente?" perguntou a menina.

Pegou o fuso querendo também fiar e... a maldição se realizou. Ela espetou o dedo e, no mesmo instante em que foi picada, foi tomada de um profundo sono.

Este sono estendeu-se por todo o castelo: o rei e a rainha começaram a dormir e com eles toda a Corte. Dormiram os cavalos no estábulo, os cachorros no pátio, as pombas no telhado, as moscas na parede. Até o fogo, que chamejava no fogão, ficou imóvel e adormeceu; o assado parou de crepitar e o cozinheiro, que queria puxar seu ajudante pelos cabelos porque ele havia feito uma coisa errada, soltou o menino e também dormiu. O vento assentou-se e nas árvores defronte ao castelo nem uma folhinha se movia.



Ao redor do castelo começou a crescer uma cerca de espinhos, que a cada ano ficava mais alta, estendendo-se em toda a sua volta, cobrindo o castelo, de tal forma que nada mais se podia ver dele, nem mesmo a bandeira sobre o telhado.

Surgiu a lenda da Bela Adormecida e, de tempos em tempos, príncipes tentavam penetrar no castelo através da cerca viva. Nenhum deles conseguiu, pois os espinhos estavam entrelaçados como se tivessem mãos. Os jovens ficavam presos neles e não conseguiam se soltar, sofrendo uma morte lastimável.

Depois de muito tempo, um príncipe ouviu quando um velho contava da cerca de espinhos, que ocultava um castelo no qual uma linda princesa, chamada Bela Adormecida, dormia há cem anos.

O jovem disse: "Eu não tenho medo, eu quero ir lá e ver a Bela Adormecida."

O bom velho tentou dissuadi-lo de todos os modos, mas ele não deu ouvidos às suas palavras. Quando o príncipe se aproximou da cerca de espinhos, estes se transformaram em flores grandes e bonitas que se abriram, deixando-o passar ileso. No pátio do castelo ele viu os cavalos e os cães de caça malhados deitados e dormindo, no telhado estavam pousadas as pombas, com as cabecinhas escondidas sob a asa. Quando ele entrou no castelo as moscas dormiam na parede, o cozinheiro na cozinha ainda levantava a mão como se quisesse agarrar o menino e a criada estava sentada diante da galinha preta que deveria ser depenada.

Ele continuou andando: avistou no salão toda a corte deitada e dormindo, e lá em cima, perto do trono, o rei e a rainha. Continuou andando ainda mais. Tudo estava tão quieto que se podia ouvir sua respiração. Chegou à torre e abriu a porta do quartinho no qual Bela Adormecida dormia.

Lá estava ela deitada, tão bela que ele não conseguiu desviar os olhos. Inclinou-se e beijou-a. Quando a tocou com os lábios, Bela Adormecida abriu os olhos, olhando para ele amavelmente. Os dois desceram; o rei acordou, a rainha e toda a corte, olhando espantados para o casal. Os cavalos no pátio se levantaram; os cães de caça pularam e abanaram suas caudas; as pombas no telhado tiraram a cabecinha de sob a asa, olharam ao redor e voaram para o campo; as moscas nas paredes recomeçaram a rastejar; o fogo na cozinha levantou-se, chamejou e cozinhou a comida; o assado voltou a crepitar; o cozinheiro deu um tamanho tabefe no menino que este gritou e a criada terminou de depenar a galinha.

Com todas as pompas foram festejadas as bodas do príncipe com a Bela Adormecida, e eles viveram felizes para sempre.

## ANEXO E - Branca de Neve – Irmãos Grimm (1812)

Certo dia, no mais frio do inverno, quando flocos de neve do tamanho de penas pendiam do céu, uma rainha estava costurando, sentada perto de uma janela com moldura de ébano. Enquanto costurava, olhou para a neve, espetando o dedo na agulha, e três gotas de sangue caíram sobre a neve alvíssima.

O vermelho era tão bonito sobre o branco da neve que a rainha exclamou:

- Gostaria de ter uma filha branquinha como a neve, com a boca vermelha como o sangue e os cabelos tão negros como a moldura de ébano da minha janela.

Pouco tempo depois, deu à luz uma menininha que era branca como a neve, tinha os lábios vermelhos como o sangue e os cabelos negros como o ébano. Por isso, recebeu o nome de Branca de Neve. A rainha morreu logo após o nascimento da criança.

Um ano depois, o rei se casou com outra mulher. Era uma belíssima dama, porém muito orgulhosa e arrogante, não tolerava a ideia de que alguém pudesse ser mais bonita do que ela. Possuía um espelho mágico e, sempre que ficava diante dele para se admirar, perguntava:

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas?

O espelho respondeu:

— Ó, Rainha, sois de todas a mais bela.

Então, ela sorria feliz, pois sabia que o espelho sempre falava a verdade.

Branca de Neve estava crescendo e a cada dia ficava mais e mais formosa. Quando chegou à idade de sete anos, ficou tão bonita quanto o dia brilhante e mais bela do que a própria rainha. Um dia, a madrasta perguntou ao espelho:

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas?

O espelho respondeu:

— Minha Rainha, sois muito bela ainda, mas Branca de Neve é mil vezes mais linda.

Ao ouvir estas palavras, a rainha começou a tremer e seu rosto ficou verde de inveja. A partir daquele momento, passou a odiar Branca de Neve. Sempre que seus olhos pousavam nela, sentia seu coração frio como uma pedra. A inveja e o orgulho brotaram como ervas daninha em seu coração. De dia ou de noite, ela não tinha um momento de paz.

Um dia, chamou o caçador e ordenou:

— Leve a menina para a floresta. Nunca mais quero vê-la novamente. Traga-me seus pulmões e seu fígado como prova de que a matou.

O caçador obedeceu e levou a princesinha para um passeio na floresta. Em certo momento, Branca de Neve virou de repente e se deparou com o caçador com uma faca na mão, pronto para desferir-lhe um golpe mortal. Inocente, começou a chorar e a suplicar:

— Ai, querido caçador, poupe minha vida. Eu prometo correr para a floresta e nunca mais voltar.

Branca de Neve era tão bonita que o caçador teve pena dela e disse:

— Fuja, pobre criança.

Os animais selvagens irão devorá-la antes do tempo, pensou. E sentiu como se um grande peso fosse tirado de seu peito, pois não queria matar a menina. Naquele instante, passou ali um filhote de javali e o caçador o matou a estocadas, retirando em seguida seus pulmões e seu fígado para levá-los à rainha. Retornando ao palácio, entregou os órgãos à perversa que, exultante de satisfação, levou pessoalmente ao cozinheiro, dando-lhe instruções para fervê-los em salmoura. Depois de preparados, a rainha os comeu, pensando que estava se alimentando dos restos mortais da enteada.

Neste íterim, a pobre menina vagava sozinha na vasta floresta. Estava muito assustada e começava a escurecer. Cada árvore e cada galho parecia tomar formas fantasmagóricas. Desesperada, pôs-se a correr cada vez mais adentro, embrenhando-se na mata, passando sobre pedras pontiagudas e arbustos espinhosos. De vez em quando, feras passavam por ela, mas não lhe faziam mal. Ela corria tão apavorada que mal sentia as pernas.

Ao cair da noite, viu ao longe uma pequena cabana e entrou para se abrigar. Nesta casa, todas as coisas eram minúsculas, mas tudo indescritivelmente limpo e organizado. Havia uma mesinha com sete pratinhos sobre uma toalha muito branca. Cada pratinho tinha uma colher pequena e, ao lado, sete garfinhos e sete faquinhas, sem esquecer as sete canequinhas. Sedenta e com fome, Branca de Neve comeu algumas verduras, um pouco de pão de cada pratinho e tomou um gole de vinho de cada canequinha. Do outro lado, viu sete caminhas enfileiradas e, extenuada por tantas emoções, tentou deitar nelas, mas parecia não lhe caber. A primeira era muito longa, a segunda muito curta, já a sétima caminha era perfeita. Então, ela fez sua oração e adormeceu profundamente.

Estava escuro lá fora quando os donos da casa retornaram. Eram sete anões garimpeiros que passavam o dia nas montanhas, escavando a terra em busca de minérios. Acenderam suas sete lanterninhas e, quando a casa se iluminou, perceberam que alguém tinha estado lá, pois nem tudo estava do jeito que tinham deixado.

O primeiro anão perguntou:

— Quem sentou na minha cadeirinha?

O segundo perguntou:

— Quem comeu no meu pratinho?

O terceiro perguntou:

— Quem comeu o meu pãozinho?

O quarto perguntou:

— Quem comeu minhas verdurinhas?

O quinto perguntou:

— Quem usou meu garfinho?

O sexto perguntou:

— Quem cortou com a minha faquinha?

O sétimo, enfim, perguntou:

— Quem bebeu na minha canequinha?

O primeiro anão olhou ao redor, reparou que seu lençol estava amassado, e disse:

— Quem subiu na minha caminha?

Os outros vieram correndo e cada um gritava: “Alguém dormiu na minha cama também”. Até que os olhos do sétimo anão caíram sobre sua pequena cama e viram Branca de Neve ali, dormindo. Começou a gritar, chamando os outros que prontamente acudiram e ficaram tão assombrados que todos ergueram suas sete lanterninhas para ver melhor Branca de Neve.

— Meu Deus, meu Deus! – exclamavam boquiabertos. — É a mais bela criança que já vimos!

Os anões ficaram tão encantados com a princesinha que resolveram não acordá-la e deixaram-na dormindo na caminha. O sétimo anão dormiu por uma hora com cada um de seus companheiros durante a noite.

Pela manhã, Branca de Neve acordou. Quando viu os anõezinhos em volta de sua cama, olhando para ela, ficou bem assustada, mas eles foram muito amáveis e

perguntaram:

— Qual é o seu nome?

— Meu nome é Branca de Neve – ela respondeu.

— Como você chegou à nossa casa?

Branca de Neve contou tudo que lhe acontecera, de como a madrasta mandou matá-la e como o caçador poupou sua vida. Contou que saiu correndo pela floresta por várias horas até chegar à cabana deles.

Os anões lhes disseram:

— Se cozinhar, arrumar as camas, lavar, costurar, tricotar e manter tudo limpo e organizado, pode ficar conosco, e nós vamos dar-lhe tudo que precisa.

— Sim, com prazer – ela respondeu.

Desde esse dia, Branca de Neve passou a cuidar da casa para os anões. De manhã bem cedo, eles saíam para trabalhar no alto das montanhas em busca de ouro e prata. Ao cair da noite, voltavam e encontravam um gostoso jantar prontinho, à espera deles. Como a menina passava os dias sozinha, os bons anões recomendaram seriamente:

— Cuidado com sua madrasta. Em breve, ela vai saber que você está aqui. Não deixe ninguém entrar na casa.

A rainha, porém, acreditando que havia comido os pulmões e o fígado de Branca de Neve, estava certa de que agora era a mulher mais linda do mundo. Foi até o espelho e perguntou:

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas?

O espelho respondeu:

— És sempre bela, minha Rainha. Mas na colina distante, cercada por sete anões, Branca de Neve ainda vive e floresce, e sua beleza jamais foi superada.

Ao ouvir essas palavras, a rainha ficou abismada, pois sabia que o espelho era encantado e por isso não podia mentir. Depois, quase explodiu de tanto ódio ao compreender que o caçador a enganara e que Branca de Neve continuava viva. Não perdeu tempo e, cheia de inveja, pôs-se imediatamente a maquinar uma maneira de se livrar dela.

Desceu aos porões do castelo onde costumava praticar feitiçaria e, utilizando seus conhecimentos de bruxa, ficou irreconhecível, tornando-se semelhante a uma velha. Nesse disfarce, viajou para além das sete colinas até a casa dos sete anões. Lá chegando, fingiu ser uma vendedora e anunciou:

— Belas mercadorias, preço excelente.

Ouvindo isso, Branca de Neve olhou pela janela e disse:

— Bom dia, minha senhora. O que você tem para vender?

— Coisas boas, coisas bonitas – a bruxa respondeu. — Os mais finos cordões para corpete. – E puxou rendas e tecidos de seda de muitas cores.

Eu posso deixar esta boa mulher entrar, pensou Branca de Neve e, correndo o ferrolho da porta, comprou o cordão mais bonito.

A bruxa, muito esperta, disse:

— Ó, minha filha, você é tão bonita, mas está tão desarrumada. Venha, deixe que eu arrume o cordão para você.

Branca de Neve, completamente inocente, colocou-se diante da velha e deixou que ela lhe arrumasse. A perversa apertou tanto o cordão e tão depressa que Branca de Neve ficou sem fôlego e caiu desmaiada, como se estivesse morta.

— Agora quero só ver quem é afinal a mais bela de todas – disse a velha, que logo saiu correndo.

Não demorou a anoitecer e os sete anões voltarem para casa. Quando entraram, deram com sua amada Branca de Neve estendida no chão e ficaram horrorizados. Ela não se movia, e eles acreditavam que ela estivesse morta. Ergueram-na para colocá-la sobre a cama, quando perceberam o cordão do corpete fortemente amarrado e, então, o cortaram em dois. A princesinha começou a respirar e pouco a pouco voltou à vida. Quando os anões souberam o que tinha acontecido, advertiram:

— A velha vendedora era a rainha disfarçada. Tome mais cuidado e não deixe ninguém entrar, a menos que estejamos em casa.

Assim que chegou ao castelo, a primeira coisa que a rainha fez foi dirigir-se ao espelho e perguntou:

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas?

O espelho respondeu como sempre fazia:

— Aqui está a mais bela, minha Rainha querida. Branca de Neve ainda vive e floresce e sua beleza jamais foi superada.

Ao ouvir as palavras do espelho, a rainha ficou possessa de raiva e o sangue gelou em suas veias.

— Mas desta vez – ela disse –, vou sonhar com algo que irá destruí-la.

Usando toda bruxaria em seu poder, ela criou um pente envenenado. Então,

mudou de roupa e se disfarçou mais uma vez como uma velha mulher. Viajou para além das sete colinas, até a casa dos sete anões, bateu à porta e gritou:

— Belas mercadorias, preço excelente.

Branca de Neve olhou pela janela e disse:

— Vá embora, não posso deixar ninguém entrar.

— Mas você pode pelo menos dar uma olhada – disse a velha, que tirou o pente envenenado e ergueu-o no ar.

A princesinha gostou tanto que, completamente inocente, abriu a porta.

Quando acordaram o preço, a velha afirmou:

— Agora vou dar ao seu cabelo um bom penteado.

A pobre Branca de Neve não suspeitou de nada e deixou a mulher seguir em frente. Assim que o pente tocou seus cabelos, o veneno fez efeito e a menina caiu sem sentidos no chão.

— Você está acabada – disse a malvada mulher, correndo para longe.

Felizmente, os anões estavam a caminho da cabana, pois era quase noite. Quando chegaram, viram Branca de Neve no chão como se estivesse morta e suspeitaram da madrasta imediatamente. Ao examiná-la, descobriram o pente envenenado. Logo que o puxaram, Branca de Neve recobrou à vida e disse-lhes o que tinha acontecido. Novamente, avisaram-na para não abrir a porta a ninguém.

No castelo, em frente ao espelho a rainha perguntou:

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas?

O espelho respondeu como antes:

— Aqui está a mais bela, minha Rainha querida. Branca de Neve é a mais bela que já vi.

— Branca de Neve tem que morrer! – vociferou. — Mesmo que me custe a vida.

A rainha entrou no calabouço, onde ninguém jamais pôs os pés, e fez uma maçã envenenada. A aparência da fruta encantada era maravilhosa – branca com as faces vermelhas –, se você a visse, você ansiaria comê-la. Mas bastaria a menor mordida para levar-lhe à morte.

Assim que terminou de preparar a maçã enfeitiçada, usando de artimanhas, transmutou-se desta vez na forma de uma velha camponesa e partiu para além das sete colinas, até a casa dos sete anões.

A bruxa bateu à porta. Branca de Neve olhou pela janela e disse:

— Não posso deixar ninguém entrar. Os sete anões não permitem isso.

— Está tudo bem – respondeu a velha camponesa. — Vou me livrar das minhas maçãs em breve. Aqui, vou lhe dar uma.

— Não – disse Branca de Neve. — Não devo aceitar nada de estranhos.

— Você tem medo de que esteja envenenada? – perguntou a velha. — Olhe, vou cortar a maçã ao meio. Você come a metade vermelha e eu como a outra branca.

A maçã havia sido feita de modo astucioso, apenas a parte vermelha tinha veneno. Branca de Neve estava com água na boca de tanto desejo pela bonita maçã e, quando viu a camponesa morder seu pedaço, não resistiu. Estendeu a mão para fora da janela e pegou a outra metade. Assim que mordeu, caiu morta no chão. A rainha, triunfante, olhou-a caída e desatou a rir:

— Branca como a neve, boca vermelha como o sangue, cabelos negros como o ébano! Desta vez, aqueles horríveis anões não conseguirão trazê-la à vida.

Chegando ao castelo, dirigiu-se de imediato ao espelho mágico e perguntou:

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas?

E, finalmente, a resposta:

— Ó Rainha, sois vós a mais bela do reino.

E a invejosa rainha mal podia se conter de tanta felicidade.

Ao cair da noite, os anões voltaram para casa e encontraram Branca de Neve caída no chão. Nem um sopro de ar em seus lábios. Ela estava morta. Ergueram-na para procurar algo em volta que pudesse ser venenoso. Desamarraram-lhe o corpete, pentearam-lhe o cabelo, lavaram-na com água e vinho, mas tudo foi em vão. A criança querida se fora e nada poderia trazê-la de volta. Depois de colocá-la em um esquife, todos os sete anões se sentaram ao redor e a velaram. Choraram a mais profunda tristeza durante três dias. Estavam prestes a enterrá-la, mas ela ainda parecia tão viva com belas bochechas vermelhas.

Um dos anões disse:

— Não podemos enterrá-la.

E, então, construíram um caixão de vidro transparente, que permitia Branca de Neve ser vista por todos os lados, com inscrições em ouro com seu nome e os dizeres que ali estava a filha de um rei. Levaram o caixão até o topo de uma montanha e mantinham sempre um deles em vigília. Os animais também foram lamentar por Branca de Neve; primeiro uma coruja, depois um corvo e, por último, uma pomba.

Branca de Neve permaneceu no caixão por um longo e longo tempo. Entretanto, seu corpo não se decompôs e dava a impressão de estar dormindo. Suas



feições continuavam as mesmas, branca como a neve, boca vermelha como o sangue e cabelos negros como o ébano.

Certo dia, o filho de um poderoso rei atravessava a floresta quando chegou à casa dos anões para pedir hospedagem por uma noite. Quando subiu no alto da montanha, à procura dos donos da cabana, deparou-se com o caixão com a bela Branca de Neve deitada dentro dele, rodeado pelos sete anões. Leu os dizeres em letras douradas e, encantado com a beleza da princesinha, disse:

— Deixai-me levar o caixão. Eu darei o que pedirem.

Os anões responderam:

— Nós não venderíamos nem por todo o ouro do mundo.

O príncipe respondeu:

— Deem-me, então, como presente, pois depois que a vi não posso mais viver sem ela. Vou honrá-la e tratá-la como se fosse minha amada.

Os bons anões, comovidos com o profundo sentimento do príncipe, se apiedaram dele e lhe entregaram o caixão. O príncipe mandou vir seus servos, a quem ordenou que pusessem o ataúde sobre os ombros e o transportassem. Mas aconteceu que tropeçaram em um arbusto e o solavanco desprende o pedaço de maçã envenenada alojado na garganta de Branca de Neve. Ela prontamente voltou à vida e exclamou:

— O que aconteceu, onde estou?

O príncipe, radiante de alegria, disse:

— Você vai ficar comigo. – E contou-lhe o que acontecera. — Eu te amo mais que tudo no mundo! Venha comigo para o castelo de meu pai, seja minha noiva!

Branca de Neve sentiu um grande amor pelo príncipe e partiu com ele. Em breve, as núpcias foram celebradas com enorme esplendor.

A perversa madrasta de Branca de Neve também foi convidada para a festa do casamento. Vestiu suas mais belas roupas, postou-se diante do espelho e perguntou:

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas?

O espelho respondeu:

— Minha Rainha, sois muito bela ainda, mas a jovem rainha é mil vezes mais linda.

A malvada mulher soltou uma maldição e estava tão paralisada de raiva que não sabia o que fazer. No começo, não queria comparecer à festa de casamento. Mas resolveu ir e conhecer a jovem rainha.

Quando entrou no castelo, Branca de Neve a reconheceu no mesmo instante. A madrasta, ao perceber que se tratava da princesinha, ficou tão aterrorizada que não conseguiu ceder um centímetro dali. Sapatos de ferro já haviam sido aquecidos para ela sobre fogo em brasas. Foram levados por tenazes e colocados bem na sua frente.

A bruxa foi obrigada a calçar os sapatos de ferro em brasa e dançar em torno de si até, finalmente, cair morta.

#### ANEXO F - Cinderela – Irmãos Grimm (1812)

Era uma vez um homem abastado cuja esposa estava muito doente. Quando ela sentiu que seu fim estava próximo, chamou sua única filha para perto e disse:

— Filha amada, se fores boa e fizer suas orações fielmente, Deus sempre a ajudará e eu olharei por você do céu, assim estaremos juntas para sempre. — Então, ela fechou os olhos e expirou.

A moça visitava diariamente o túmulo de sua mãe e chorava. Nunca deixava de fazer suas orações. Quando o inverno veio e a neve cobriu o túmulo como um lençol branco e depois, quando o sol apareceu no início da primavera, derretendo-a, o homem rico casou-se novamente.

A nova esposa trouxe com ela duas filhas. Eram belas e formosas na aparência, mas tinham corações vis. Começaram tempos muito difíceis para a pobre moça.

— Essa pata-choca estúpida há de se sentar na mesma sala com a gente? — disseram as irmãs. — Para comer, deve ganhar seu pão. Volte para a cozinha que é o seu lugar.

Elas tiraram todos os vestidos bonitos da moça e no lugar deram-lhe um vestido velho e cinza. E para os pés, sapatos de madeira para o desgaste.

— A princesinha orgulhosa, agora, olhe, que miserável – riram.

Então, a mandaram para a cozinha. E lá foi forçada a fazer trabalhos pesados de manhã até à noite: levantar-se cedo antes do nascer do sol, buscar água, fazer o fogo, cozinhar e lavar. Além disso, as irmãs fizeram o máximo para atormentá-la. Zombando-a, jogavam ervilhas e lentilhas no meio das cinzas e a faziam buscá-las. À noite, quando ela estava cansada com o trabalho de seu árduo dia, não tinha cama para deitar-se e era obrigada a descansar ao lado da lareira, entre as cinzas.

E como ela sempre parecia empoeirada e suja, foi chamada de Cinderela.

Um dia, o pai foi ao mercado e perguntou às suas duas enteadas o que queriam

que ele trouxesse.

— Roupas finas! – respondeu uma delas.

— Pérolas e joias! – disse a outra.

— O que você deseja, Cinderela? – perguntou ele.

— Pai – disse ela —, traga-me o primeiro galho que se opuser a seu chapéu no caminho de volta para casa.

Então, ele comprou para as duas enteadas roupas finas, pérolas e joias. E no caminho de volta, enquanto cavalgava por uma faixa verde, um galho de avelã chocou-se contra seu chapéu. Ele o quebrou e o levou para casa. Quando chegou em casa, deu às enteadas o que tinha comprado e para Cinderela deu o galho de avelã. Ela agradeceu e foi para a sepultura de sua mãe. Lá plantou o galho, chorando tão amargamente que as lágrimas caíram sobre ele, embebedando-o, e assim floresceu e tornou-se uma boa árvore. Cinderela a visitava três vezes ao dia, chorava e rezava. Toda vez que um passarinho branco sobrevoava a árvore e Cinderela proferia qualquer desejo, o pássaro o realizava.

Neste ínterim, o rei ordenara que fossem convidadas todas as mulheres bonitas e solteiras daquele país para um festival que duraria três dias. A festa era para que seu filho, o príncipe, escolhesse uma noiva entre todas as moças. Quando as duas enteadas souberam que também foram convidadas, sentiram-se muito satisfeitas, chamaram Cinderela e disseram:

— Penteie o nosso cabelo, limpe nossos sapatos, abotoe nossas fivelas rápido; vamos para a festa no castelo do rei.

Quando ouviu isso, Cinderela começou a chorar, pois ela também gostaria de ir ao baile, então pediu permissão à madrasta.

— Ó, você, Cinderela! – disse ela. — Você que está sempre toda coberta de pó e sujeira, quer ir à festa? Como você pretende ir, sendo que não tem vestido nem sapatos?

Mas, como ela insistiu, finalmente a madrasta disse:

— Se você puder, em até duas horas pegar todas as ervilhas que caíram nas cinzas, poderá ir conosco.

A moça foi até a porta dos fundos que dava para o jardim e gritou:

— Pombas, rolinhas e todas as aves do céu, venham e me ajudem a pegar as ervilhas das cinzas. As boas coloquem no prato, as ruins joguem na plantação ou comam.

Em seguida, vieram à janela da cozinha duas pombas brancas, depois algumas rolinhas e por último uma multidão de todos os outros pássaros do céu; cantando e vibrando, desceram por entre as cinzas. As pombas assentiram com a cabeça e começaram a pegar – peck, peck, peck, peck –, depois todas as outras aves começaram a colher – peck, peck, peck, peck – e colocaram todos os bons grãos no prato. Antes de uma hora, estava tudo feito e voaram. Então, a moça trouxe o prato para a madrasta, sentindo-se contente e pensando que agora poderia ir à festa, mas a madrasta disse:

— Não, Cinderela, você não tem roupa adequada, você não sabe dançar e todos ririam de você!

E quando Cinderela começou a chorar, a madrasta acrescentou:

— Se você puder escolher em uma hora dois pratos cheios de lentilhas das cinzas, poderá ir conosco.

E a madrasta pensou consigo mesma: Ela não será capaz de apanhar tudo.

Quando a madrasta saiu, a moça foi até a porta dos fundos de frente para o jardim e bradou:

— Pombas, rolinhas e todas as aves do céu, venham e me ajudem a pegar as lentilhas das cinzas. As boas, coloquem no prato, as ruins joguem na plantação ou comam.

Então vieram à janela da cozinha duas pombas brancas, depois algumas rolinhas e por último uma multidão de todos os outros pássaros do céu; cantando e vibrando, desceram por entre as cinzas. As pombas assentiram com a cabeça e começaram a pegar – peck, peck, peck, peck –, depois todas as outras aves começaram a colher – peck, peck, peck, peck – e colocaram todos os bons grãos no prato. E antes da meia-hora, tudo foi feito e voaram novamente. Então a donzela levou os pratos para a madrasta, sentindo-se contente e pensando que agora ela deveria ir à festa, mas a madrasta disse:

— Você não pode ir conosco, pois você não possui nada adequado para vestir e não sabe dançar, você nos envergonharia.

Ela virou as costas para a pobre Cinderela e apressou as suas duas filhas orgulhosamente.

Como não havia mais ninguém na casa, Cinderela correu até o túmulo de sua mãe e, sob o arbusto de avelã, clamou:

— Árvore pequenina, balance seus galhos sobre mim, que a prata e o ouro

venham me cobrir.

Então, o pássaro jogou um vestido de ouro e prata e um par de sapatos bordados com seda e prata. Apressada, ela colocou o vestido e foi para o festival. Sua madrasta e irmãos não faziam ideia de quem era a moça, pensavam que deveria ser uma princesa estrangeira, tão bonita em seu vestido de ouro. Cinderela nunca pensou que isso pudesse acontecer com ela, que estava sempre em casa, escolhendo as lentilhas e ervilhas das cinzas.

O filho do rei veio ao seu encontro, tomou-a pela mão e dançou com ela. Depois, recusou-se a dançar com qualquer outra moça e o mesmo fazia quando outros rapazes pediam para dançar com a donzela. Ele apenas respondia:

— Ela é minha parceira.

Dançaram até anoitecer. Quando a noite chegou, ela queria ir para casa, mas o príncipe disse que iria escoltá-la, pois esperava saber onde a bela moça vivia. Porém, ela conseguiu fugir e saltou para dentro do pombal. O príncipe esperou até que o pai de Cinderela chegasse, e disse-lhe que a donzela desconhecida havia desaparecido dentro da casa dos pombos. O pai pensou: Poderia ser Cinderela?

O pai pegou seu machado e colocou o pombal abaixo, mas não havia ninguém lá. Quando eles entraram na casa, lá estava Cinderela em sua roupa suja entre as cinzas, com óleo da lâmpada queimada em frente à lareira. Cinderela tinha sido muito rápida, saltando para fora do pombal e escapando de seu pai e do príncipe. Escondeu o vestido de ouro que usara atrás da árvore de avelã e o pássaro levou-o embora. Então, com seus trapos, sentou-se entre as cinzas na cozinha.

No dia seguinte, quando a festa começou de novo e os pais levaram suas meias-irmãs, Cinderela foi até a árvore de avelã e disse:

— Árvore pequenina, balance seus galhos sobre mim, que a prata e o ouro venham me cobrir.

Em seguida, o pássaro lançou um vestido ainda mais esplêndido do que o primeiro. E quando ela apareceu entre os convidados, todos estavam espantados com sua beleza. O príncipe estivera esperando; tomou-a pela mão e dançou com ela sozinho. E quando outra pessoa tentava convidá-la para dançar, dizia:

— Ela é minha parceira.

Quando a noite chegou, Cinderela queria ir para casa. O príncipe a seguiu, pois desejava saber a qual casa pertencia, mas ela fugiu mais uma vez e correu para o jardim na parte de trás da casa. Lá havia uma árvore bem grande, com peras

esplêndidas, e ela pulou tão levemente entre os ramos que o príncipe não notou o que havia acontecido. Assim, ele esperou novamente até que o pai chegasse, disse-lhe que a moça desconhecida havia escapado dele e que acreditava que ela estava em cima da árvore de peras. O pai pensou: Não poderia ser Cinderela?

O pai pegou um machado e cortou a árvore, mas não havia ninguém nela. Quando entrou na cozinha, lá estava Cinderela entre as cinzas, como de costume, pois ela desceu pelo outro lado da árvore, levou de volta suas roupas bonitas para o pássaro da árvore de avelã e tinha posto suas velhas roupas novamente.

No terceiro dia, quando os pais e as irmãs partiram, Cinderela voltou à sepultura de sua mãe e disse para a árvore:

— Árvore pequenina, balance seus galhos sobre mim, que a prata e o ouro venham me cobrir.

Em seguida, o pássaro lançou um vestido como nunca fora visto, tão magnífico e brilhante, e os sapatos eram de ouro.

Quando ela apareceu com o vestido na festa, ninguém sabia o que dizer, tamanha a admiração. O príncipe dançou com ela sozinho e se qualquer um quisesse dançar com a moça, mais uma vez respondia:

— Ela é minha parceira.

Quando chegou a noite, Cinderela precisava ir para casa e o príncipe estava prestes a ir com ela, quando a moça correu tão rapidamente que ele não pôde segui-la. Mas ele tinha elaborado um plano e espalhou piche nas escadarias, de modo que, quando ela correu, seu sapato esquerdo ficou em um dos degraus. O príncipe pegou o sapato e viu que era de ouro, muito pequeno e delicado. Na manhã seguinte, ele foi até o pai de Cinderela e disse-lhe que ninguém deveria ser sua noiva senão aquela cujo pé no sapato de ouro se encaixasse. Em seguida, as duas irmãs ficaram muito felizes, porque tinham pés bonitos. A mais velha foi para o quarto para tentar colocar o sapato e a mãe foi com ela. Mas o sapato era pequeno demais e seu dedão não cabia, então, sua mãe entregou-lhe uma faca e disse:

— Corte o dedo do pé fora, pois quando for rainha, não precisará dele, já que nunca terá que andar a pé.

A menina cortou o dedo do pé fora, apertou o pé no sapato, engoliu a dor e desceu até o príncipe. Ele a levou em seu cavalo como sua noiva e partiu. Tiveram que passar pela sepultura da mãe de Cinderela. Lá estavam os dois pombos no arbusto de avelã, que clamaram:

Rôo crôo crôo, rôo crôo crôo,  
 O sangue escorre do sapato “Lá vão eles, lá vão eles!”  
 O pé é muito grande e muito largo,  
 Há sangue escorrendo;  
 Dê meia volta e leve a sua noiva verdadeira.

O príncipe olhou para o sapato e viu o sangue fluindo. Ele deu meia-volta com seu cavalo e voltou à casa da noiva falsa, dizendo que ela não era a verdadeira e que a outra irmã deveria experimentar o sapato. A irmã mais nova entrou em seu quarto, provou o sapato de ouro; os dedos dos pés ficaram confortáveis, porém o calcanhar era grande demais. Em seguida, sua mãe entregou-lhe a faca e disse:

— Corte um pedaço de seu calcanhar, pois quando for rainha nunca precisará andar a pé.

A menina cortou um pedaço de seu calcanhar, enfiou o pé no sapato, calou a dor e foi até o príncipe, que apanhou sua noiva. Subiram no cavalo e partiram. Quando passaram pela aveleira novamente, os dois pombos disseram:

Rôo crôo crôo, rôo crôo crôo,  
 O sangue escorre do sapato “Lá vão eles, lá vão eles!”  
 O pé é muito grande e muito largo,  
 Há sangue escorrendo;  
 Dê meia volta e leve a sua noiva verdadeira.

O príncipe olhou para o sapato e viu como o sangue fluía a partir do pé, as meias estavam completamente vermelhas de sangue. Ele voltou à casa da noiva mais uma vez e disse:

— Esta ainda não é minha noiva – disse ele. — Você não tem outra filha?

— Não – disse o homem –, minha falecida esposa deixou-me Cinderela, mas é impossível que ela seja a noiva.

Mas o filho do rei ordenou que ela fosse chamada, entretanto interveio a madrasta:

— Ó, não! Ela é muito suja para se apresentar.

Mas o príncipe insistiu e assim Cinderela tinha que aparecer.

Primeiro, ela lavou as mãos e o rosto até que ficassem completamente limpos, entrou e curvou-se diante do príncipe, que estendeu a ela o sapato de ouro. Ela se sentou em um banquinho, tirou do pé o sapato de madeira pesado e colocou o dourado, que se adequou perfeitamente em seu pé. Quando ela se levantou, o príncipe olhou em seu rosto e soube que aquela era a bela moça que dançou com ele, exclamando:

— Esta é a noiva certa!

A madrasta e as duas irmãs ficaram horrorizadas e empalideceram de raiva, mas o príncipe colocou Cinderela em seu cavalo e partiu. E novamente, passaram pela árvore de avelã e os dois pombos brancos falaram:

Rôo crôo crôo, rôo crôo crôo,  
O sangue não escorre no sapato,  
O pé não é muito grande nem muito largo,  
Sua verdadeira noiva está ao seu lado.

Enquanto eles saíam, os pombos voaram e pousaram nos ombros de Cinderela, um à direita, outro à esquerda, e assim permaneceram.

Em seu casamento com o príncipe, as irmãs falsas compareceram na esperança de beneficiarem-se e, claro, para participar das festividades. Assim como num cortejo nupcial, foram à igreja; a mais velha entrou do lado direito e a mais nova à esquerda. Os pombos bicaram um olho de cada vez das duas irmãs, deixando-as completamente cegas. E foram condenadas a ficarem cegas para o resto de seus dias por causa de suas maldades e falsidades.

#### ANEXO G - Rapunzel – Irmãos Grimm (1812)

Era uma vez um casal que há muito tempo desejava inutilmente ter um filho. Os anos se passavam, e seu sonho não se realizava. Afinal, um belo dia, a mulher percebeu que Deus ouvira suas preces. Ela ia ter uma criança!

Por uma janelinha que havia na parte dos fundos da casa deles, era possível ver, no quintal vizinho, um magnífico jardim cheio das mais lindas flores e das mais viçosas hortaliças. Mas em torno de tudo se erguia um muro altíssimo, que ninguém



se atrevia a escalar. Afinal, era a propriedade de uma feiticeira muito temida e poderosa.

Um dia, espiando pela janelinha, a mulher se admirou ao ver um canteiro cheio dos mais belos pés de rabanete que jamais imaginara. As folhas eram tão verdes e fresquinhas que abriram seu apetite. E ela sentiu um enorme desejo de provar os rabanetes.

A cada dia seu desejo aumentava mais. Mas ela sabia que não havia jeito de conseguir o que queria e por isso foi ficando triste, abatida e com um aspecto doentio, até que um dia o marido se assustou e perguntou:

- O que está acontecendo contigo, querida?

- Ah! - respondeu ela.

- Se não comer um rabanete do jardim da feiticeira, vou morrer logo, logo!

O marido, que a amava muito, pensou: "Não posso deixar minha mulher morrer? Tenho que conseguir esses rabanetes, custe o que custar!"

Ao anoitecer, ele encostou uma escada no muro, pulou para o quintal vizinho, arrancou apressadamente um punhado de rabanetes e levou para a mulher. Mais que depressa, ela preparou uma salada que comeu imediatamente, deliciada. Ela achou o sabor da salada tão bom, mas tão bom, que no dia seguinte seu desejo de comer rabanetes ficou ainda mais forte. Para sossegá-la, o marido prometeu-lhe que iria buscar mais um pouco.

Quando a noite chegou, pulou novamente o muro, mas, mal pisou no chão do outro lado, levou um tremendo susto: de pé, diante dele, estava a feiticeira.

- Como se atreve a entrar no meu quintal como um ladrão, para roubar meus rabanetes? - perguntou ela com os olhos chispando de raiva.

- Vai ver só o que te espera!

- Oh! Tenha piedade! - implorou o homem. - Só fiz isso porque fui obrigado! Minha mulher viu seus rabanetes pela nossa janela e sentiu tanta vontade de comê-los, mas tanta vontade, que na certa morrerá se eu não levar alguns!

A feiticeira se acalmou e disse:

- Se é assim como diz, deixo você levar quantos rabanetes quiser, mas com uma condição: irá me dar a criança que sua mulher vai ter. Cuidarei dela como se fosse sua própria mãe, e nada lhe faltará.

O homem estava tão apavorado, que concordou. Pouco tempo depois, o bebê nasceu. Era uma menina. A feiticeira surgiu no mesmo instante, deu à criança o nome de Rapunzel e levou-a embora.

Rapunzel cresceu e se tomou a mais linda criança sob o sol. Quando fez doze anos, a feiticeira trancou-a no alto de uma torre, no meio da floresta.

A torre não possuía nem escada, nem porta: apenas uma janelinha, no lugar mais alto. Quando a velha desejava entrar, ficava embaixo da janela e gritava:

- Rapunzel, Rapunzel! Joga abaixo tuas tranças!

Rapunzel tinha magníficos cabelos compridos, finos como fios de ouro. Quando ouvia o chamado da velha, abria a janela, desenrolava as tranças e jogava-as para fora. As tranças caíam vinte metros abaixo, e por elas a feiticeira subia.

Alguns anos depois, o filho do rei estava cavalgando pela floresta e passou perto da torre. Ouvia um canto tão bonito que parou, encantado.

Rapunzel, para espantar a solidão, cantava para si mesma com sua doce voz.

Imediatamente o príncipe quis subir, procurou uma porta por toda parte, mas não encontrou. Inconformado, voltou para casa. Mas o maravilhoso canto tocara seu coração de tal maneira que ele começou a ir para a floresta todos os dias, querendo ouvi-lo outra vez.

Em uma dessas vezes, o príncipe estava descansando atrás de uma árvore e viu a feiticeira aproximar-se da torre e gritar: "Rapunzel, Rapunzel! Joga abaixo tuas tranças!" E viu quando a feiticeira subiu pelas tranças. "É essa a escada pela qual se sobe?" pensou o príncipe. "Pois eu vou tentar a sorte?."

No dia seguinte, quando escureceu, ele se aproximou da torre e, bem embaixo da janelinha, gritou:

- Rapunzel, Rapunzel! Joga abaixo tuas tranças! As tranças caíram pela janela abaixo, e ele subiu.

Rapunzel ficou muito assustada ao vê-lo entrar, pois jamais tinha visto um homem.

Mas o príncipe falou-lhe com muita doçura e contou como seu coração ficara transtornado desde que a ouvira cantar, explicando que não teria sossego enquanto não a conhecesse.

Rapunzel foi se acalmando, e quando o príncipe lhe perguntou se o aceitava como marido, reparou que ele era jovem e belo, e pensou: "Ele é mil vezes preferível à velha senhora?." E, pondo a mão dela sobre a dele, respondeu:

- Sim! Eu quero ir com você! Mas não sei como descer? Sempre que vier me ver, traga uma meada de seda. Com ela vou trançar uma escada e, quando ficar pronta, eu desço, e você me leva no seu cavalo.

Combinaram que ele sempre viria ao cair da noite, porque a velha costumava vir durante o dia. Assim foi, e a feiticeira de nada desconfiava até que um dia Rapunzel, sem querer, perguntou a ela:

- Diga-me, senhora, como é que lhe custa tanto subir, enquanto o jovem filho do rei chega aqui num instantinho?

- Ah, menina ruim! - gritou a feiticeira.

- Pensei que tinha isolado você do mundo, e você me engana!

Na sua fúria, agarrou Rapunzel pelo cabelos e esbofeteou-a. Depois, com a outra mão, pegou uma tesoura e tec, tec! cortou as belas tranças, largando-as no chão.

Não contente, a malvada levou a pobre menina para um deserto e abandonou-a ali, para que sofresse e passasse todo tipo de privação.

Na tarde do mesmo dia em que Rapunzel foi expulsa, a feiticeira prendeu as longas tranças num gancho da janela e ficou esperando. Quando o príncipe veio e chamou: "Rapunzel! Rapunzel! Joga abaixo tuas tranças!," ela deixou as tranças caírem para fora e ficou esperando.

Ao entrar, o pobre rapaz não encontrou sua querida Rapunzel, mas sim a terrível feiticeira. Com um olhar chamejante de ódio, ela gritou zombeteira:

- Ah, ah! Você veio buscar sua amada? Pois a linda avezinha não está mais no ninho, nem canta mais! O gato apanhou-a, levou-a, e agora vai arranhar os seus olhos! Nunca mais você verá Rapunzel! Ela está perdida para você!

Ao ouvir isso, o príncipe ficou fora de si e, em seu desespero, se atirou pela janela. O jovem não morreu, mas caiu sobre espinhos que furaram seus olhos e ele ficou cego.

Desesperado, ficou perambulando pela floresta, alimentando-se apenas de frutos e raízes, sem fazer outra coisa que se lamentar e chorar a perda da amada.

Passaram-se os anos. Um dia, por acaso, o príncipe chegou ao deserto no qual Rapunzel vivia, na maior tristeza, com seus filhos gêmeos, um menino e uma menina, que haviam nascido ali.

Ouvindo uma voz que lhe pareceu familiar, o príncipe caminhou na direção de Rapunzel.

Assim que chegou perto, ela logo o reconheceu e se atirou em seus braços, a chorar.

Duas das lágrimas da moça caíram nos olhos dele e, no mesmo instante, o príncipe recuperou a visão e ficou enxergando tão bem quanto antes.

Então, levou Rapunzel e as crianças para seu reino, onde foram recebidos com grande alegria. Ali viveram felizes e contentes.

#### ANEXO H - A pequena Sereia - Hans Christian Andersen (1837)

Bem no fundo do mar, a água é azul como as pétalas das mais bonitas centáureas e pura como o cristal mais transparente. Mas é profundo, mais profundo do que qualquer âncora pode alcançar. Seria preciso empilhar uma quantidade de torres de igreja, umas sobre as outras, a fim de verificar a distância que vai do fundo à superfície. Lá é a morada do povo do mar.

Agora, não pense nem por um instante que não há nada lá além de areia nua e branca. Ó, não! As mais maravilhosas árvores e plantas crescem no fundo do mar. Seus talos e folhas são tão leves que o menor movimento da água faz com eles se agitem, como se estivessem vivos. Todos os peixes, grandes e pequenos, deslizam por entre seus galhos, assim como os pássaros o fazem no ar. No lugar mais profundo está o castelo do rei do mar, cujos muros são feitos de coral, e as janelas compridas e pontudas são feitas do mais claro âmbar. O teto é formado de conchas que se abrem e fecham com a corrente. É uma visão linda. Cada concha encerra uma pérola deslumbrante, e a menor delas honraria a mais bela coroa de qualquer rainha.

Há muitos anos que o rei do mar estava viúvo e sua velha mãe mantinha a casa. Era uma mulher inteligente, mas orgulhosa de sua linhagem. Era por isso que usava doze ostras em sua cauda, enquanto todos os outros de alta posição tinham de se contentar com seis. Sobre outros aspectos, ela merecia elogios pelos cuidados que tinha para com as suas netas bem-amadas: as princesinhas do mar. Eram seis lindas crianças e a mais moça era a mais encantadora. Sua pele era clara e delicada como uma pétala de rosa. Seus olhos eram azuis como um lago profundo. Todavia, como todas as outras, não tinha pés e seu corpo terminava numa longa cauda de peixe.

Durante o dia inteiro, as princesas do mar brincavam nos grandes salões do castelo, onde flores viçosas cresciam direto das paredes. As grandes janelas de âmbar ficavam abertas e os peixes entravam por elas nadando, assim como as

andorinhas entram voando em nossas casas quando abrimos as janelas. Os peixes deslizavam até as princesinhas, comiam em suas mãos e aguardavam um afago.

Fora do castelo, havia um belo jardim com árvores de um azul penetrante e de um vermelho flamejante. Seus frutos cintilavam como ouro e suas flores, agitando sem cessar seus talos e suas folhas, assemelhavam-se a labaredas. O próprio solo era da mais fina areia, porém azul como uma chama de enxofre. Um singular fulgor azulado envolvia tudo que estava à vista. Se você estivesse lá embaixo, não saberia que estava no fundo do mar, sem nada além do céu acima e abaixo de você.

Quando havia calma, era possível vislumbrar o sol, que parecia uma flor púrpura de cujo cálice jorrava luz.

Cada uma das princesinhas tinha seu próprio terreno no jardim, no qual podia cavar e plantar a seu bel-prazer. Uma arrumou seu canteiro de flores na forma de uma baleia; outra achou mais interessante moldar o seu como uma sereiazinha; mas a caçula fez o seu bem redondo como o sol e só quis flores rubras como o brilho dele. Era uma criança curiosa, sossegada e pensativa. Enquanto as irmãs adornavam seus jardins com as coisas maravilhosas que obtinham de navios naufragados, ela não admitia nada além de flores rosa-avermelhadas, que eram como o sol lá no alto, e uma estátua de mármore. A estátua era de um encantador rapaz, esculpida em pura pedra branca, que havia descido ao fundo do mar depois de um naufrágio. Perto dela, a princesinha havia plantado um salgueiro cor-de-rosa, que cresceu esplendidamente e deixava sua fresca folhagem cobrir a estátua até o solo azul, arenoso, do oceano. Sua sombra ganhava um matiz violeta e, como os ramos, nunca ficava parada. As raízes e a copa da árvore pareciam estar sempre brincando, tentando beijar uma à outra.

Não havia nada de que as princesas gostassem mais do que ouvir sobre o mundo dos seres humanos, acima do mar. Sua vovozinha lhes contava tudo o que sabia sobre os navios e as cidades, as pessoas e os animais. Uma coisa em especial as impressionava com sua beleza: saber que as flores exalavam uma fragrância – não havia nenhuma no fundo do mar – e também que as árvores na floresta eram verdes e que os peixes que voavam nas árvores sabiam cantar tão docemente que era um prazer ouvi-los. A avó chamava os passarinhos de peixes. De outro modo, as princesinhas do mar, que nunca tinham visto um pássaro, não a teriam compreendido.

— Quando vocês completarem quinze anos – disse a avó —, vamos deixá-las subir até a superfície e se sentar nos rochedos à luz do luar, para ver os grandes navios passarem. Verão florestas e também cidades.

No ano seguinte, uma das irmãs completaria quinze anos, mas as outras... bem, cada uma era um ano mais nova que a outra, de modo que a mais nova teria de esperar nada menos que cinco anos para subir das profundezas do mar para a superfície e ver como são as coisas por aqui, mas cada uma prometia contar às outras tudo que visse e o que lhe parecia mais interessante naquela primeira visita, pois nunca estavam satisfeitas com o que a avó contava. Havia uma infinidade de coisas sobre as quais ansiavam ouvir.

Nenhuma das sereias era mais curiosa do que a caçula, e era também ela, tão quieta e pensativa, a que tinha de suportar a mais longa espera. Em muitas noites, ela se postava à janela aberta e fitava, através das águas azul-escuras, os peixes sacudirem suas nadadeiras e caudas. Olhava bem para o alto e podia ver a lua e as estrelas, embora sua luz fosse muito pálida – através da água, pareciam muito maiores que aos nossos olhos. Se uma nuvem escura passava acima dela, sabia que era uma baleia que nadava sobre a sua cabeça ou um navio cheio de passageiros. Aquelas pessoas nem sonhavam que uma sereiazinha estendia suas mãos brancas para o casco do navio que fendia as águas.

Assim que fez quinze anos, a mais velha das princesas foi autorizada a subir à superfície do oceano. Quando voltou, tinha dezenas de coisas para contar.

— O mais delicioso – ela disse — foi ficar deitada em um banco de areia perto da praia numa noite de lua, com o mar calmo. Foi possível contemplar a grande cidade, onde as luzes brilhavam como milhares de estrelas. Podia ouvir músicas harmoniosas e o ruído de carros e pessoas. Podia ver todas as torres das igrejas e ouvir os sinos tocando – e exatamente por não ter chegado perto de todas essas maravilhas, ansiava ainda mais por todas elas.

Ó, como a irmã caçula bebia aquelas palavras! E, mais tarde, à noite, ficou junto à janela aberta, fitando através das águas azul-escuras, pensando na cidade grande com seus ruídos e luzes, e até imaginou ouvir os sinos das igrejas tocando para ela.

No ano seguinte, a segunda irmã teve permissão para subir mar acima e nadar aonde quisesse. Chegou à superfície bem na hora do pôr do sol.

— Foi a visão mais bela de todas – ela contou. — Todo o céu parecia ouro e as nuvens... – bem, ela simplesmente não conseguia descrever como eram lindas ao passar, em tons de carmesim e violeta, sobre sua cabeça.

Mais veloz ainda que as nuvens, um bando de cisnes selvagens voou como um longo e branco véu sobre a água, rumo ao sol poente. Ela nadou nessa direção, mas o sol se pôs e sua luz rósea foi engolida pelo mar e pela nuvem.

Depois chegou a vez da terceira irmã. Era a mais ousada de todas e nadou até um largo rio que desaguava no mar. Avistou admiráveis colinas verdes cobertas com videiras; castelos e fazendas situados no meio de florestas soberbas e imensas; ouviu o canto dos pássaros; e o sol era tão quente que teve de mergulhar muitas vezes na água para refrescar o rosto ardente. Numa pequena enseada, topou com um bando de criancinhas humanas, divertindo-se, completamente nuas, na água.

Quis brincar com elas, mas ficaram aterrorizadas e fugiram. Depois, um animalzinho preto foi até a água. Era um cachorro, mas nunca tinha visto um. O animal latiu tanto que ela ficou assustada e nadou para o mar aberto. Porém, disse que jamais esqueceria a magnífica floresta, as colinas verdes e as lindas criancinhas que sabiam nadar, embora não possuíssem caudas.

A quarta irmã não foi tão ousada. Preferiu ficar no meio do mar selvagem, onde a vista se perdia ao longe, todavia foi exatamente isso, ela lhes contou, que tornou sua visita tão maravilhosa. Podia ver por milhas e milhas ao seu redor, e o céu se arredondava em volta da água como um grande sino de vidro. Vira navios, mas a uma distância tão grande que pareciam gaivotas. Os golfinhos brincavam nas ondas e as baleias esguichavam água tão poderosamente de suas narinas que pareciam estar cercadas por uma centena de chafarizes.

E agora era a vez da quinta irmã. Como seu aniversário caía no inverno, ela viu coisas que as outras não tinham visto da primeira vez. O mar perdera sua cor azul e adquirira um tom esverdeado, e sobre ele flutuavam enormes icebergs.

— Cada um parecia uma pérola – ela disse —, mas eram mais altos que as torres de igrejas construídas pelos seres humanos.

Apareciam nas formas mais fantásticas e brilhavam como diamantes. Ela se sentara num dos maiores icebergs e todos os navios pareciam ter medo dele, pois passavam navegando rapidamente e muito distante do lugar onde ela estava sentada, com o vento gracejando seus longos cabelos.

Mais tarde naquela noite, uma tempestade cobriu o céu de nuvens. Trovões estrondeavam, relâmpagos chispavam e as ondas escuras elevavam os enormes blocos de gelo tão alto que os tiravam da água, fazendo-os reluzir na intensa luz vermelha. Todos os navios recolheram as velas e, em meio ao horror e ao alarme geral, a sereia permaneceu sentada tranquilamente no iceberg flutuante, vendo os relâmpagos azuis zigzaguearem no mar resplandecente.

Na primeira vez que as irmãs subiram à superfície, ficaram encantadas de ver tantas coisas novas e bonitas. Porém, quando ficaram mais velhas e podiam emergir sempre que queriam, mostravam-se menos entusiasmadas. Sentiam saudade do fundo do mar. E depois de um mês diziam que, afinal de contas, era muito mais agradável lá embaixo – era tão reconfortante estar em casa! No entanto, muitas vezes, ao entardecer, as cinco irmãs davam-se os braços e flutuavam juntas. Suas vozes eram encantadoras, como nenhuma criatura humana poderia possuir.

Antes da aproximação de uma tempestade, quando esperavam o naufrágio de um navio, as irmãs costumavam nadar diante do barco e cantar docemente as delícias das profundezas do mar. Diziam aos marinheiros para não terem medo de mergulhar até o fundo, mas eles nunca entendiam suas canções. Pensavam estar ouvindo os uivos da tempestade e nunca viam as maravilhas que as sereias prometiam. E assim que o navio afundava, os homens se afogavam e somente seus cadáveres chegavam até o palácio do rei do mar.

Quando as irmãs subiam pela água de braços dados, a caçula sempre ficava para trás, sozinha, acompanhando-as com os olhos. Teria chorado, mas as sereias não têm lágrimas e sofrem muito mais que nós.

— Ó! Se pelo menos eu tivesse quinze anos – ela dizia. — Sei que vou gostar muito do mundo lá de cima e de todas as pessoas que vivem nele.

Então, finalmente, ela fez quinze anos.

— Bem, agora você logo escapará das nossas mãos – disse a velha rainha, sua avó. — Venha, deixe-me vesti-la como suas outras irmãs.

E pôs no seu cabelo uma coroa de lírios brancos em que cada pétala de flor era metade de uma pérola. Depois, a velha senhora mandou trazer oito grandes ostras para prender firmemente na cauda da princesa e mostrar sua alta posição.

— Ai! Isso dói – disse a Pequena Sereia.

— Sim, a beleza tem seu preço – respondeu a avó.



Como a Pequena Sereia teria gostado de se livrar de todos aqueles adornos e pôr de lado aquela pesada coroa! As flores vermelhas de seu jardim assentavam-lhe muito melhor, mas não ousou fazer nenhuma alteração.

— Adeus! – disse ao subir pela água tão leve e límpida quanto as bolhas se elevam à superfície.

O sol acabara de se pôr quando ela ergueu a cabeça sobre as ondas, mas as nuvens ainda estavam tingidas de carmesim e ouro. No alto do céu pálido e rosado, a estrela vespertina iluminava clara e vívida. O ar estava ameno e fresco, e o mar aprazível. Um grande navio de três mastros estava à deriva na água, com apenas uma vela içada porque o vento estava brando. Os marinheiros estavam refestelados no cordame ou nas jardas. Havia música e canto a bordo e, quando escureceu, uma centena de lanternas foi acesa. Com suas muitas cores, tinha-se a impressão de que as bandeiras de todas as nações flutuavam no ar.

A Pequena Sereia nadou até a escotilha da cabine e, cada vez que uma onda a levantava, podia ver através do vidro transparente uma quantidade de homens magnificamente trajados. O mais belo deles era um jovem príncipe, com grandes olhos escuros. Não tinha mais de dezesseis anos. Era seu aniversário e era por isso que havia tanto alvoroço. Quando o jovem príncipe saiu para o convés, onde os marinheiros estavam dançando, mais de uma centena de foguetes zuniram rumo ao céu num esplendor, tornando o céu tão brilhante quanto o dia. A Pequena Sereia ficou tão assustada que mergulhou, escondendo-se sob a água, mas rapidamente pôs a cabeça para fora de novo. E veja! Parecia que as estrelas lá do céu estavam caindo sobre ela. Nunca vira fogos de artifícios. Grandes sóis rodopiavam ao seu redor; lindos peixes de fogo refulgentes lançavam-se no ar azul, e todo esse brilho se refletia nas águas claras e calmas embaixo. O próprio navio estava tão deslumbrantemente iluminado que se podiam ver não só todas as pessoas que lá estavam como também a corda mais fina. Que elegante parecia o jovem príncipe quando apertava as mãos dos marinheiros! Ele ria e sorria enquanto a música soava pelo ar da noite agradável.

Já era muito tarde, mas a Pequena Sereia não conseguia tirar os olhos do navio ou do belo príncipe. As lanternas coloridas se apagaram; os foguetes não mais subiam no ar; e o canhão cessara de dar tiros. Contudo, o mar estava inquieto e era possível ouvir um som queixoso sob as ondas. Ainda assim, a Pequena Sereia continuou na água, balançando-se para cima e para baixo para olhar a cabine. O navio ganhou velocidade e uma após outra as suas velas foram desferidas. As ondas cresciam,

nuvens negras se agrupavam no céu e relâmpagos faiscavam à distância. Uma terrível tempestade estava se formando. Por isso os marinheiros recolheram as velas, enquanto o vento sacudia o grande navio e o arrastava pelo mar impetuoso. As ondas subiam mais e mais altas, até se assemelharem a enormes montanhas, ameaçando derrubar o mastro. Ainda assim, o navio mergulhava como um cisne entre elas e voltava a subir em cristas sublimes e espumosas. A Pequena Sereia pensou que devia ser divertido para um navio navegar daquele jeito, mas a tripulação pensava diferente. O barco gemia e rangia; suas pranchas sólidas rompiam-se sob as violentas pancadas do mar; o mastro partiu-se ruidosamente em dois, como um junco. O navio inclinou quando a água se precipitou no porão.

De repente, a Pequena Sereia percebeu que o navio estava em perigo. Ela mesma tinha de ter cuidado com as vigas e os destroços à deriva. Em certos momentos, ficava tão escuro que não conseguia enxergar nada, mas, então, o clarão de um relâmpago iluminou todos a bordo. Agora era cada por um si. Ela estava à procura do jovem príncipe e, no momento em que o navio se partia, viu-o desaparecer nas profundezas do mar. Por um instante, ficou bastante entusiasmada, pois pensou que agora ele poderia viver no seu mundo. Mas logo se lembrou que os seres humanos não vivem debaixo d'água e que ele só chegaria morto ao palácio de seu pai. Não, não, ele não podia morrer. Assim, ela nadou entre os destroços que o mar arrastava, indiferente ao perigo de ser esmagada. Mergulhava profundamente e emergia das ondas, e finalmente encontrou o jovem príncipe. Ele mal conseguia nadar no mar tempestuoso. Seus membros fraquejavam, seus belos olhos estavam fechados, e certamente teria se afogado se a Pequena Sereia não tivesse ido a seu socorro. Ela segurou-lhe a cabeça acima da água e abandonou-se com ele aos caprichos das ondas.

Quando amanheceu, a tempestade cessara e não havia rastro do navio. O sol despontou da água, vermelho e resplandecente, e pareceu devolver a cor às faces do príncipe; mas os olhos dele permaneciam fechados. A sereia beijou-lhe a fronte e ajeitou-lhe para trás o cabelo molhado. Aos seus olhos, ele parecia a estátua de mármore que tinha em seu jardimzinho. Beijou-o de novo e fez um pedido para que ele pudesse viver.

Logo a sereia viu diante de si terra firme, com suas majestosas montanhas azuis, no alto das quais brilhava a branca neve, parecendo cisnes aninhados. Perto da costa, havia adoráveis florestas verdes e junto a uma delas erguia-se um prédio

alto; se era uma igreja ou um convento ela não sabia dizer. Limoeiros e laranjeiras cresciam no jardim e ao lado da porta havia três altas palmeiras. A pequena baía se formava nesse ponto e a água era plenamente calma, embora muito profunda. A sereia nadou com o belo príncipe até a praia, coberta de fina areia branca. Ali colocou-o sob o sol quente, fazendo um travesseiro de areia para sua cabeça.

Sinos soaram do prédio branco e várias moças apareceram no jardim. A Pequena Sereia afastou-se, nadando para bem longe da praia, e escondeu-se atrás de uma pedra grande que se elevava acima da água. Cobriu o cabelo e o peito com espuma do mar para que ninguém pudesse vê-la. Depois ficou espiando para ver quem ajudaria o pobre príncipe.

Não demorou muito e surgiu uma jovem. Pareceu muito assustada, mas só por um instante, e correu para buscar ajuda. A sereia viu o príncipe voltar a si, e ele sorriu para todos ao seu redor. Porém, não havia nenhum sorriso para ela, pois ele não tinha ideia de quem o salvara. Depois que foi levado para o prédio, a Pequena Sereia se sentia tão infeliz que mergulhou de volta para o palácio do pai.

Ela sempre fora silenciosa e pensativa, mas agora estava mais do que nunca. Suas irmãs lhe perguntaram o que vira durante sua primeira visita à superfície, mas ela não lhes contava nada. Em muitas manhãs e entardeceres, subia até o local onde deixara o príncipe. Viu as frutas do jardim amadurecerem e observou-as serem colhidas. Viu a neve derreter nos picos. Contudo, nunca via o príncipe e por isso sempre voltava para casa ainda mais cheia de tristeza do que antes. Seu único consolo era ficar em seu jardimzinho, com os braços em torno da estátua de mármore, tão parecida com o príncipe. Nunca mais cuidou das suas flores, que se espalhavam selvagememente ao longo dos caminhos, entrelaçando seus longos galhos nos ramos das árvores, até obscurecer tudo.

Por fim, ela não conseguiu mais guardar aquilo consigo e contou tudo a uma de suas irmãs. Logo as outras ficaram sabendo, mas ninguém mais, exceto algumas outras sereias que não diriam nada a ninguém a não ser às suas melhores amigas. Uma delas foi capaz de lhe dar notícias sobre o príncipe. Ela também vira os festejos realizados a bordo e disse mais sobre o príncipe e a localização de seu reino.

— Venha, irmãzinha — disseram as outras princesas. E com os braços nos ombros uma das outras, subiram em uma longa fila até a superfície, bem diante do lugar onde se erguia o castelo do príncipe.

O castelo, construído de uma pedra amarela e lúzia, tinha longas escadarias de mármore, sendo que um dos degraus levava direto para o mar. Esplêndidas cúpulas douradas elevavam-se do teto e, entre as colunas que cercavam toda a construção, havia esculturas de mármore que pareciam vivas. Através do vidro transparente das altas janelas, era possível ver magníficos aposentos ornados com suntuosas cortinas de seda e tapeçarias. As paredes eram cobertas com enormes pinturas e era um prazer contemplá-las. No centro do maior salão, havia uma fonte que lançava seus jorros espumantes até a cúpula de vidro do teto, através do qual o sol brilhava na água e nas belas plantas que cresciam ali.

Agora que sabia onde o príncipe vivia, passava muitos pores do sol e muitas noites naquele lugar. Nadava até muito mais perto da costa do que as outras ousavam. Chegou a avançar pelo estreito canal para ir até a varanda de mármore que projetava uma longa sombra sobre a água. Ali ela se sentava e observava o jovem príncipe, que pensava estar completamente só ao clarão da lua.

Muitas vezes, à noite, a Pequena Sereia o via sair ao mar em seu esplêndido barco, com bandeiras hasteadas, ao som de música harmoniosa. Espiava do meio dos juncos verdes, e quando o vento levantava o longo véu branco e prateado do seu cabelo, e pessoas a viam, imaginavam apenas que era um cisne, estendendo as asas.

Em muitas noites, quando os pescadores saíam em alto mar com suas tochas, ela os ouvia elogiar o jovem príncipe, e suas palavras a deixavam ainda mais feliz por lhe ter salvado a vida. E ela recordava como aninhara a cabeça dele em seu peito e com que carinho o beijara. Mas ele não sabia nada disso e nunca sequer sonhara que ela existia.

A Pequena Sereia foi se afeiçoando mais e mais aos seres humanos e ansiava profundamente pela companhia deles. O mundo em que viviam parecia tão mais vasto que o seu próprio! Veja, eles podiam navegar o oceano em navios e escalar montanhas íngremes bem acima das nuvens. E as terras que possuíam, suas florestas e seus campos, se estendiam muito além de onde sua vista alcançava. Havia uma porção de outras coisas que ela teria gostado de saber e suas irmãs não eram capazes de responder a todas as suas curiosidades. Por isso, foi visitar sua velha avó, que sabia tudo sobre o mundo superior, como chamava tão apropriadamente os países acima do mar.

— Quando não se afogam — perguntou a Pequena Sereia —, os seres humanos podem continuar vivendo para sempre? Não morrem como nós, aqui embaixo no mar?

— Sim, sim – respondeu a velha senhora. — Eles também terão que morrer, e seu tempo de vida é mais curto que o nosso. Nós por vezes alcançamos a idade de trezentos anos, mas quando nossa vida aqui chega ao fim, simplesmente nos transformamos em espuma na água. Aqui não temos túmulos daqueles que amamos. Não temos uma alma imortal e nunca teremos outra vida. Nós somos como o junco verde. Uma vez cortado, cessa de crescer. Já os seres humanos têm almas que vivem para sempre, mesmo depois que seus corpos se transformam em pó. Elas voam através do ar puro até chegarem às estrelas brilhantes. Assim como subimos à flor da água e contemplamos as terras dos seres humanos, eles atingem belos reinos desconhecidos – regiões que nunca conheceremos.

— Por que não podemos ter uma alma imortal? – a Pequena Sereia perguntou, angustiada. — Eu daria de boa vontade todos os trezentos anos que tenho para viver se pudesse me tornar uma humana por apenas um dia e participar do mundo celestial.

— Você não deveria se preocupar com isso. Somos muito mais felizes e vivemos melhor aqui do que os seres humanos lá em cima.

— Então estou condenada a morrer e flutuar como espuma do mar, a nunca mais ouvir a música das ondas ou ver as lindas flores e o sol vermelho? Não há nada que eu possa fazer para conquistar uma alma imortal?

— Não – disse a velha senhora. — Só se um ser humano a amasse tanto que você importasse mais para ele que pai e mãe. Se ele a amasse de todo o coração e deixasse o padre pôr a mão direita sobre a sua como uma promessa de ser fiel e verdadeiro por toda a eternidade. Nesse caso, a alma dele deslizaria para dentro do seu corpo e você, também, obteria uma parcela da felicidade humana. Ele lhe daria uma alma e, no entanto, conservaria a dele próprio. Mas isso jamais acontecerá. Sua cauda de peixe, que achamos tão bonita, parece repulsiva à gente da terra. Sabem tão pouco sobre isso que acreditam realmente que as duas desajeitadas escoras que chamam de pernas são belas.

A Pequena Sereia suspirou e olhou melancolicamente para sua cauda de peixe.

— Devemos ficar satisfeitas com o que temos – disse a velha senhora. — Vamos dançar e nos alegrar durante os trezentos anos de nossa existência, isso é realmente muito tempo. Depois da morte, poderemos descansar e pôr o sono em dia. Hoje, teremos um baile na corte.

Não se pode fazer ideia na terra de tal magnificência. As paredes e o teto do

grande salão do baile eram feitos de cristal espesso, mas transparente. Centenas de conchas enormes, rosa-vermelho e verde-relva, dispostas de cada lado, cada uma com uma chama azul que iluminava todo o salão e, luzindo através das paredes, iluminavam também o mar. Inúmeros peixes, grandes e pequenos, podiam ser vistos nadando em direção às paredes de cristal. As escamas de alguns fulgiam com um brilho púrpura-avermelhado e as de outros, como prata e ouro. No meio do salão, corria um grande rio nos quais moluscos e sereias dançavam ao seu próprio som melodioso.

Nenhum ser humano tem voz tão encantadora. Ninguém cantava mais docemente que a Pequena Sereia e todos a aplaudiram. Por um instante, houve alegria em seu coração, pois ela sabia que tinha a voz mais bela em terra ou no mar. Mas, em seguida, seus pensamentos se voltaram para o mundo acima dela. Não conseguia esquecer o belo príncipe e a grande dor de não ter a alma imortal que ele possuía. Assim, se arrastou para fora do palácio do pai e, enquanto todos lá dentro cantavam e se divertiam, foi se sentar em seu jardimzinho, desolada.

De repente, ela ouviu o som de uma buzina ecoando através da água e pensou:

Ah, lá vai ele, navegando lá em cima. Aquele a quem amo mais do que meu pai ou minha mãe, ele que está sempre em meus pensamentos e em cujas mãos eu confiaria alegremente minha felicidade. Arriscaria qualquer coisa para conquistá-lo e a uma alma imortal. Enquanto minhas irmãs dançam no castelo de meu pai, vou à procura da feiticeira do mar. Sempre tive um terrível medo dela, mas talvez possa me ajudar e me dizer o que fazer.

E assim, a Pequena Sereia deixou seu jardim e partiu para onde a feiticeira morava, no lado mais distante dos redemoinhos espumantes. Nunca estivera lá antes. Naquele lugar, não cresciam flores nem relva do mar. Não havia nada além do fundo arenoso e cinzento que se estendia até os turbilhões, onde a água rodopiava com o estrondo da roda de moinho e sugava para as profundezas tudo que podia. Tinha de passar pelo meio desses furiosos torvelinhos para chegar até a feiticeira do mar. Por um longo trecho, não havia outro caminho senão pela lama quente e borbulhante – que a feiticeira chamava de seu charco.

A casa da feiticeira ficava atrás do charco, no meio de uma floresta quimérica. Todas as árvores e arbustos eram verdadeiros pólipos, metade animal e metade vegetal. Pareciam serpentes de cem cabeças crescendo do solo. Tinham galhos que pareciam braços longos e viscosos, com dedos tão flexíveis que se assemelhavam a

vermes. Nó por nó, da raiz até a ponta, estavam constantemente em movimento e agarravam hermeticamente qualquer coisa que pudessem aproveitar do mar e não soltavam mais. A Pequena Sereia ficou apavorada e se deteve à beira da mata. Seu coração palpitava de medo e ela esteve prestes a desistir. Mas então, lembrou-se do príncipe e da alma humana e retomou sua coragem. Ela prendeu em torno da cabeça seu longo e esvoaçante cabelo para que os pólipos não a pudessem agarrar. Depois, cruzou os braços sobre o peito e disparou adiante como um peixe lançado na água, no meio dos sórdidos pólipos, que estendiam em sua direção seus braços e dedos buliçosos. Ela notou como cada um deles havia agarrado algo e imobilizava firmemente, com uma centena de pequenos braços que pareciam aros de ferro. Esqueletos brancos de seres humanos que haviam perecido no mar e afundado nas águas profundas olhavam dos braços dos pólipos. Lemes e arcas de navios estavam fortemente agarrados em seus braços, juntamente com esqueletos de animais terrestres e – o mais terrível de tudo – uma sereiazinha, que eles haviam capturado e estrangulado.

Chegou então a um grande charco lodoso, onde enormes e corpulentas cobras-d'água ondeavam-se no lamaçal, mostrando seus horrendos ventres amarelo-esbranquiçado. No meio do charco, havia uma casa construída com os ossos de humanos naufragados. Lá estava a feiticeira do mar, deixando um sapo se alimentar na sua boca, assim como as pessoas nutrem às vezes um canário com um torrão de açúcar. Ela chamava as asquerosas cobras-d'água de seus pintinhos e deixava-as rastejar sobre seu peito.

— Eu sei exatamente o que você deseja – disse a feiticeira do mar. — Como você é estúpida! Mas você deve seguir seu caminho, que vai lhe trazer infortúnio, minha linda princesa. Você quer se livrar de sua cauda de peixe e no lugar ter um par de tocos para andar como um ser humano, a fim de que o jovem príncipe se apaixone por você e lhe dê uma alma imortal.

E com isso, a feiticeira soltou uma gargalhada tão alta e maléfica que o sapo e as cobras caíram estatelados no chão.

— Você veio na hora certa – disse a feiticeira. — Amanhã, quando o sol se levantar, eu não serei mais capaz de ajudá-la. Vou preparar um elixir para você. Terá de nadar até a costa com ele antes do nascer do sol, sentar-se na praia e tomá-lo. Sua cauda, então, se dividirá em duas e encolherá para se transformar naquilo que os seres humanos chamam de “belas pernas”. Mas vai doer. Você sentirá como se

uma espada afiada a cortasse. Todos que a virem dirão que você é a mais bela humana que já encontraram. Manterá seus movimentos graciosos, nenhuma dançarina jamais deslizará tão suavemente, mas cada passo que der a fará sentir como se estivesse pisando em uma faca afiada, o bastante para fazer sangrar seus pés. Se estiver disposta a suportar tudo isso, posso ajudá-la.

— Sim – disse a Pequena Sereia com voz hesitante, mas voltou seus pensamentos para o príncipe e ao prêmio de uma alma imortal.

— Pense nisso com cuidado – alertou a feiticeira. — Uma vez tomada a forma de um ser humano, nunca mais voltará a ser uma sereia. Você não será capaz de descer nadando ao encontro do palácio de seu pai e de suas irmãs. A única maneira de conseguir uma alma imortal é conquistando o amor do príncipe e fazer com que ele esqueça o pai e a mãe por amor a você. Ele deve tê-la sempre em seus pensamentos e permitir que o padre una suas mãos para que se tornem marido e mulher. Se o príncipe se casar com outra pessoa, na manhã seguinte seu coração se quebrará e você se tornará espuma na crista das ondas.

— Estou pronta – declarou a Pequena Sereia, pálida como uma morta.

— Mas terá que me recompensar – disse a feiticeira. — Você não receberá minha ajuda sem nada em troca. Você tem a mais formidável voz entre todos que aqui habitam no fundo do mar. Provavelmente, pensa que encantará o príncipe com ela, mas terá que dá-la para mim. Vou lhe exigir o que possui de melhor como pagamento por minha poção. Você entende, tenho de misturar nela um pouco do meu próprio sangue para que o elixir seja afiado como uma espada de dois gumes.

— Mas se tirar a minha voz, o que me restará? – perguntou a Pequena Sereia.

— Sua encantadora figura – disse a feiticeira —, seus movimentos graciosos e seus olhos expressivos. Com eles, pode simplesmente fascinar um coração humano... Bem, onde está sua coragem? Estire a língua e deixe-me cortá-la fora como pagamento. Depois, receberá sua poderosa poção.

— Assim seja – concordou a Pequena Sereia, e a feiticeira pôs seu caldeirão no fogo para destilar a poção mágica.

— Limpeza antes de tudo – ela disse, enquanto esfregava o recipiente com um feixe de víboras que tinha atado num grande nó.

Em seguida, deu um talho no próprio seio e deixou gotejar o negro sangue no caldeirão. O vapor que subiu criava formas estranhas, assustadoras de se ver. A feiticeira continuava a juntar coisas novas dentro do caldeirão e, quando o elixir



começou a ferver, parecia um choro de crocodilo. Finalmente, a poção mágica ficou pronta e era exatamente cristalina como água.

— Aí está você! – disse a feiticeira ao cortar a língua da Pequena Sereia, que agora estava muda e não conseguia falar e cantar.

— Se os pólipos a apanharem quando você retornar pela mata – orientou a feiticeira —, basta jogar sobre eles uma única gota desta poção e os braços e dedos deles serão dilacerados em mil pedaços.

Porém, a Pequena Sereia não precisou disso. Os pólipos se encolheram aterrorizados quando avistaram a luzente poção em sua mão como uma estrela cintilante. E assim, passou rapidamente pela mata, pelo charco e pelos atreadores redemoinhos.

A Pequena Sereia pôde contemplar o palácio do pai. As luzes do salão de baile estavam apagadas. Certamente, lá estavam todos dormindo a essa altura. Mas não se atreveu ir vê-los, pois agora estava muda e prestes a deixá-los para sempre. Ela sentiu como se seu coração fosse partir de tanta dor. Entrou secretamente no jardim, pegou uma flor dos leitos de cada uma das irmãs, soprou mil beijos em direção do palácio e depois subiu à superfície através das águas azul-escuras.

O sol ainda não despontara no horizonte quando ela avistou o palácio do príncipe e subiu os degraus de mármore. A lua esplendia límpida e vívida. A Pequena Sereia bebeu a acre poção e parecia que uma faca de dois gumes trespassava seu corpo delicado. Ela desmaiou e caiu morta.

O sol se levantou e, radiante através do mar, acordou-a. Ela sentiu uma dor cruciante. Mas bem ali, na sua frente, estava o belo príncipe. Os olhos dele, negros como carvão, a encaravam tão intensamente que ela baixou os seus, e percebeu que sua cauda de peixe desaparecera e que tinha um bonito par de pernas brancas como as que qualquer jovem poderia desejar. Porém, estava completamente nua e assim se envolveu em seu longo e esvoaçante cabelo. O príncipe perguntou-lhe quem era e como chegara até ali, e ela só conseguia fitá-lo com um olhar doce e triste com seus olhos azuis, pois, é claro, não podia falar. Então, ele a tomou pela mão e a levou para o palácio. Cada passo que ela dava, como renunciara a feiticeira, a fazia sentir dores atrozes como se estivesse pisando em facas e agulhas afiadas, mas suportou de bom grado. Caminhou com a leveza de uma bolha de sabão ao lado do príncipe. Este e todos que a viram ficaram maravilhados com a beleza de seus movimentos graciosos.

Deram-lhe vestidos suntuosos de seda e musselina. Ela era a criatura mais

bela no palácio, mas era muda, não conseguia falar e cantar. Lindas escravas vestidas de seda e ouro apareceram e dançaram diante do príncipe e de seus parentes reais. Uma cantou mais lindamente que todas as outras, e o príncipe bateu palmas e sorriu para ela. Isso entristeceu a Pequena Sereia, pois sabia que ela própria podia cantar ainda mais lindamente. E pensou: Ó, se ele soubesse que dei minha voz para sempre, a fim de estar com ele.

Em seguida, as escravas dançaram uma dança muito elegante, deslizando ao som da mais encantadora música. E a Pequena Sereia ergueu seus belos braços brancos, ficou na ponta dos dedos dos pés e deslizou pelo piso, dançando como ninguém dançara antes. A cada passo, parecia mais e mais formosa e seus olhos atraíam mais profundamente que o canto das moças escravas.

Todos ficaram encantados, especialmente o príncipe, que a chamou de sua pequena desamparada. Ela continuou dançando, apesar da sensação de estar pisando em facas afiadas cada vez que seu pé tocava o solo. O príncipe disse que ela nunca deveria deixá-lo e ela teve permissão para dormir do lado de fora de sua porta, em uma almofada de veludo.

O príncipe ordenou produzir para ela um traje de amazona para que pudessem andar a cavalo. Cavalgaram juntos por florestas perfumadas, onde ramos verdes roçavam seus ombros e passarinhos cantavam em meio às folhas frescas. Ela subiu com o príncipe ao topo das altas montanhas e, embora seus delicados pés sangrassem e todos pudessem notar o sangue, ela apenas sorria e acompanhava o príncipe até onde podiam ver as nuvens abaixo deles, parecendo um bando de pássaros que viajam para terras distantes.

No palácio do príncipe, quando todos dormiam, ela descia a escadaria de mármore e ia refrescar os pés ardentes na água fria do mar. E então, pensava nos que estavam lá embaixo nas profundezas. Uma noite, suas irmãs subiram de braços dados, cantando melancolicamente enquanto flutuavam sobre a água. Acenou para elas, que a reconheceram e lhes contaram o quão infelizes havia feito a todos. Depois disso, passaram a visitá-la todas as noites, e uma vez ela viu ao longe sua velha avó, que não vinha à superfície do mar havia muitos anos, e também o velho rei do mar com sua coroa na cabeça. Ambos estenderam as mãos para ela, mas não se aventuraram tão perto da costa como as suas irmãs.

Com o tempo, ela foi se tornando mais estimada para o príncipe. Ele a amava como se ama uma pequena criança, pois jamais lhe ocorreu fazer dela sua rainha. E,

no entanto, ela precisava se tornar sua esposa, pois do contrário nunca receberia uma alma imortal e, na manhã do casamento dele, se dissolveria em espuma do mar.

— Você gosta de mim mais do que a todos? – os olhos da Pequena Sereia pareciam perguntar quando ele a tomava nos braços e beijava sua adorável fronte.

— Sim, você é muito preciosa para mim – dizia o príncipe —, por ter o coração mais amável que todos. E você é mais dedicada a mim que qualquer outra pessoa. Você me lembra uma moça que conheci uma vez, mas que provavelmente nunca verei de novo. Eu estava em um naufrágio e as ondas lançaram-me em terra firme, perto de um templo sagrado, onde várias jovens cumpriam seus deveres. A mais nova delas me encontrou na praia e salvou minha vida. Eu a vi apenas duas vezes. Ela é a única no mundo a quem eu poderia amar. Porém, você é tão parecida com ela que quase tirei a imagem dela da minha mente. Ela pertence ao templo sagrado e minha boa fortuna enviou você para mim. Nunca nos separaremos.

Ah, mal sabe ele que fui eu quem lhe salvei a vida, pensou a Pequena Sereia. Carreguei-o pelo mar até o templo na floresta e esperei na espuma que alguém viesse ajudá-lo. Vi a bonita jovem que ele ama mais do que a mim. suspirou profundamente, pois não sabia derramar lágrimas. Ele diz que a menina pertence ao templo sagrado e que por isso nunca retornará ao mundo. Eles nunca se encontrarão novamente. Eu estou ao seu lado e vejo-o todos os dias. Eu vou cuidar dele, amá-lo e dar minha vida por ele.

Não muito tempo depois, houve um rumor de que o príncipe se casaria e que a esposa seria a bela filha de um rei vizinho, e por isso ele estava equipando um soberbo navio. O príncipe ia fazer uma visita a um reino vizinho – era assim que diziam, dando a entender que estava indo ver a noiva. Ele tinha uma grande comitiva, mas a Pequena Sereia sacudia a cabeça e ria. Conhecia os pensamentos do príncipe muito melhor do que qualquer outra pessoa.

— Eu tenho que ir – ele disse a ela. — Tenho de visitar essa princesa, porque meus pais insistem nisso. Mas eles não podem me forçar a trazê-la para cá como minha esposa. Nunca poderia amá-la. Ela não é bela como a moça do templo, a quem você se assemelha. Se eu fosse forçado a escolher uma noiva, preferiria escolher você, minha querida mudinha, com seus olhos expressivos.

Então, beijava a boca rosada da sereia, brincava com seu longo cabelo e pousava sua cabeça contra seu coração, fazendo-a sonhar com a felicidade humana e uma alma imortal.

— Você não tem medo do mar, não é, minha querida mudinha? – ele perguntou no convés do esplêndido navio que os transportaria ao reino vizinho. E ele lhe falou das poderosas tempestades e de calmarias, dos estranhos peixes das profundezas e do que os mergulhadores tinham visto lá embaixo. Ela sorria às histórias dele, pois sabia melhor do qualquer outra pessoa das maravilhas do fundo do mar.

À noite, quando havia lua sem nuvens e todos estavam dormindo, exceto o timoneiro em seu leme, a Pequena Sereia sentava-se junto na amurada do navio, olhando para baixo através da água clara. Tinha a impressão de poder ver o palácio do pai, com sua velha avó postada no alto dele com a coroa de prata na cabeça, tentando enxergar por entre a rápida corrente na quilha do navio. Em seguida, suas irmãs apareceram das ondas e a fitavam com olhos cheios de tristeza, agitando suas mãos brancas. Acenava e sorria para elas, e teria gostado de lhes dizer que estava feliz e que tudo ia bem para ela. Mas o grumete surgiu exatamente naquele instante e as irmãs mergulharam, fazendo crer ao marinheiro que a coisa branca que vira era apenas espuma na água.

Na manhã seguinte, o navio entrou no porto da magnífica capital do rei vizinho. Os sinos das igrejas estavam tocando e, das torres, podia-se ouvir o toque de trompetes. Soldados saudaram com reluzentes baionetas e bandeiras coloridas. Todos os dias, havia festejo. Bailes e espetáculos se sucederam, mas a princesa ainda não tinha aparecido. As pessoas diziam que ela estava sendo criada e educada num templo sagrado, onde estava aprendendo todas as virtudes reais. Finalmente, ela chegou.

A Pequena Sereia estava ansiosa para ver a beleza dela e teve que admitir que nunca vira pessoa mais encantadora. Sua pele era clara e delicada e, por trás dos cílios longos e escuros, seus olhos azuis sorridentes brilhavam com muita sinceridade.

— É você – disse o príncipe. — Você é aquela que me salvou quando estava estendido na praia, semimorto.

E estreitou nos braços sua noiva, de face corada.

— Ó, estou muito feliz – ele disse à Pequena Sereia. — Meu desejo mais caro, mais do que eu ousava esperar, foi satisfeito. Você compartilhará da minha felicidade, porque é mais devotada a mim do que ninguém.

A Pequena Sereia beijou a mão dele e sentiu como se seu coração estivesse partido. O dia do casamento dele significaria a sua morte e ela se transformaria em espuma nas ondas do oceano.

Todos os sinos das igrejas repicavam enquanto os arautos percorriam as ruas para proclamar o noivado. Óleo perfumado queimava em preciosas lâmpadas de prata em cada altar. O padre balançava o incensário enquanto o noivo e a noiva uniam as mãos e recebiam a bênção do bispo. Vestida de seda e ouro, a Pequena Sereia segurava a cauda da noiva, mas seus ouvidos nunca tinham ouvido aquela música festiva e seus olhos nunca tinham visto os ritos sagrados. Ela pensava em sua última noite na terra e em tudo que havia perdido neste mundo.

Na mesma noite, os noivos embarcaram no navio. Os canhões troavam, as bandeiras brandiam e, no centro do navio, fora erguida uma suntuosa tenda de púrpura e ouro. Estava repleta de luxuosas almofadas para os recém-casados, que deveriam dormir ali naquela noite fresca e calma. As velas inflaram com a brisa e o navio deslizou leve e suavemente sobre os mares claros.

Quando escureceu, acenderam lanternas de várias cores e os marinheiros dançaram alegremente no convés. A Pequena Sereia não pôde deixar de pensar naquela primeira vez em que tinha emergido do mar e contemplado uma cena de festejos jubilosos igual a esta. E agora ela entrou na dança, desviando e precipitando-se com a leveza de uma andorinha acuada. Clamores de admiração a cumprimentaram de todos os cantos. Nunca antes ela dançara com tanta elegância. Era como se facas afiadas estivessem cortando seus delicados pés, mas ela não sentia nada, pois a ferida em seu coração era muito mais dolorosa. Ela sabia que aquela era a última noite que veria o príncipe, por quem abandonara sua família e seu lar, sacrificara sua linda voz e sofrera horas de agonia sem que ele suspeitasse de nada. Era a última noite em que respiraria o mesmo ar que ele ou contemplaria o mar profundo e o céu estrelado. Uma noite eterna, sem pensamentos ou sonhos, aguardava por ela, que não tinha alma e nunca ganharia uma. Tudo era regozijo e diversão a bordo até muito depois da meia-noite. Ela riu e dançou com os outros, embora em seu coração ruminasse a morte. O príncipe beijava sua adorável noiva, que brincava com seu cabelo escuro e, de braços dados, os dois se retiraram para a magnífica tenda.

O navio estava tranquilo e silencioso. Apenas o timoneiro estava junto ao seu leme. A Pequena Sereia inclinou-se com seus braços brancos na amurada e olhou para o leste, em busca do sinal da rósea aurora. O primeiro raio do sol, ela sabia, traria sua morte. De repente, viu suas irmãs emergindo. Estavam tão pálidas como ela própria, mas seus longos e belos cabelos não mais ondulavam ao vento – tinham sido

cortados.

— Demos nosso cabelo à feiticeira – disseram elas — para que nos ajudasse a salvá-la da morte que a espera esta noite. Ela nos deu um punhal, veja, aqui está. Vê como é afiado? Antes do nascer do sol, você tem de cravá-lo no coração do príncipe. Então, quando o sangue morno dele tocar seus pés, eles se unirão e se transformarão numa cauda de peixe, e você será sereia de novo. Poderá voltar conosco para a água e viver seus trezentos anos antes de ser transformada em espuma do mar salgado. Apresse-se! Ou ele ou você morrerá antes do amanhecer. Nossa velha avó tem sofrido tanto que seu cabelo branco tem caído, como os nossos sob a tesoura da feiticeira. Mate o príncipe e volte para nós! Mas não demore, veja as estrias vermelhas no céu. Em poucos minutos, o sol despontará e então você morrerá.

— Com um suspiro estranho e profundo, elas submergiram.

A Pequena Sereia afastou a cortina púrpura da tenda e viu a bela noiva adormecida, com a cabeça apoiada no peito do príncipe. Inclinando-se, ela beijou a nobre frente dele e depois olhou para o céu, onde o rubor da aurora se tornava mais e mais luminoso. Fitou o punhal afiado em sua mão e novamente fixou os olhos no príncipe, que sussurrou o nome da noiva em seus sonhos – só ela estava em seus pensamentos. Levantou as mãos que tremiam enquanto empunhava o punhal – e então ela o lançou para longe nas ondas. A água ficou vermelha onde caiu, e algo parecido com gotas de sangue ressumou dela. Com um último olhar para o príncipe, os olhos esmaecidos, ela se jogou do navio para o mar e sentiu seu corpo se dissolver em espuma.

E logo o sol começou a subir do mar. Seus raios cálidos e suaves caíram sobre a espuma fria como a morte, mas a Pequena Sereia não tinha a sensação de estar morrendo. Ela viu o sol esplendoroso e, pairando ao seu redor, centenas de criaturas adoráveis – podia perfeitamente, através delas, ver as velas brancas do navio e as nuvens rosadas no céu. E a voz delas era a voz da melodia, embora etérea demais para ser ouvida por ouvidos mortais, assim como nenhum olho mortal poderia contemplá-las. Não tinham asas, mas sua leveza as fazia flutuar no ar. A Pequena Sereia viu que tinha um corpo como o delas e que estava se elevando cada vez mais acima da espuma.

— Onde estou? – perguntou, e sua voz soava como a dos outros seres, mais etérea do que qualquer música terrena podia soar.

— Entre as filhas do ar – responderam as outras. — Uma sereia não possui

uma alma imortal, e jamais pode ter uma a menos que conquiste o amor de um ser humano. A eternidade de uma sereia depende de um poder que independe dela. As filhas do ar tampouco têm uma alma eterna, mas podem conseguir uma através de suas boas ações. Devemos voar para os países quentes, onde o ar pestilento significa morte para os seres humanos. Devemos levar brisas frescas. Devemos espalhar a fragrância das flores através do ar e enviar consolo e cura. Depois que tivermos praticado todo o bem que podemos em trezentos anos, conquistaremos uma alma imortal e teremos participação na felicidade eterna da humanidade. Você, pobrezinha, tentou com todo o seu coração fazer o que estamos fazendo. Você sofreu e perseverou e se elevou ao mundo dos espíritos do ar. Agora, com trezentos anos de boas ações, você também pode ganhar uma alma imortal.

A Pequena Sereia levantou seus braços de cristal para o dom de Deus e, pela primeira vez, conheceu o gosto das lágrimas.

No navio, havia muito alvoroço e sons de vida por todo lado. A Pequena Sereia viu o príncipe e a bela noiva à sua procura. Com enorme melancolia, eles fitavam a espuma perolada, como se soubessem que ela se precipitara nas ondas. Invisível, ela beijou a fronte da noiva, sorriu para o príncipe e em seguida, com as outras filhas do ar, subiu para uma nuvem rosa-avermelhada que atravessava o céu.

— Assim flutuaremos por trezentos anos, até finalmente chegarmos ao reino celestial.

— E podemos alcançá-lo ainda mais cedo – sussurrou uma das suas companheiras. — Invisíveis, flutuamos para dentro de lares humanos em que há crianças, e para cada dia que encontramos uma boa criança, que faz merecer o amor dos pais, Deus abrevia nosso tempo de sofrimento. A criança nunca percebe quando voamos em seu quarto e sorrimos com alegria, e assim um ano é reduzido dos trezentos. Mas quando vemos uma criança perversa ou maldosa, então, derramamos lágrimas de dor, e cada lágrima acrescenta mais um dia ao nosso tempo de provação.

#### ANEXO I - A Bela e a Fera – Madame de Beaumont (1756)

Era uma vez um comerciante muito rico, que tinha seis filhos: três meninos e três meninas. Como esse comerciante era um homem inteligente, não poupou recursos na educação de seus rebentos, dando-lhes todo tipo de professores. Embora todas as suas filhas fossem bonitas, a caçula era a mais admirada, sendo chamada

por todos, desde bebê, de Bela. Esse nome foi adotado e despertou a inveja de suas irmãs.

Além de mais bela, a caçula era mais ajuizada do que elas. As duas mais velhas gostavam de ostentar sua riqueza, bancando as damas e se recusando a receber as filhas dos outros comerciantes. iam todos os dias ao baile, ao teatro, ao passeio, e zombavam de Bela, que dedicava a maior parte de seu tempo livre à leitura de bons livros.

Como todos sabiam que as moças eram muito ricas, vários comerciantes poderosos pediram sua mão em casamento. As duas mais velhas responderam que jamais se casariam, a menos que encontrassem um duque ou, pelo menos, um conde. Quanto a Bela, agradeceu sinceramente aos que desejavam desposá-la, mas alegou ser muito jovem e querer fazer companhia ao pai por mais alguns anos.

De uma hora para outra, o comerciante perdeu todos os seus bens, só lhe restando uma pequena casa no campo, bem distante da cidade. Chorando, ele comunicou aos filhos a necessidade de se mudarem para lá e de viverem do trabalho agrícola. As duas primogênitãs declararam que não cogitavam deixar a cidade e que conheciam rapazes que adorariam desposá-las, mesmo após a ruína da família. Coitadas, estavam enganadas: seus amigos não olharam mais para elas depois que elas ficaram pobres.

Como ninguém aturava mais sua empáfia, todos diziam:

– Tadinhas! Dá gosto vê-las no fundo do poço! Que banquem as damas guardando carneiros!

Ao mesmo tempo, diziam:

– Mas estamos muito tristes com a desventura de Bela: é uma menina tão boa! Era tão gentil com os pobres, tão meiga, tão honesta!

Diversos fidalgos, inclusive, pediram sua mão, mesmo cientes de sua pobreza, mas ela respondeu ser incapaz de abandonar o pobre pai no infortúnio e que iria para o campo com ele a fim de oferecer consolo e ajuda.

Instalados em seu novo lar, o comerciante e seus três filhos dedicavam-se à lavoura, enquanto Bela, de pé às quatro da manhã, limpava a casa e preparava o almoço para a família. Desacostumada com as tarefas domésticas, no início foi difícil para ela, mas, ao fim de dois meses, estava mais forte e saudável. Terminadas as costuras, lia, tocava cravo ou cantava, maviosamente. Suas duas irmãs, ao contrário,



entediavam-se mortalmente: levantavam às dez da manhã, passeavam o dia inteiro e seu único assunto era a saudade das roupas elegantes e dos amigos.

– Veja nossa irmã caçula – uma dizia à outra –, é tão estúpida que chega a se divertir na desgraça.

O bondoso comerciante não pensava igual às filhas. Sabia que Bela possuía mais dotes do que as irmãs para brilhar em sociedade. Admirava não só as virtudes da moça como principalmente sua paciência, pois as mais velhas, não satisfeitas em deixar todo o trabalho pesado para ela, viviam a insultá-la. Já fazia um ano que a família morava naquela solidão, quando o comerciante recebeu uma carta anunciando-lhe que um navio, com mercadorias de sua propriedade, acabava de atracar sem maiores contratemplos.

Essa notícia deixou as duas primogênitais alvoroçadíssimas, ambas pensando que finalmente sairiam daquele ermo onde tanto se aborreciam. Ao verem o pai pronto para partir, pediram que ele lhes trouxesse vestidos, estolas de pele, chapéus e todo tipo de futilidades. Bela, por sua vez, não pediu nada, ruminando que nem mesmo o que ele lucrasse com a venda das mercadorias daria para comprar o que as irmãs desejavam.

– E você, não quer nada? – seu pai lhe perguntou.

– Já que teve a bondade de pensar em mim – ela respondeu –, peço simplesmente uma rosa, pois não há roseiras nesta região. Não é que Bela fizesse muita questão de uma rosa, o que ela não queria era, com seu exemplo, censurar a conduta das irmãs. Estas, aliás, não se furtaram a comentar que era só para se mostrar que ela não pedia nada.

O velho partiu. Ao chegar ao porto, no entanto, teve a notícia de que sua carga havia sido apreendida, e, após uma série de aborrecimentos, decidiu voltar, tão pobre como antes.

No caminho de volta, a cinquenta quilômetros de casa, já se mostrava ansioso para rever os filhos. Antes de chegar, contudo, precisava atravessar uma vasta floresta, na qual se perdeu. Nevava terrivelmente e o vento soprava tão forte que o derrubou do cavalo duas vezes. Quando a noite caiu, pensou que morreria de fome, frio, ou então que seria comido pelos lobos que ouvia uivar nos arredores.

De repente, no final de um comprido corredor formado pelas árvores, ele avistou uma luz intensa, mas ainda bem distante. Caminhou naquela direção e percebeu que a luz vinha de um grande palácio, que parecia todo iluminado. O

comerciante agradeceu a Deus o socorro que lhe enviava e se esfalfou para chegar logo ao castelo. Ficou admirado de não encontrar ninguém nos pátios. Seu cavalo, que o seguia, ao ver uma ampla estrebaria aberta, entrou; encontrando feno e aveia, o pobre animal esfaimado avançou avidamente. O comerciante amarrou-o dentro da estrebaria e caminhou em direção à casa, sem encontrar ninguém. Entrando, porém, num vasto salão, deparou com uma boa lareira e uma mesa servida com as mais variadas iguarias e talheres para uma pessoa. Encharcado pela chuva e pela neve, o homem se aproximou do fogo para se secar e murmurou consigo mesmo: “O dono da casa ou seus criados que me perdoem a falta de cerimônia. Mas, sem dúvida, chegarão daqui a pouco.”

Esperou um tempo considerável, mas, como já eram onze horas e não aparecia ninguém, ele não conseguiu resistir à fome e, tremendo, pegou um frango e o devorou. Bebeu igualmente um pouco do vinho. Tomando coragem, deixou o salão e atravessou uma série de vastos aposentos esplendidamente mobiliados. No fim, encontrou um quarto com uma boa cama e, como passava da meia-noite e estava cansado, resolveu fechar a porta e dormir. Eram dez horas da manhã quando acordou no dia seguinte, admiradíssimo de encontrar roupas limpas no lugar das suas, que haviam se esfarrapado.

“Não resta dúvida”, pensou, “este palácio pertence a alguma boa fada que teve pena da minha situação.”

Olhou pela janela e, no lugar da neve, viu lindos canteiros de flores. Entrou no salão onde ceara na véspera e notou que havia uma xícara de chocolate quente na mesa.

– Obrigado, senhora fada – disse bem alto –, por ter tido a bondade de pensar no meu estômago.

Após tomar o chocolate, saiu para selar seu cavalo e, passando sob um caramanchão de rosas, lembrou-se do pedido de Bela e colheu um ramo.

Nesse instante, ouviu um estrondo e quase desmaiou ao deparar com uma Fera horrível avançando em sua direção.

– Está sendo muito ingrato – disse-lhe a Fera com uma voz tenebrosa. – Salvei-lhe a vida acolhendo-o em meu castelo e, para minha decepção, o senhor rouba minhas rosas, que amo mais que tudo no mundo. Terá que morrer para se redimir do seu erro. Dou-lhe quinze minutos para pedir perdão a Deus.

O comerciante atirou-se de joelhos, juntando as mãos:

– Monsenhor, perdoe-me, eu não pensava ofendê-lo colhendo uma rosa para atender ao pedido de uma de minhas filhas.

– Eu não me chamo Monsenhor – respondeu o monstro –, e sim Fera. Não gosto de adulação, gosto que as pessoas falem o que pensam, portanto não espere me comover com suas lisonjas. Mas o senhor omitiu que tivesse filhas. Aceito então perdoá-lo, com a condição de que uma de suas filhas apresente-se voluntariamente para morrer em seu lugar. Não discuta, vá! E se porventura suas filhas se recusarem a morrer pelo senhor, dê-me sua palavra de que estará de volta aqui dentro de três meses.

O velho não tinha a intenção de sacrificar qualquer filha sua ao horrível monstro, mas pensou: “Pelo menos terei a alegria de beijá-las mais uma vez.”

Deu então sua palavra de que voltaria e a Fera o autorizou a partir quando lhe aprovesse.

– Mas – acrescentou – não quero que vá de mãos vazias. Volte ao quarto onde passou a noite e nele encontrará um grande baú vazio. Coloque dentro tudo que lhe agradar, mandarei entregar em seu domicílio.

Em seguida, a Fera se retirou e o homem pensou: “Se eu tiver que morrer, pelo menos resta o consolo de deixar um pouco de pão para minhas pobres crianças.”

Retornou ao quarto onde passara a noite e, lá encontrando uma batelada de moedas de ouro, encheu o baú que a Fera mencionara e aferrolhou-o. Em seguida, pegou seu cavalo na estrebaria e, com uma tristeza igual à alegria que sentira quando nele entrara, deixou o palácio. O cavalo adivinhou o caminho através da floresta e, em poucas horas, o homem chegava à sua morada. Seus filhos acorreram, mas em vez de se enternecer com seus carinhos, o comerciante pôs-se a chorar ao vê-los. Tinha na mão o ramo de rosas que trazia para Bela. Ao entregá-lo, advertiu-a:

– Bela, cuide muito bem dessas rosas, pois elas custarão muito caro ao seu desgraçado pai!

E contou à família a funesta aventura em que se vira envolvido. Após ouvirem sua história, as duas primogêniticas puseram-se a gritar e xingar Bela, que por sua vez não chorava.

– Vejam aonde nos levou o orgulho dessa criaturinha – diziam. – Não pediu vestidos igual à gente, não, a madame queria ser diferente! Vai causar a morte de nosso pai e nem chorar ela chora.

– Isso seria completamente inútil – replicou Bela. – Por que eu choraria a morte

do meu pai? Ele não vai morrer. Visto que o monstro aceita uma de nós, estou disposta a me entregar a sua fúria, o que farei muito feliz, pois morrendo terei a alegria de salvar meu pai e dar provas do meu amor.

– Não, irmã – disseram-lhe seus três irmãos –, você não morrerá: iremos atrás desse monstro e, se não o matarmos, morreremos em suas garras.

– Não se fiem nisso, meus filhos! – alertou-os o comerciante. – Não alimentem esperanças de exterminá-la, pois o poder da Fera é imenso. O desprendimento de Bela é comovente, mas não quero sacrificá-la. Estou velho, não me resta mais muito tempo pela frente; portanto, perderei apenas poucos anos de vida, o que só lamento por causa de vocês, queridos filhos.

– Repito, meu pai – insistiu Bela –, que não irá para esse palácio sem mim. Não pode me proibir de segui-lo. Apesar de jovem, não tenho muito apego à vida e prefiro ser devorada por essa Fera a morrer de consternação por perdê-lo.

Por mais que argumentassem, Bela não recuou em sua decisão de partir para o belo palácio, o que deixou suas irmãs contentíssimas, uma vez que as virtudes da caçula enchiam-nas de inveja.

O sofrimento do comerciante com a perda da filha era tão grande que o fizera se esquecer do baú abarrotado de ouro. Levou, portanto, um susto ao entrar em seu quarto para dormir e encontrá-lo ao pé da cama. Decidido a não deixar os filhos saberem que estava rico, pois suas filhas iriam querer voltar à cidade e ele estava determinado a morrer no campo, revelou o segredo a Bela, que por sua vez lhe contou que tinham recebido a visita de alguns fidalgos durante sua ausência e que dois cortejaram suas irmãs. Pediu ao pai que as casasse. Pois Bela era tão generosa que as amava e per-doava de todo o coração o mal que lhe haviam feito.

Enquanto aquelas jovens insensíveis esfregaram cebola nos olhos para chorar quando Bela partiu com o pai, seus irmãos, assim como o comerciante, choraram de verdade. Somente Bela, não querendo aumentar a dor da família, conteve as lágrimas. O cavalo tomou o caminho do palácio e, ao crepúsculo, eles o avistaram, iluminado como da primeira vez. O cavalo dirigiu-se sozinho à estrebaria e o velho entrou com a filha no vasto salão, onde encontraram uma mesa suntuosa com talheres para duas pessoas. O comerciante estava sem apetite, mas Bela, procurando parecer tranquila, sentou-se à mesa e o serviu. Então pensou: “A Fera quer me engordar antes de me devorar, essa comida toda só pode ser para isso.”

Após cearem, ouviram um grande rosnado. Certo de que era a Fera, o

comerciante, chorando, despediu-se da filha. Bela sentiu um arrepio ao bater os olhos naquela horrível figura, mas conteve-se como pôde. O monstro então lhe perguntou se ela viera por livre e espontânea vontade, o que, tremendo, ela confirmou.

– A senhorita é muito boa – disse-lhe a Fera –, e sou-lhe muito grato. O senhor, velho, vá embora ao amanhecer e nunca mais ponha os pés aqui. Boa noite, Bela.

– Ai, minha filha! – disse o comerciante, beijando Bela. – Que suplício! Confie em mim, deixe-me ficar.

– Não, meu pai – reafirmou Bela. – Volte para casa e me deixe sob a guarda de Deus, talvez ele tenha piedade de mim.

Foram se deitar achando que não pregariam o olho, mas, assim que se recolheram, dormiram. Durante seu sono, Bela sonhou com uma dama lhe dizendo:

– Estou contente com seu bom coração, Bela. Sua boa ação, oferecendo a própria vida para salvar a de seu pai, não ficará sem recompensa.

Ao despertar, Bela contou ao pai o seu sonho e, embora este o consolasse um pouco, não calou sua dor quando foi obrigado a se despedir da filha. Após sua partida, Bela sentou-se no salão e pôs-se a chorar também. Porém, como tinha muita coragem, entregou-se a Deus e decidiu não se atormentar no pouco tempo que lhe restava de vida, pois acreditava firmemente que a Fera a comeria aquela noite. Até lá, resolveu dar uma volta e visitar o belo castelo.

Não pôde deixar de admirar sua beleza. Ficou intrigada, contudo, ao encontrar uma porta na qual se lia: “Aposentos de Bela”. Abriu aquela porta com ansiedade e deslumbrou-se com a magnificência do que viu. Mas o que mais a seduziu foi uma grande estante, um cravo e vários livros de música.

– Não querem que eu me entedie – ela disse baixinho.

Em seguida, pensou: “Se fosse para passar somente um dia aqui, não teriam me oferecido tanta coisa.” Esse pensamento animou-a. Abriu a estante e viu um livro, no qual estava escrito em letras de ouro: “Peça o que deseja: aqui você é a rainha e a dona da casa.

“Ai de mim!” ela suspirou. “Tudo que desejo é ver meu pai e saber o que ele está fazendo agora.” Tinha dito isso para si mesma. Pois qual não foi sua surpresa, voltando os olhos para um grande espelho, ao ver nele sua casa, aonde seu pai chegava com um semblante tristíssimo! Era recebido por suas irmãs e, apesar das caretas que elas faziam para parecer aflitas, a alegria que sentiam pela perda da irmã estava estampada em seu rosto. De repente, tudo isso desapareceu e Bela foi

obrigada a admitir que a Fera era bastante boazinha e que não precisava temê-la. Ao meio-dia, encontrou a mesa servida e, durante o almoço, ouviu um excelente concerto, embora não visse ninguém. À noite, quando ia sentar-se à mesa, notou o barulho da Fera chegando e um calafrio a percorreu.

– Permite que eu a veja cear, srta. Bela? – indagou o monstro.

– O senhor é o dono da casa – respondeu Bela, tremendo.

– Não – replicou a Fera –, a única soberana aqui é a se-nhorita. Se eu estiver sendo maçante, avise-me que vou embora. Seja franca, não é verdade que me acha muito feio?

– Ah, isso eu não posso negar – respondeu Bela –, porque não sei mentir; mas acho o senhor muito bom.

– Tem razão – disse o monstro. – Mas além de ser feio, não tenho inteligência; bem sei que não passo de um animal.

– Ninguém é um animal quando julga não ter inteligência – replicou Bela. – Um tolo jamais diria isso.

– Coma então, srta. Bela – disse o monstro –, e procure não se aborrecer em sua casa, pois tudo aqui é seu e eu ficaria triste se não estivesse satisfeita.

– O senhor é mesmo muito bondoso – disse Bela. – Tanta generosidade me comove. Quando penso nisso, o senhor não me parece mais tão feio.

– Oh, senhorita, é verdade! – respondeu a Fera. – Tenho o coração bom, mas sou um monstro.

– Há muitos homens mais monstros que o senhor – disse Bela –, e prefiro o senhor com sua feiura àqueles que, sob a pele humana, escondem um coração falso, corrompido e ingrato.

– Se eu tivesse inteligência – replicou a Fera –, eu lhe faria um grande elogio de agradecimento, mas sou estúpido e tudo que posso dizer é que lhe sou muito grato.

Bela comeu com apetite. Já ia perdendo o medo do monstro, mas ficou aterrada quando ele lhe perguntou:

– Aceita ser minha mulher, Bela?

Ela permaneceu um tempo sem responder. Receava provocar a raiva do monstro se recusasse sua proposta. Disse-lhe finalmente, tremendo:

– Não, Fera.

Nesse instante, o desventurado monstro quis suspirar e emitiu um silvo tão terrível que reverberou em todo o palácio. Bela, contudo, não teve receio, porque a

Fera, após dizer-lhe tristemente “Então boa noite, Bela”, saiu de seu quarto, sem deixar de se voltar algumas vezes para admirá-la. Bela, vendo-se sozinha, sentiu uma grande compaixão pela coitada da Fera: “Ai de mim! É realmente uma pena que ela seja tão feia, é tão boa!”

Bela passou três meses naquele palácio razoavelmente tranquila. Todas as noites a Fera lhe fazia uma visita e, durante o jantar, conversava com bastante bom senso, mas nunca com o que chamamos de traquejo social. Todos os dias, Bela descobria novas bondades no monstro: o hábito de vê-lo acostumou-a à sua horripilância e, longe de recear o momento de sua visita, consultava o relógio a todo momento para saber se já eram nove horas, pois a Fera nunca deixava de aparecer nesse horário. Uma única coisa molestava Bela: antes de ir se deitar, o monstro sempre lhe perguntava se ela aceitava ser sua mulher, ficando magoadíssimo quando ela respondia que não. Um dia, ela lhe disse:

– Está me fazendo sofrer, senhor! Eu gostaria de poder desposá-lo, mas minha sinceridade me obriga a dizer que isso nunca acontecerá. Serei sempre sua amiga: procure contentar-se com isso.

– Só me resta aceitar – concordou a Fera. – Não sou cego! Sei que sou horrível, mas amo-a profundamente. De toda forma, é uma felicidade para mim a senhorita querer ficar aqui. Prometa que nunca vai me abandonar!

Ao ouvir tais palavras, Bela corou. Vira, no seu espelho, que o seu pai se martirizava por tê-la perdido e desejava revê-la.

– Posso até lhe prometer nunca abandoná-lo, mas estou com tanta saudade do meu pai que morrerei de dor se me recusar esse prazer.

– Prefiro eu mesmo morrer – disse o monstro – a fazê-la sofrer. Farei com que vá à casa de seu pai. Mas, se não voltar, sua pobre Fera morrerá de desgosto.

– Não – retrucou Bela, chorando –, isso não acontecerá, pois minha afeição é muito grande. Prometo voltar num prazo de oito dias. Vi no espelho que minhas irmãs estão casadas e que meus irmãos partiram para o exército. Meu pai está sozinho: autorize-me a passar uma semana com ele.

– Estará lá amanhã de manhã – disse a Fera. – Mas lembre-se de sua promessa. E quando quiser voltar, basta colocar seu anel sobre uma mesa ao se deitar. Adeus, Bela.

Dizendo essas palavras, a Fera suspirou, segundo seu costume, e Bela foi dormir tristíssima por tê-la inquietado.

Quando acordou, de manhã, estava na casa de seu pai e, após tocar uma sineta ao lado da cama, viu chegar a criada, que não reprimiu um grito ao dar com ela. Ao ouvir aquele grito, o velho correu e quase morreu de alegria ao rever sua filha querida. Ficaram abraçados mais de quinze minutos. Bela, após essas primeiras efusões, julgou não estar em trajes apropriados para se levantar, mas a criada lhe disse que acabava de encontrar no quarto ao lado um grande baú lotado de vestidos de ouro enfeitados com diamantes. Em pensamento, Bela agradeceu à bondosa Fera aquela gentileza. Escolheu o vestido menos suntuoso e disse à criada para guardar os outros, com os quais queria presentear as irmãs. Porém, assim que pronunciou essas palavras, o baú desapareceu. Seu pai lhe comunicou então que a Fera não queria que ela dividisse aquilo com ninguém e imediatamente os vestidos e o baú reapareceram onde estavam.

Enquanto Bela se vestia, foram avisar às suas irmãs, que correram com os maridos. Nenhuma das duas encontrara a felicidade. A mais velha se casara com um jovem fidalgo, formoso como o deus do Amor, mas tão fascinado pela própria beleza que não pensava em outra coisa da manhã à noite. A segunda se casara com um homem de grande inteligência, mas que só a usava para azucrinar a todos, a começar pela mulher. As irmãs de Bela quase arrancaram os cabelos ao vê-la vestida como uma princesa mais linda que o dia.

Nada foi capaz de aplacar sua inveja, que só fez aumentar quando Bela contou como era feliz.

As duas invejosas, tendo descido ao jardim para lá chorarem à vontade, diziam uma à outra:

– Por que será que essa criaturinha é mais feliz do que nós duas? Afinal, não somos mais simpáticas do que ela?

– Querida irmã – disse a mais velha –, tive uma ideia! Vamos segurá-la aqui por mais de oito dias: a Fera, tola como é, ficará com raiva por ela ter faltado com a palavra e talvez a devore.

– Boa ideia, mana – respondeu a outra. – Vamos fazer de tudo para prendê-la aqui.

Tomada essa decisão, subiram e fizeram tantas juras de amizade para a irmã que Bela chorou de emoção. Transcorridos os oito dias, as duas irmãs se descabelaram e fingiram tamanha dor com sua partida que Bela prometeu ficar mais oito dias. Ao mesmo tempo, sentia-se culpada pelo sofrimento que causaria à sua



querida Fera, por quem tinha profunda afeição. Além disso, sentia falta de sua companhia.

Na décima noite que passou na casa do pai, sonhou que estava no jardim do palácio e viu a Fera deitada na relva, agonizante, censurando sua ingratidão. Acordou assustada e chorando.

“Que maldade a minha”, disse consigo mesma, “fazer sofrer um animal tão generoso para mim! É culpa sua se é tão feio? E o que importa se carece de inteligência? Ele é bom, isso vale mais que todo o resto. Por que me recusei a me casar com ele? Eu seria muito mais feliz com ele do que minhas irmãs com seus maridos. Não é nem a beleza nem a inteligência do marido que faz a mulher feliz, são a bondade do caráter e a virtude, e a Fera possui todas essas boas qualidades. Não sinto amor por ela, mas estima, amizade e reconhecimento. Vamos, não posso fazê-la infeliz! Eu me culparia a vida inteira pela minha ingratidão.”

Dizendo essas palavras, Bela se levantou, colocou seu anel sobre a mesa e voltou para a cama. Tão logo se deitou, adormeceu. Quando acordou de manhã, viu com alegria que estava no palácio da Fera. Vestiu-se magnificamente para agradá-la e se entediou mortalmente o dia inteiro, esperando dar nove horas da noite; mas o relógio badalou em vão, a Fera não apareceu. Bela então receou ter causado sua morte. Atravessou o palácio inteiro, gritando e chamando; estava desesperada. Depois de muito procurar, lembrou-se do sonho e correu até o jardim, na direção do canal, onde a vira dormindo.

Encontrando a pobre Fera estendida, desacordada, achou que estava morta. Atirou-se sobre ela, sem sentir qualquer repulsa e, ao ver que seu coração ainda batia, foi buscar água para jogar em sua cabeça. A Fera abriu os olhos e disse a Bela:

– Você não cumpriu sua promessa e a saudade que senti foi tão dolorosa que resolvi morrer de inanição; mas morro contente, pois tive o prazer de vê-la mais uma vez.

– Não, querida Fera, você não morrerá! – disse-lhe Bela. – Viverá e será meu esposo. Neste momento, dou-lhe minha mão e juro ser apenas sua. Ai de mim! Eu julgava ser apenas amizade, mas a dor que sinto me revelou que não posso viver longe de você.

Assim que Bela pronunciou essas palavras, viu mil luzes se acenderem no castelo. Fogos de artifício, música, tudo anunciava uma festa. Mas nem mesmo todos aqueles prodígios conseguiram atrair seus olhos, que, preocupados, voltaram a se

concentrar em sua querida Fera. E qual não foi sua surpresa? A Fera desaparecera e à sua frente ela não via senão um príncipe, mais formoso que o deus do Amor, que lhe agradecia por ter desfeito o feitiço.

Embora aquele príncipe merecesse toda a sua atenção, ela não pôde deixar de lhe perguntar onde estava a Fera.

– Está aos seus pés – disse o príncipe. – Uma fada má me condenou a viver sob aquela forma até que uma bela moça aceitasse me desposar. Além disso, me proibiu de usar a inteligência. Você foi a única pessoa no mundo a perceber a bondade do meu caráter. Mesmo lhe oferecendo a coroa, continuarei seu devedor.

Bela, agradavelmente surpresa, deu a mão ao lindo príncipe para levá-lo. Juntos foram até o castelo, onde Bela quase morreu de alegria ao encontrar, no salão, seu pai e toda a sua família, que a dama do sonho transportara para o castelo.

– Bela – disse-lhe a dama, que na verdade era uma grande fada –, venha receber o prêmio por ter escolhido o lado certo, preferindo a virtude à beleza e à inteligência. Você merece encontrar todas essas qualidades reunidas em uma só pessoa. Será uma grande rainha e espero que o trono não destrua suas virtudes. Quanto a essas senhoritas – disse a fada, voltando-se para as duas irmãs de Bela –, conheço suas almas e toda a sua malícia. Quero que se transformem em estátuas, mas conservem a razão sob a pedra que as envolve. Elas permanecerão à porta do palácio de sua irmã e seu único castigo será testemunharem sua felicidade. Só poderão recuperar sua forma original depois que reconhecerem seus erros. Mas algo me diz que continuarão estátuas para sempre. Tudo pode ser corrigido – orgulho, raiva, gula e preguiça –, mas a conversão de um coração mau e invejoso é uma espécie de milagre.

No mesmo instante, a fada executou um passe de magia com sua varinha e transportou todos os que estavam no salão para o reino do príncipe. Seus súditos o receberam com alegria e ele se casou com Bela, que viveu com ele muitos e muitos anos numa felicidade perfeita, porque baseada na virtude.